

Susana Taulé Piñol

# COMUNICAÇÃO E INTERPRETAÇÕES DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL

CONEXÕES E DIÁLOGOS



editora IFC

Susana Taulé Piñol

# **COMUNICAÇÃO E INTERPRETAÇÕES DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL**

CONEXÕES E DIÁLOGOS

IFC

Blumenau, 2022

**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E  
TECNOLOGIA CATARINENSE**

**REITORA**

SÔNIA REGINA DE SOUZA FERNANDES

**PRÓ-REITORA DE ENSINO**

JOSEFA SUREK DE SOUZA

**PRÓ-REITORA DE PESQUISA,  
PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO**

FÁTIMA PERES ZAGO DE OLIVEIRA

**PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO**

FERNANDO JOSÉ TAQUES

**PRÓ-REITORA DE  
DESENVOLVIMENTO  
INSTITUCIONAL**

JAMILE DELAGNELO FAGUNDES DA SILVA

**PRÓ-REITOR DE  
ADMINISTRAÇÃO**

STEFANO MORAES DEMARCO

**EDITORIA IFC**

**COORDENAÇÃO**

LEILA DE SENA CAVALCANTE

**CONSELHO EDITORIAL**

FÁTIMA PERES ZAGO DE OLIVEIRA

LEILA DE SENA CAVALCANTE

GICELE VERGINE VIEIRA

REGINALDO LEANDRO PLÁCIDO

KÁTIA LINHAUS DE OLIVEIRA

SUELY APARECIDA DE JESUS

MONTIBELLER

HYLSON VESCOVI NETTO

HÉLIO MACIEL GOMES

SANDRO AUGUSTO RHODEN

IZACLAUDIA SANTANA DAS NEVES

MARIO WOLFART JÚNIOR

BRUNO PANSERA ESPINDOLA

JONATHAN ACHE DIAS

ELIANA TERESINHA QUARTIERO

LILIANE CERDÓTES

MARCIO PEREIRA SOARES

ILLYUSHIN ZAAK SARAIVA

ALCIONE TALASKA

DÉBORA DE LIMA VELHO JUNGES

EMANUELE CRISTINA SIEBERT

ANA NELCINDA GARCIA VIEIRA

ANDERSON SARTORI

**PROJETO GRÁFICO**  
PAOLO MALORGIO STUDIO LTDA

**IMAGENS DA CAPA**  
MRA ARQUITETURA

**DIAGRAMAÇÃO**  
PAOLO MALORGIO STUDIO LTDA

**REVISÃO TEXTUAL**  
BENTO JESUS DE ANDRADE

**SINOPSE**  
EDUARDO FRANCISCO FERREIRA

Todos os direitos de publicação reservados. Proibida a venda.

Os textos assinados, tanto no que diz respeito à linguagem como ao conteúdo, são de inteira responsabilidade dos autores e não expressam, necessariamente, a opinião do Instituto Federal Catarinense. É permitido citar parte dos textos sem autorização prévia, desde que seja identificada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/1998) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Piñol, Susana Taulé  
Comunicação e interpretações do patrimônio  
histórico e cultural [livro eletrônico] : conexões e  
diálogos / Susana Taulé Piñol. -- Blumenau, SC :  
Editora do Instituto Federal Catarinense, 2022.  
PDF

Bibliografia.  
ISBN 978-65-88089-20-0

1. Comunicação 2. Patrimônio cultural  
3. Patrimônio histórico 4. Museologia 5. Museus  
I. Título.

22-129938

CDD-069

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Patrimônio histórico e cultural : Comunicação e  
interpretações : Museologia 069

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

Para Pedro, Tiago e João num barquinho...  
e Júlia.



# AGRADECIMENTOS

A autoria nunca será apenas de um autor, no interior deste participam muitas vozes alheias. Esta obra foi fruto do diálogo, não necessariamente face a face de pessoas que participaram direta e indiretamente na construção do conhecimento nela apresentado. De tal conexão, não posso deixar de referenciar os autores e autoras citados ao longo deste livro, minha conversa com eles e elas, apesar de não necessariamente nos conhecermos pessoalmente, ou mesmo virtualmente, foi bastante profícua, a ponto de, em muitos casos, trazer a enunciação deles e delas entre aspas.

No âmbito institucional, estendo meus agradecimentos, na pessoa do professor Luiz Ernesto Merkle, ao Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE/UTFPR); na pessoa da professora Luisa Maria Gomes de Mattos Rocha, ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio e Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPG-PMus/UNIRIO/MAST), especialmente aos professores autores Luiz Carlos Borges, Nilson Alves de Moraes, Marcus Granato, Ivan Coelho de Sá e às professoras autoras Teresa Cristina Scheiner, Maria Amélia Reis, Helena Cunha de Uzeda e Diana Farjalla Correia Lima que, primeiramente, conheci pelas suas publicações e, posteriormente, pelas suas brilhantes e saudosas aulas.

Agradeço também à Fundação Catarinense de Cultura (FCC), ao Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras (MNM-EB), à MRA Arquitetura e a ArcelorMittal que mantiveram disponível o acesso ao campo de estudo.

Carinhosamente agradeço ao Sr. Conny Baumgart, à Rosete Menezes, ao Márcio Rosa, à Ana Lúcia Coutinho, ao Amyr Klink, ao Professor Dalmo Vieira Filho e à Andrea de Oliveira, aos colegas professores Rômulo Schweitzer e Vitor Moraes e seus bolsistas que deram voz às análises e autorizaram a publicação de seus depoimentos via Plataforma Brasil, bem como aos demais entrevistados que participaram dos estudos preliminares sobre a poligonal tombada do Centro Histórico de São Francisco do Sul/SC, conduzida em parceria com os bolsistas Gabriel, Rúbia, Sara, Maria Cecília e Júlia.

Por fim, mas não menos importante, agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC) pelo apoio à minha formação acadêmica e profissional e pelo apoio às bolsas de Iniciação Científica ofertadas em parceria com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), cujo fruto já pode ser constatado em dois capítulos deste livro nos quais os bolsistas participam como coautores.

# APRESENTAÇÃO

Um patrimônio sempre será parcial, jamais se fecha, jamais atinge uma totalidade, vem de um conhecimento situado, produzido por sujeitos situados e suas posições enunciativas. Que vozes, então, participaram ou participam deste processo? Que escolhas foram feitas? Como seriam as enunciações de quem não está contemplado em uma exposição museológica; ou não tem registros nas versões oficiais da história? Destino este livro àqueles que buscam aderências e ressonâncias em um patrimônio para chamar de seu, que buscam museus mais dialógicos ao elucidar que estes já são dialógicos, embora muitos não evidenciem o dialogismo que transgride suas paredes; enquanto outros o fazem sem perceber.

Nas interfaces entre comunicação, cultura e patrimônio, nos acontecimentos enunciativos de um outro, via acervo, vozes desta e de outras épocas, desta e de outras culturas, são conhecidas e reconhecidas, escutadas mas também suprimidas, abaladas, incompreendidas, distorcidas. O espaço museológico reúne características para os sujeitos refletirem e refratarem sobre objetos, significados e valores dos outros e, ao mesmo tempo, refletirem e refratarem seus próprios objetos, significados e valores.

No âmbito da comunicação e interpretações do patrimônio histórico e cultural, cabe compreender que esse comunicar não restringe-se ao objeto *per si*, e nem à relação do objeto com as pessoas. Sob a ótica bakhtiniana, o que há é a oferta de um diálogo das pessoas com as pessoas considerando os atos discursivos que perpassam o patrimônio, as exposições. Sobre um fato, sobre um assunto, sobre um único objeto do acervo residem diferentes pontos de vista, são diferentes enunciações oriundas do passado, pronunciadas no presente e reinterpretadas no futuro.

O contato com o patrimônio, legado de outras civilizações, o acesso a objetos musealizados nos compele a um ambiente complexo, que nos toma por todos os lados, muitos dos quais não percebidos de imediato, outros sequer percebidos pregressamente. Diante da complexidade das interpretações patrimoniais e suas distintas formas de comunicação: exposições, tecnologias da informação e da comunicação, relatos da comunidade, indícios forjados ao longo dos sécu-



los em materialidades, este livro aborda o tema comunicação e interpretações do patrimônio histórico e cultural sob a ótica do dialogismo do filósofo russo Mikhail Bakhtin e do Círculo de Bakhtin que no século passado debruçaram-se, sobremaneira, em obras literárias, muitas de Dostoiévski, para compreender em profundidade, no tecido social, o enunciado concreto, singular e irrepetível e seus enlaces na constituição de sujeitos.

A Parte I deste livro, em detalhes, possibilita ao leitor perceber que desde a concepção de uma exposição a complexidade está presente, embora não seja percebida de pronto e jamais seja percebida em sua totalidade. As características do processo de musealização: permanência, transmissão, produção de conhecimento e ato ideológico perpassam este fazer e vão se constituindo da musealidade para a museália. Esse movimento não se encerra. Na rede de atos discursivos que se instaura no processo de musealização não há acabamento. Qualquer tentativa de sinalizar que a museália não pertence à vida, mas ao mundo fechado dos objetos, é ilusória<sup>1</sup>.

Isso não significa dizer que tal objeto não tenha adquirido um outro valor, cultural e simbólico, em um outro lugar social; significa, entretanto, dizer que o discurso sobre o objeto não se encerra no museu, nem tampouco em um centro histórico tombado. Nos espaços museológicos, guias de turismo, monitores, mediadores, artistas iluminam diferentes facetas do acervo, enunciam a história com os seus realces. E por isto, a exposição jamais é acabada.

Em busca de um constante confrontar para ampliar nossas perspectivas pelas experiências alheias, a Parte II apresenta alguns avanços preliminares das pesquisas realizadas pelo Núcleo de Estudos de Patrimônio e Tecnologia - PatriTec/SC, no campo do Patrimônio e seu enlace com as Tecnologias de Informação e de Comunicação - TICs. No início de 2020, duas inquietações conduziram as pesquisas deste grupo de estudos envolvendo alguns bolsistas com o apoio CNPq/IFC no Câmpus São Francisco do Sul. De um lado, a ausência de vínculos mais expressivos com o patrimônio histórico e cultural da localidade, principalmente, junto aos cidadãos e turistas mais jovens, de outro, o impacto das TICs na interpretação e percepção do real, na análise da prática museológica, na atuação dos museus como agentes de mudança social e na análise das relações entre o discurso museológico e as novas gerações.

Aos leitores, um convite ao diálogo.

# SUMÁRIO

## PARTE I

|   |                                                                      |    |
|---|----------------------------------------------------------------------|----|
| 1 | Fertilização entre Áreas do Conhecimento                             | 12 |
| 2 | Patrimônio, Musealização e Comunicação: Multiplicidades de Vozes     | 18 |
|   | 2.1 O museu em um centro histórico, o centro histórico em um museu   | 21 |
| 3 | Análise de Conexões e Diálogos entre o Presente e o Passado          | 41 |
| 4 | Grande Temporalidade e Responsividade com Reinterpretações no Futuro | 54 |

## PARTE II

|   |                                                                                               |    |
|---|-----------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| 5 | Práticas Investigativas em Patrimônio e Tecnologia                                            | 64 |
| 6 | Mapeando Conexões e Interpretações na Comunicação de Museus                                   | 70 |
|   | 6.1 Análise do macro e microambiente da localidade                                            | 74 |
|   | 6.2 Conexões potenciais do museu com seu entorno                                              | 78 |
| 7 | Atributos do Carnaval de Rua de Antigamente para Matriz de Aderência e Compreensão Patrimonia | 85 |
|   | 7.1 Método de aplicação da ferramenta de diagnóstico                                          | 89 |

|                             |           |
|-----------------------------|-----------|
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> | <b>93</b> |
|-----------------------------|-----------|

|                    |           |
|--------------------|-----------|
| <b>REFERÊNCIAS</b> | <b>95</b> |
|--------------------|-----------|



# PARTE I





# I FERTILIZAÇÃO ENTRE ÁREAS DO CONHECIMENTO

No limite não tão estaticamente definido entre áreas do conhecimento objetivamente definidas, no fenômeno do conhecimento fronteiriço, ocorre, nas palavras de Lima (2003, p. 153), uma espécie de fecundação oriunda “do processo interativo de trocas recíprocas entre dois ou mais campos/disciplinas, desenvolvido nas questões e labutas exercidas pelas equipes mistas”.

Em questões de comunicação e interpretações do patrimônio histórico e cultural reúnem-se profissionais de distintas formações. Nos Estados Unidos, em Pequim, Tóquio, Barcelona ou Buenos Aires, quem administra museus, faz curadorias de exposições ou atua como artista estuda antropologia, comunicação e economia para desenvolver estratégias de marketing cultural. Além disso, leem livros e revistas, em papel ou eletrônicos, seguem blogs e cultivam redes sociais. Suas atividades não se atém somente ao mundo da arte<sup>2</sup>.

A produção de conhecimento é uma das características da musealização. As evidências materiais das pessoas, dos povos e do seu ambiente foram e continuam sendo coletadas ao longo dos tempos, algumas são selecionadas, preservadas, musealizadas... O objeto patrimonial, ou aquilo que comumente chamamos de patrimônio, é o conjunto do objeto e de todo o aparelho que o documenta que traz o conhecimento sobre ele e o mundo de onde vem. Logo não somente o objeto conservado e o estatuto que lhe conferiram aqueles que o “encontraram”<sup>3</sup>, mas o saber que serviu para conhecê-lo e estabelecer de onde ele vem constituem o que deve ser mostrado no presente. O Patrimônio é fundamentado em saberes produzidos por meio da escrita.

A museologia como área de estudo centra-se no fenômeno Museu, na relação específica entre o homem e a realidade. E, embora seja comum a associação da exposição de acervos em museus, é importante compreender que o objeto de estudo da Museologia não são os museus; o objeto de estudo da Museologia

---

2      Garcia Canclini (2016, p. 46)

3      Davallon (2015).

é a musealidade. A Museologia preocupa-se em entender a musealidade, esse aspecto específico da realidade, em seu contexto histórico e social, por este motivo incorpora metodologias de outras áreas. Para uma compreensão ativa, é preciso conhecer um pouco mais sobre a arena museológica.

Como símbolos de poder e instrumentos de propaganda, desde muito tempo, triunfos e glórias de nações foram exaltados em museus legitimando diversos movimentos expansionistas e colonialistas europeus. O papel dos museus, durante séculos, foi ser guardião dos tesouros da classe dominante, principalmente obras de arte e objetos exóticos obtidos nos saques de guerra e nas viagens de conquista<sup>4</sup>. O crivo repleto de intenções para seleção de objetos a serem expostos, naturalmente, seguia este delineamento institucional. Exercendo um papel reconhecidamente relevante na sociedade, os museus fizeram parte do processo de modernização, da economia de mercado e das novas políticas sociais. O que tem ou não valor envolve, nos séculos passados, famílias ou instituições que esbanjavam recursos e que sustentavam os museus. Pelo desaparecimento gradativo da nobreza e a inviabilidade do sustento de um museu por parte de uma só pessoa, passou-se ao mecenato de grupos, ou seja, sociedades de amigos de museus<sup>5</sup>.

No âmbito nacional, valor histórico era atribuído às peças pertencentes a algum personagem exemplar ou a eventos tidos como gloriosos; já valor artístico mereciam as obras produzidas dentro dos cânones estéticos das academias de arte do Brasil e do exterior. Ambos assumem, em uma dimensão instrumental, a função de construir uma representação de nação. A função de guardião e de difusor da memória nacional caminhava ao lado da agência educativa em uma clara intenção de propagar uma consciência patriótica<sup>6</sup>.

No domínio cultural e artístico podem-se distinguir duas grandes abordagens da mediação: a diretiva e a construtivista. A mediação diretiva, em sua forma mais pobre, fornece apenas um sistema interpretativo, impondo um único tipo de compreensão ao objeto. Em sua forma mais rica, produz sistemas interpretativos que se articulam, ou não, buscando trabalhar conjuntamente. A mediação construtivista, diferentemente, por diversos meios contribui para o surgimento de um ou mais processos interpretativos pelo “destinatário” da mediação<sup>7</sup>.

---

4 Barreto (2003, p. 73).

5 Clifford (2016).

6 Faria (2017, p. 103-104)

7 Darras (2009)

O passado museológico brasileiro refletia padrões culturais, valores e modelos de sociedade ditos mais adiantados carregando uma mentalidade, por assim dizer, colonial<sup>8</sup>. Registros históricos deflagram o início da institucionalização dos museus no Brasil, sob uma forte marca estatal de Gustavo Barroso, centralizadora e autoritária<sup>9</sup>. Nesse contexto, as demandas do Estado e as concepções europeias encontraram um jeito de se incorporar expressando a visão estética e o poder predominante na maior parte do século XX.

A partir de 1945, no auge do nacionalismo, as colônias, sobretudo as francesas, nos continentes africano e asiático começam a se apropriar da noção europeia de patrimônio. Em diferentes pontos do mundo nota-se que os museus deixam de ser exclusivamente preservadores de objetos de arte e de relíquias e passam a desempenhar também um papel relevante na formulação de políticas dos estados nacionais<sup>10</sup>. Se nos países industrializados da Europa, os museus buscavam atingir as massas de adultos que, ao trabalharem desde crianças, chegavam “empobrecidos” e “violentos” na fase adulta; do outro lado do Atlântico, sem um vínculo direto com as escolas, os museus serviam para aclimatar e ambientar os contingentes de imigrantes à língua, tradições e costumes americanos<sup>11</sup>.

Na maior parte da América Latina surgiram os museus fundados com a intenção de trazer para o novo mundo os padrões científicos e culturais das nações colonizadoras<sup>12</sup>. A propagação de narrativas monológicas, com a pretensão de serem únicas e verdadeiras, encontra vários registros observáveis em trechos extraídos de diversos autores em diferentes épocas:

---

8 Araujo (2010, p. 112).

9 Moraes (2010, p.11).

10 Santos (2014).

11 Suano (1986, p. 60)

12 Fonseca (1997, p. 71).



## Quadro 1 – Narrativa monologizantes no campo da museologia

|                           |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|---------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Viana (2008, p.20)        | [...] os museus agem como alambiques de tempo congelado, que depuram dentro de seus muros o que é concebido como a essência da nação. Neste processo de purificação, todos aqueles achados se separam do essencial, que, mesmo aderidos a sua história, não são estimados como relevantes.                                                                                                     |
| Barretto (2003, p.63-64). | [...] as coleções refletiam a vaidade de seus donos, mostrando riquezas na forma de objetos de uso ou de obras de arte, às vezes, produto de saques de guerra, ou bem curiosidades trazidas dos exóticos países colonizados, não raro falsificadas, como sereias e o unicórnio marinho [...]                                                                                                   |
| Neiva e Perrone (2013)    | A fama e a reputação, desejadas tanto pela aristocracia como pela burguesia, via exposição de objetos capturados, raridades e registros de grandes feitos amplificaram-se ainda mais com o adensamento das práticas de trocas, sobremaneira, com as Grandes Navegações. As narrativas que acompanhavam os objetos expostos refletiam, obviamente, a perspectiva da classe que estava no poder. |

Fonte: Elaborado pela autora

O filósofo Mikhail Bakhtin define este movimento de propagar uma única verdade, hegemônica e dominante como forças centrípetas. No movimento contrário estão as forças centrífugas que resistem. São maneiras externas e visíveis de mostrar outras vozes no discurso. Valorizar estas perspectivas marginais do conhecimento, de modo a expor os pressupostos não examinados pela epistemologia dominante, são formas de balancear as forças centrípetas e centrífugas. As relações dialógicas são um complexo de relações entre pessoas socialmente organizadas e um tenso combate dialógico ocorre nas fronteiras. Neste dialogismo incessante, no todo cultural, assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas, e é justamente neste jogo axiológico que estas forças se apresentam.

Em 1946, na Europa, foi oficializada a criação do Conselho Internacional de Museus (ICOM) e, algum tempo depois, do ICOFOM, seu Comitê de Museologia<sup>13</sup>. Neste mesmo período, aos esforços de regulação e visibilidade das instituições museais, somaram-se as ações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Aos poucos nota-se certo avanço de mediações construtivistas. Pelos diversos meios, a mediação construtivista busca seus espaços de expansão. Apresentar uma pedra é diferente de associar ela a uma apresentação que mostre como ela foi formada. A mesma pedra inserida em um contexto de grupamentos humanos pode contar outra história e oferecer novas perspectivas. São poucos os museus que fornecem o mínimo de orientação e que deixam os visitantes tirarem suas próprias conclusões.

13 Cándido (2010, p. 145).

Nesse percurso, a museografia do objeto, que concentrava neste uma importância carregada pela ciência positivista do século XIX, passou a dividir espaço com a museografia da ideia, que via o objeto como portador de informação, e mais adiante, com a museografia do enfoque ou do ponto de vista. O olhar descentra-se do objeto e reconhece os visitantes como autores principais<sup>14</sup>. No campo museal, em diferentes países, a preocupação direciona-se para a comunicação museológica destinando esforços em diversas ações de extensão e de educação. Embora nos séculos passados constatem-se alguns ensaios, é no museu do século XXI que se abre um espaço dialógico para a comunidade científica e para o público desdobrando-se em muitas ideias sobre o papel dos museus na sociedade.

A participação da América Latina na Museologia Internacional se consolidou na segunda metade do século XX. No âmbito do pensamento da museologia brasileira, além da Declaração da Mesa-redonda de Santiago do Chile, três documentos são fundamentais: as conclusões do Seminário Regional da Unesco sobre a função educativa dos Museus (Rio de Janeiro, 1958), a Declaração de Quebec de 1984, que sistematizou os princípios básicos da Nova Museologia, e a Declaração de Caracas de 1992, que reafirma o Museu como canal de comunicação. Desde então, a função comunicativa do museu vem aparecendo como uma função essencial: o museu é um espaço de comunicação. Sem deixar de colecionar, pesquisar, cuidar das coleções e da educação museal, com uma memória, por assim dizer, materializada, a essência do museu é comunicar<sup>15</sup>.

A comunicação museológica constitui-se em um processo global do qual faz parte a produção, a veiculação, a difusão, o consumo e a recepção, compreendendo exposição e educação. Trata-se de uma subárea do conhecimento da Museologia que fundamenta as comunicações em museus e, em última análise, conecta o conhecimento do passado com o presente e o futuro.

O processo de musealização aproxima os conceitos de museologia e de museografia porque descreve, especifica e analisa como a sociedade percebe seu patrimônio<sup>16</sup>. Com o tempo, à medida que considerou-se que as próprias anotações do engajamento da comunidade geram patrimônio, uma outra área do conhecimento tornou-se relevante: a Ciência da Informação (CI). Como informar é diferente de produzir conhecimento e as redes de informação fazem

---

14 Franco Avellaneda (2013).

15 Tomislav Solá (1989).

16 Scheiner (2013, p. 359).

circular o conhecimento mas não o produzem, percebe-se o quanto a CI agrega valor às questões relativas ao patrimônio.

A interface da Museologia com os demais saberes e práticas sociais foi registrada por, pelo menos, três proeminentes estudiosas brasileiras da área da museologia: Maria Cristina Oliveira Bruno, Teresa Cristina Scheiner e Diana Farjalla Correia Lima.

Quadro 2 – Interfaces da Museologia com outras áreas do conhecimento

|                                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|--------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Bruno (2020, p. 20)                        | Museologia é um campo que identifica, articula, manipula, projeta e preserva indicadores de memórias enquadrando-os como referências patrimoniais a partir de caminhos próprios, mas sempre em conexão com outros olhares e diversos campos científicos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
| Scheiner (2013, p. 359) e (2015, p. 10-14) | A percepção do caráter comunicacional da Museologia permite que ela seja entendida como fluxo - de ideias e de práticas - e que configure um campo específico, que se constitui/reconstitui na interface entre os demais saberes e práticas sociais.<br>[...] uma interface permanente com o campo da Comunicação, que é exatamente o âmbito reflexivo onde se apreende o Museu como instância relacional, plena de sentidos.<br>A prática museológica admite a captura, para fins de estudo, dos processos e produtos musealizáveis e musealizados. Eis o que caracteriza, em essência, a interface entre a Museologia, a Comunicação e a Ciência da Informação.                                                  |
| Lima (2008, p. 7)                          | A movimentação e situação que foram mencionadas e relacionadas ao exemplar museológico – a peça; constitui dado informacional registrado na sua ficha catalográfica (representando-a em minúcias físicas e contextuais), anotando facetas técnicas, administrativas, legais, etc., e dando ‘colorido’ às situações relacionadas à ‘vida da peça’, o histórico do bem cultural sob guarda da instituição. O processo de agregar informação é, no cotidiano do trabalho, reconhecido como ganhar informação. De modo contrário: deixando de registrar o objeto perde informação configurando lacuna informacional, implicando até em desconhecer fatores necessários e relativos à segurança e legalidade do acervo. |

Fonte: Elaborado pela autora.

Acompanham o objeto patrimonializado, musealizado ou musealizável informações sobre alguns conhecimentos a seu respeito que são divulgadas, muitas das quais foram produzidas anteriormente, em outros locais. Reescrever as coisas no presente sem apontar de onde se originaram e como aconteciam no passado é mitificar, é recriar sob um véu de ilusão. Responsivamente é relevante perceber que a informação gera sinais, mas não produz sentidos para o pensamento. O processo é tão ou mais relevante que o resultado em si. Em vez da ciência feita e validada, a ciência sendo feita; do artefato pronto, o fazer do artesão, do mestre; do prato típico à mesa, da evolução da receita no seio da comunidade... Neste entrecruzamento de muitas impressões do real é necessário perceber o patrimônio como um múltiplo de múltiplos.

## 2 PATRIMÔNIO, MUSEALIZAÇÃO E COMUNICAÇÃO: MULTIPLICIDADES DE VOZES

A formação de um patrimônio é resultado da atividade de colecionamento cujo efeito, para todo e qualquer grupo humano, é demarcar um domínio subjetivo em oposição a um determinado “outro”. Entretanto, em muitas sociedades o patrimônio é constituído por processo de acúmulo e retenção de bens com o propósito de redistribuição ou destruição. Entre distintas culturas, a categoria “patrimônio” assume diversas dimensões semânticas; é importante perceber tal diversidade para transitar de uma à outra cultura.

A oposição do patrimônio dito “imaterial” ou “intangível”, mais recente, ao patrimônio “de pedra e cal”, mais tradicional, evidencia como patrimônios desta ‘nova’<sup>17</sup> categoria: lugares, festas, religiões, dança, música, culinária, técnicas etc. Nestas circunstâncias, no lugar do tombo, vem o registro das práticas e das representações e a preocupação em acompanhar sua permanência e suas transformações.

O patrimônio refere-se a pessoas, à origem e à história de uma comunidade. Preservá-lo é negociar a identidade das pessoas e dos lugares. Olhar para os acontecimentos enunciativos diante de vestígios visuais, das evidências físicas da existência de um outro, é nos aproximar em diálogo desse outro e dos outros com quem ele já dialogou, é voltar o olhar, continuamente, para o passado em uma expectativa de dar sentido ao presente e de propor mudanças tendo em vista um futuro melhor.

A patrimonialização é um processo pelo qual um novo laço vai ser construído entre o presente e o passado. Os principais elementos no processo de patrimonialização são: um interesse social pelo objeto imaterial e a possibilidade de um conhecimento desse objeto e de seu mundo de origem. No objeto, dentro de suas múltiplas possibilidades de informação, há as intrínsecas, presentes no

---

17 Para muitos estudiosos, a divisão entre patrimônio material e imaterial não faz sentido.

objeto supostamente mais fáceis de recuperar; e as extrínsecas, que necessitam de outras fontes para serem recuperadas. Destas últimas, nem todas serão acessadas<sup>18</sup>. No processo de patrimonialização o saber nem sempre é recebido daqueles que o possuíam. No caso de comunidades vivas, isto ainda é possível, mas no caso de comunidades que não existem mais, o valor é reconstruído e proposto por aqueles que encontraram o objeto.

Diante da possibilidade de diversos contornos semânticos, bem mais complexo que os debates políticos e ideológicos sobre o tema é compreender Patrimônio como categoria de pensamento que necessita ter como referência o ponto de vista do outro; o eu e o outro em constituição. Tal ampliação e difusão do conceito de Patrimônio deve-se à tendência do pensamento contemporâneo que distancia-se da certeza e da estagnação para articular teorias e práticas interdisciplinares em meio à complexidade e a observação que contempla o processo para além de qualquer resultado.

Essa necessidade de ressignificar os campos da cultura, do patrimônio e do desenvolvimento sustentável das populações envolveu a Antropologia, as Artes, a Administração, a Ciência da Informação e afetou o desenvolvimento da Museologia, incluindo debates expressivos relacionados à comunicação museológica e a definição do termo museu no âmbito internacional.

Uma mesa<sup>19</sup> exclusiva para reflexões teóricas da definição de museu, a exemplo de outras partes do mundo, engendrou em 2020 os debates do XXVIII Encontro do Subcomitê Museologia para a Latinoamérica e Caribe do Comitê Internacional de Museus (ICOFOM LAC), embora o ICOM tenha sido criado em 1946 por e para profissionais de museus. Tal repensar envolveu seus mais de 35.000 membros e atores do campo, que representam a comunidade global de museus, organizada por um fórum diplomático composto por especialistas de 136 países e territórios.

De espaços reverenciais a ecomuseus, os museus preservam a permanência das enunciações de outros nos vestígios visuais dos acervos e das informações que os acompanham; disponibilizam tais acervos via exposições a fim de que outros possam delas se aproximar; reinterpretem os registros que decidem es-

---

18 Padilha (2014, p. 36).

19 Chamada Mesa 1- Reflexões teóricas sobre a definição de museu. No momento em que o ICOM propõe levar adiante uma redefinição do conceito de museu, essa mesa se abre à apresentação de trabalhos que proponham análises teóricas tanto das definições em voga como de outras propostas ou possibilidades, enfatizando a perspectiva teórica e epistemológica latino-americana e caribenha sobre qualquer conceitualização possível da instituição museal.



tudar e preservar ao produzirem conhecimento científico e o fazem mediante enunciações concretas, portanto, jamais desprendidas de ideologias. Isto permite pensar que o museu, nos seus processos de musealização, tece uma cadeia operatória que subsidia a comunicação discursiva na vinculação entre passado, presente e futuro.

As pessoas, entre outros motivos, visitam museus porque querem conhecer ou aprender mais sobre um assunto, ampliar a sua visão de mundo. Dito isso, a primeira característica fundamental da musealização, vislumbrando o contexto histórico de formação deste conceito, é a permanência. A permanência do objeto como testemunho, e do saber fazer passado ao longo dos séculos: dos mestres aos aprendizes. Em uma instância relacional, entre eu e o outro, pode-se compreender os museus como fontes de passagem para o estabelecimento de elos na cadeia de comunicação discursiva entre o passado, o presente e o futuro, onde tal conhecimento, vivências, experiências de um passado ganham eloquência. E a Musealização, esse processo de seleção, suspensão, retirada de objetos de certo circuito e reposicionamento dele em uma instituição, no museu, mantido por uma gestão, cuja administração permite que recebam cuidados, deve ser desenvolvido com a maior responsividade.

Se observarmos bem, para além do estado físico, tanto os livros nas bibliotecas como os acervos nos museus não devem ser reduzidos a meros objetos colecionáveis. Nas obras científicas, estudos bibliométricos ilustram em gráficos as conexões entre autores e obras citadas ao longo do tempo mostrando a cadeia de citações e *clusters* de pesquisadores que dedicam seus esforços em torno de determinado tema.

A estreita semelhança entre a arte e a literatura já foi mencionada na literatura, mas ainda há um caminho a percorrer para as instituições do patrimônio. Na incessante busca pela permanência fundamenta-se a ideia de patrimônio, assim como no ato de comunicar, os enunciados de um outro retornam à cadeia de comunicação discursiva, reavivando-os sob aproximações e interpretações de sujeitos em um tempo presente, endereçando-os ou não a destinatários do futuro. Nos museus, em cada exposição, há conexões que não percebemos de

imediatos, conexões que estabelecemos ou que deixamos de estabelecer ainda que sejam relevantes para nós.

Na qualidade de espaço dialógico, o museu reconfigurou suas ações e seus espaços ampliando seus horizontes para propiciar novas experiências capazes de engajar a sociedade na produção de olhares diversos; e a comunicação surge do entrelaçamento dos processos museológicos, propiciando novas leituras e sentidos capazes de promover interações com os visitantes<sup>20</sup>. Ao mesmo tempo, em direção ao passado, há o compromisso de possibilitar aos herdeiros do futuro novas interpretações, singulares e irrepetíveis.

Em determinadas épocas, um ou alguns poucos são reconhecidos como patrimônios materiais ou imateriais em detrimento de outros tantos, assim o patrimônio vai sendo constituído. Em cada momento político, o patrimônio contribui para a legitimidade de poder, sua perda constitui um sacrifício e sua conservação pressupõe sacrifícios, pois nem todos que poderiam ocupar aquele lugar tiveram a possibilidade de serem conservados<sup>21</sup>. Nas questões que envolvem patrimônio, memória e valores estão presentes as relações de poder segundo a posição que ocupam as pessoas que decidem, visto que diante das disputas que atravessam o tecido social, tais posições ajudam a determinar o que e de que forma será preservado, por exemplo, determinada edificação. Na ressignificação da ideia de patrimônio, admite-se a existência de vários patrimônios, cada um deles correspondendo a um olhar, a um modo diferente de apropriação<sup>22</sup>.

## **2.1 O MUSEU EM UM CENTRO HISTÓRICO, O CENTRO HISTÓRICO EM UM MUSEU**

Para compreendermos o contexto da multiplicidade de vozes bakhtiniana proponho aprofundarmos a análise do dialogismo que envolve o processo de musealização de um diorama. Tal acervo, exposto no Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras (MNM-EB), consiste em uma miniaturização representando as décadas de 1930 a 1940 do Centro Histórico de São Francisco do Sul, Santa Catarina, Brasil.

São Chico é como a cidade de São Francisco do Sul situada no litoral norte do estado catarinense é chamada por seus moradores. Antes de saber um pouco

20 Rocha (2020, p.1).

21 Dos pensamentos de André Chastel citado por Poulot (2009, p.14).

22 Scheiner (2009, p.50).

mais sobre o tombamento de seu Centro Histórico é interessante observar como algumas pessoas que conhecem a cidade ou que estudaram sobre ela a apresentam.

### Quadro 3 – Apresentações de São Francisco do Sul/SC

|                                                                                                                                                             |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Ana Lúcia Coutinho, antropóloga e, na época da entrevista, Presidente da Fundação Catarinense de Cultura, WhatsApp/ Florianópolis, entrevista em 03/11/2020 | <p>Depois dos franceses que aportaram ali em 1504, vieram espanhóis e portugueses para essa terra, para essa cidade de belas ilhas, também à beira mar. Uma cidade que desde sempre é uma baía natural, uma baía que abriga com facilidade as embarcações que por ali passam.[...], uma cidade portuária. Bem mais adiante da chegada dos espanhóis e portugueses, na segunda metade do século XIX, São Francisco foi porta também de entrada para os imigrantes de diversas nacionalidades que vieram colonizar Santa Catarina. E São Francisco também foi um entreposto comercial extremamente importante dessa região sul, conservando até hoje grande número de monumentos históricos que estão tombados a partir de seu fluxo migratório.</p> <p>São Francisco do Sul é encantadora por suas histórias, por suas lendas e por todos que ali passaram e deixaram um pouquinho da sua identidade e da sua forma de fazer uma cidade. Para além disso, ela também abriga um conjunto fantástico do início do século XIX que são as edificações Hoepcke e que passou a abrigar, no início da década de 90, o Museu Nacional do Mar. Este sim merece também uma atenção muito especial porque é um museu que congrega uma das maiores instituições do gênero na América e agrega uma das maiores coleções de embarcações a vela do país, um patrimônio naval fantástico! [...] Ela habita no meu imaginário como uma cidade muito interessante, sempre pronta a receber todo e qualquer imigrante [...] e dentro da sua preservação ela consegue integrar [...] fazer com que pessoas de toda parte do mundo [...] e do Brasil venham visitar São Francisco do Sul. [...] não agrega ((a cidade)) só pela beleza natural que ela tem, pelas ilhas, pela sua baía inteiramente navegável e que abriga as embarcações que por ali passam, mas ela também recebe e abriga pelo casario intacto que tem ali.</p> |
| Amyr Klink, navegador; Zoom/ São Paulo, entrevista em 03/11/2020                                                                                            | Cidade portuária, um espaço histórico e urbanístico maravilhoso, colado no mar e pouco reconhecido no Brasil.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, WhatsApp/ São Francisco do Sul, entrevista em 11/11/2020                                                                | São Francisco é uma cidade de muito valor histórico, que é acolhedora, tem muitas belezas naturais. Ela é uma cidade que tem uma economia apoiada na movimentação portuária mas que tem também o turismo como um excelente viés econômico. Além de praias, trilhas e os parques que têm na cidade, de todas essas belezas históricas, a gente tem um Centro Histórico que eu sempre achei inspirador e que mostra um pouco de como a cidade evoluiu [...] ali é o nascimento da cidade então acho que ele tem um valor muito grande. E é no Centro Histórico que a gente encontra e pode visitar o Museu do Mar que [...] é um dos maiores e grandes atrativos de toda a Região Norte do Estado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
| Neiva de Assis, autora da tese <i>Cidade polifônica: indícios de memórias outras na paisagem</i> publicada em 2016.                                         | [...] um conjunto paisagístico, uma fachada visível e oficialmente valorizada que se vê a partir da observação do mar: um cenário composto pela igreja, praça, rua litorânea, fonte d'água, enfim, um território caracterizado como paisagem cultural e valorizado justamente por seu conjunto visual. O reconhecimento de São Francisco do Sul como patrimônio histórico e artístico nacional deu-se e se dá, portanto, por essa arquitetura portuguesa, caracterizada por dezenas de casarões centenários, justapostos, coloridos, com imensos janelões e grandes portas [...].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.

São Francisco do Sul é um município localizado no litoral norte de Santa Catarina e possui cerca de 52.000 habitantes. A história da cidade remonta ao navegador francês Binot Paulmier de Gonneville, que realizou a primeira expedição nesse território no dia 5 de janeiro de 1504, o povoamento efetivo só aconteceu no ano de 1658 e sua fundação ocorreu no dia 15 de abril de 1847. A cidade carrega uma grande bagagem cultural, a parte histórica por meio de suas edificações e também suas condições geológicas favoráveis despertam a atenção de turistas<sup>23</sup>.

No auge econômico da Baía Babitonga, no Centro Histórico residia quem tinha poder, quem era rico, e na decadência da economia da cidade, com a transferência das movimentações portuárias para outros locais em função dos produtos comercializados, essa pujança minguou<sup>24</sup>. O que, de certa forma, foi positivo para as edificações coloniais, pois ficaram estagnadas, não foram derubadas nem substituídas por construções mais modernas.

O patrimônio arquitetônico situado na parte antiga da cidade é formado por cerca de 400 imóveis, construídos a partir do século XVIII. O arquiteto, urbanista e professor Dalmo Vieira Filho e o prefeito de São Francisco do Sul na época do tombamento<sup>25</sup> do Centro Histórico, José Schmidt, são reconhecidos em documentos e relatos orais como nomes importantes em todo o processo de patrimonialização. Dalmo Vieira<sup>26</sup> esteve à frente desde o início, na concepção do processo de preservação, acompanhando todo o desdobramento e incluindo a cidade no Programa Monumenta<sup>27</sup>.

Na perspectiva dos técnicos, não havia em São Francisco do Sul uma arquitetura de característica monumental, havia um casario mais rudimentar. Ainda assim, o tombamento foi defendido com a perspectiva de uma cidade-documento, em vez de uma cidade-monumento; sendo destaque a exaltação da paisagem, referenciando a Igreja Matriz e a praça, menção ao apogeu e à decadência da movimentação portuária e seus efeitos na preservação do casario.

Para compreender o processo e seus contornos na produção de saberes sobre as edificações ali instaladas com vistas a sua patrimonialização, não se

23 Mais informações sobre a localidade são detalhadas nos Capítulos 6 e 7.

24 Assis (2016).

25 1981.

26 Ator fundamental para a estruturação de uma política patrimonial para o Estado de Santa Catarina (ASSIS, 2016, p. 114).

27 O Programa Monumenta inicia-se efetivamente no ano 2000. Como partida, o Ministério da Cultura institui um Comitê de Especialistas para a elaboração da “Lista de Prioridades do Monumenta”, organizando uma listagem dos 101 sítios e conjuntos urbanos sob proteção federal. (BEZERRA; SERRES, 2019).

pode desconsiderar que ações de proteção legal que envolvem tombamentos e a própria atuação dos técnicos das instituições com poder de polícia seguem referências culturais com bases em origens técnicas especializadas ou políticas, não de motivação social. No entanto, permite a preservação de exemplares importantes, em detrimento de outros que serão menos reconhecidos, ou no futuro não existirão mais, nem em registro. A questão que fomenta um profícuo debate sempre presente em circunstâncias de patrimonialização e musealização, porém em eloquências bem distintas, é quem decide o que é ou não é importante.

Em uma das edificações tombadas, os antigos Armazéns Hoepcke, foi instalado o MNM-EB. Entre a ideia e a concretude do ato foi percorrido um grande caminho. Persistência, criatividade e acaso foram fatores fundamentais na constituição deste museu em um enlace com os diálogos da equipe do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) responsável na época pelo tombamento das cidades de Laguna e de São Francisco do Sul. A vocação de São Chico como cidade que abrigaria o MNM-EB habitou as ideias do professor Dalmo e do navegador Amyr Klink em demérito da cidade de Paraty, conforme é possível observar nos depoimentos apresentados no Quadro 4.

Após os desdobramentos diluídos em oito anos para aquisição da edificação, o IPHAN, a Fundação Catarinense de Cultura (FCC) e a Associação de Amigos do Museu Nacional do Mar (AAMNM) trabalharam em conjunto para o fortalecimento do museu enquanto instituição, no entanto, um mutirão envolvendo população, empresas e outras entidades foi fundamental para a operacionalização de trazer e remanejar as embarcações que chegavam em São Chico, transportadas por caminhões.

Quadro 4 – Características das localidades e sua influência no processo decisório

| Paraty ou São Francisco do Sul?                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| [...] o lugar na cabeça do Dalmo sempre foi muito claro. Essa cidade é uma cidade patrimônio, ela tem um imóvel tombado na linha d'água. Com uma baía navegável, uma baía que tem conexão com o resto do Brasil, com a baía que tem conexão com a entrada do Mercosul [...] (Ana Lúcia Coutinho, antropóloga e Presidente da FCC, MNM-EB, entrevista em 17/05/2019) | [...] no final dos anos 80, eu já estava envolvido com essa história de fazer viagens e eu ia fazer uma viagem para a Antártida que iria durar dois anos e eu fiz uma viagem para Joinville e um amigo me levou de barco para São Francisco do Sul. Eu já brincava com a ideia do museu, mas eu sabia que em Paraty nunca ia acontecer porque um museu, para mostrar embarcações, precisa ter grandes espaços, precisa ficar na beira do mar e em Paraty é impossível porque tem as restrições do IPHAN, não tem nenhum prédio importante na beira do mar. (Amyr Klink, navegador, Skype/São Paulo, entrevista em 26/06/2020) |

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.



Embora a concepção e feitura de cada exposição do MNM-EB nos conduza a peculiaridades interessantes, especialmente voltadas ao patrimônio naval brasileiro, é uma aproximação mais detalhada da feitura da miniaturização do centro histórico que abriga o museu que, neste capítulo, nos conduzirá à percepção da multiplicidade de vozes que permeiam qualquer exposição. A exposição intitulada Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul, sobremaneira vista no espaço do museu, surpreende pelas dimensões e pelos pequeníssimos detalhes, que levaram horas de mão de obra qualificada para serem feitos na precisão das escalas, neste projeto ao todo foram 20 anos.

Na captura, tanto do envolvimento da equipe que realizou o projeto como dos moradores das edificações representadas que, com seus relatos e fotografias antigas, ajudaram na representação miniaturizada do centro histórico tombado, constata-se o processo pelo qual as representações de um patrimônio ganham musealidade passando a ser reconhecidas pelos sujeitos envolvidos diretamente, inclusive afetivamente, com o patrimônio representado.

Iniciada em 1999 pelo modelista de barco Conny Baumgart, catarinense de Rio do Sul, de ascendência alemã, a exposição acessível ao público retratava apenas a área do porto da cidade, a versão do prédio do MNM-EB quando armazenava erva-mate e madeira. Os limites físicos da sala que abriga a exposição, os recursos financeiros, os dispositivos e o tempo previsto para inauguração foram alguns dos fatores que somaram-se às decisões pertinentes ao projeto de discurso da exposição (Quadro 5).

## Quadro 5 – Definições preliminares na feitura de uma exposição

|                            |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sobre a escolha do artista | <p>Como naquela sala a gente vê a Baía Babitonga nós imaginamos fazer ali uma referência sobre a história de São Francisco, a relação com o mar, a excepcionalidade da Baía Babitonga como elemento náutico, marítimo um dos melhores portos naturais do mundo e nessa questão veio a ideia de fazer a Maquete, eu não sei como exatamente veio o gérmen, talvez uma conversa, talvez desenhando, olhando como fazer, e foi fundamental nós encontrarmos um homem disposto a fazer isto que foi o Conny Baumgart, ele ficou anos e anos da vida dele trabalhando ali, e depois o Márcio complementou a Maquete. (Dalmo Vieira Filho, arquiteto, urbanista e professor, MNM-EB, entrevista em 13/11/2019)</p> <p>[...] quando o professor Dalmo Vieira Filho [...] com a Associação de Amigos do Museu [...] na pessoa do diretor da época [...] tiveram a ideia de fazer uma maquete do Centro Histórico de São Francisco para ficar exposta como um relato histórico, basicamente era isso a ideia na época. [...] eles procuraram o seu Conny Baumgart que é um artista plástico artesão aqui da cidade, não é daqui, mas ele mora aqui há muito tempo, já é considerado francisquense. O Conny é um exímio modelista naval ele é ferry modelista, ele é artista plástico porque ele pinta aquarelas, faz esculturas... [...], se você andar pelo museu você vê essas aves que estão penduradas em tamanho natural, essas aves foram todas feitas pelo Conny também. Então eles [...] propuseram essa ideia: se ele conseguiria, se ele achava que era possível fazer a maquete do Centro Histórico da cidade de São Francisco do Sul, [...] claro que do centro histórico tombado. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, no MNM-EB em 10/09/2019).</p> |
| Sobre a concepção          | <p>[...] o período que a Maquete representa são as décadas de 1930 a 1940, porque o Centro Histórico já estava totalmente consolidado nesse período; outra, achava-se, isso são relatos que o Dalmo me passou, que na época era um momento muito consolidado da história mundial, [...] e era um período em que toda a movimentação portuária acontecia aqui, onde hoje é o prédio do museu, que era a Companhia Hoepcke de Navegação. Então achou-se que era a data mais interessante de se representar a Maquete. Então, o Conny conseguiu todos os documentos necessários: plantas para começar a montar a topografia da cidade. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, no MNM-EB em 10/09/2019).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Sobre a viabilidade        | <p>[...] as discussões eram assim: que trecho daria para representar, que escala que daria para representar e o melhor local do museu para isso que fosse grande o suficiente. [...] Se estudou a melhor sala para isso ficar exposto. Aí se escolheu essa sala que é em cima da administração, [...] a escala 1:75 [...] em função do tamanho que ela ficaria e também em função da quantidade de detalhe que ficariam aparentes. Porque se achava interessante assim: “Vou representar uma edificação, ok. Como é que eu vou conseguir ver o detalhe da edificação se ela for muito, muito pequena?” Quanto menor a maquete menos detalhes você consegue mostrar. Então essa escala foi definida por dois motivos principais, pelo menos pelo que eu vejo e pelas conversas que eu tive com eles: uma era uma escala que cabia todo o Centro Histórico; [...] e outra uma escala que facilmente representaria todos os detalhes da maquete. É uma escala comercial, de certa forma, que você pode comprar ou adquirir ou fazer de maneira não tão complexa os personagens, carruagens, os objetos, no caso, carroças, enfim. [...] é uma escala mais fácil, não que seja fácil fazer, mas é um pouco mais fácil que se ela fosse muito menor do que isso [...]. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, no MNM-EB em 10/09/2019).</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.

Dentre os sujeitos que participam do processo de musealização e da comunicação do museu via exposição há uma miríade de aproximações suscitando

distintas interpretações do patrimônio observado revelando a multiplicidade de vozes em diálogo. No caso do artista, o contato com navios desde a viagem à Alemanha e depois à cidade de Santos, quando retornou ao Brasil, e o trabalho na construção de peças para submarinos fomentaram aglutinações em torno de sua percepção de mundo; com o tempo, o *hobby* de Conny pelo modelismo naval aprimorava seu olhar junto às embarcações locais.

As idas e vindas em viagens para a Alemanha, em especial para a cidade de Hamburgo, na época da Segunda Guerra Mundial e, principalmente, em tempos hodiernos, visitando sua filha Cláudia que mora nas redondezas, aproximaram Conny do segmento produtivo de maquetes. É nos armazéns da região portuária de Hamburgo que está localizado o *Miniatur Wunderland*<sup>28</sup>, e em todo seu entorno há lojas especializadas em maquetes.

Uma parceria nas atividades voltadas ao museu como os projetos de aves marinhas e maquetes de embarcações foi estabelecida entre Conny e Rosete Menezes. Por meio de suas pinturas, Rosete Maria da Rosa Menezes, enfermeira aposentada, conheceu Conny e sua esposa em um dos encontros da Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas (OASE); mais tarde, ela também se tornava cuidadora do casal. O interesse tanto pelas histórias sobre como as pessoas viviam antigamente como por técnicas, até então, por ela, desconhecidas, instigaram Rosete, pelo que pude perceber, a ir em busca do conhecimento sem abdicar, contudo, de uma visão crítica do processo. Depois de ser enfermeira por 28 anos, ela dedicou-se ao artesanato; a conexão do segmento produtivo de maquetes na Alemanha com a exposição de São Francisco do Sul, assim como a paixão pelas miniaturas também aparecem em seus enunciados, como é possível observar no Quadro 6.

---

28 Ideia de Frederik Braun em parceria com seu irmão gêmeo, Gerrit. O *Miniatur Wunderland* fica às margens do Rio Elba, em Speicherstadt, conjunto de armazéns na região portuária de Hamburgo, cidade onde nasceram seus idealizadores. Inaugurado em agosto de 2001, o complexo de maquetes possui 6.800 m<sup>2</sup> (o projeto de expansão até 2028 prevê 10.000 m<sup>2</sup> de construção). No *Miniatur Wunderland* há uma sala com 64 computadores para controle das automações.

## Quadro 6 – Paixão por miniaturas de Hamburgo a São Francisco do Sul

| Conny Baumgart                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Rosete Menezes                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Comecei com modelismo naval e, em seguida passei, para aeromodelismo. Então essa era a minha paixão: essas miniaturas.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        | [...] eu pude me dedicar ao artesanato, é uma coisa que eu sempre gostei muito, foi sempre minha grande paixão. Fiz cursos, vários. E na Maquete eu aprendi muito com o Senhor Conny Baumgart, artista plástico. Hoje a Maquete é um trabalho realizado que me orgulha muito. É um desafio superado.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Sou um modelista de longa data. Também viajei algumas vezes à Europa, principalmente para a Alemanha e Holanda e nunca deixei de visitar os museus e de comprar livros e assinaturas de revistas específicas sobre nautimodelismo. [...] Num encontro casual de modelistas, só se mencionam nomes de embarcações estrangeiras como “Beagle”, “Flyin Cloud”, “Santa Maria” etc. Acredito que essas embarcações já foram reproduzidas às centenas, mas nunca ouvi falar de uma só embarcação brasileira. Talvez o “Cisne Branco” possa despertar algum interesse, esquecendo-se do “Saldanha da Gama”, do “Guanabara” e outros. | Sim eu fui lá em Hamburgo, nós fomos em Hamburgo. Meu deus, Olha ! [...]. O diorama deles... nós passamos lá uma tarde só, mas é fantástico!!! [...] Depois que eu vi aquilo, eu amei mais ainda fazer! São salas e mais salas e mais salas! E daí de repente vai ficando tudo escuro e aparecem as estrelas. Tem tudo isso;;;! Ai de repente já nasceu o sol, já é dia, as pessoas trabalhando, as atividades, os casais namorando, tem um carro lá que você já vê o balanço do carro, porque tinha alguém namorando lá dentro ((risos)) [...] Tem tudo! E eles estavam continuando, não podia entrar lá, mas eu entrei e bati foto, para ver como eles faziam as bases, porque o seu Conny fez de um jeito aqui, mas lá eles já cortavam os caibros em elevação e depois só vinha com a mantinha, a telinha, tela de galinheiro e botavam ali uma espuminha. [...] lá eles são loucos por maquete! Tem lojas, lojas e mais lojas de maquete de casinhas da Europa em Reutlingen, onde a Cláudia mora. Aí lá, o seu Conny me levou numa casinha dessas, [...] e tem tudo! Só que é outra escala, é 1:82 ou 1:72, aqui é 1:75, é pouca diferença mas.... tem tudo que você imaginar na Europa de maquete, tanto que as pessoas que eu fazia aqui [...] o seu Conny trouxe bem antes de eu conhecer ele, umas pecinhas porque era muito caro, é muito caro lá, então ele fez na madeira, fez na borracha de silicone. [...] Eu acredito que seu Conny tirou essa ideia de lá, com certeza, porque ele já conhecia o Minimundo de Hamburgo, volta e meia ele estava indo para a Europa, muitas vezes ele já foi para lá [...]. |
| [...] toda a casa tem adornos. São pequenínissimos! [...] no outro lado é a baía, as paredes entram direto na água, mesmo lá tem adornos. Todos os detalhes, isso me encantou                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |
| [...] peça por peça que está lá na canoa... você vai ali no modelo... eu reproduzi aqui também. É a mesma coisa, ao invés da casa você fazer o barco, naturalmente, o material é diferente, e, consequentemente, uma parede de tijolo eu não posso formar como o tabuado de uma embarcação de madeira grande.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.

A proximidade de Conny, Rosete e, mais à frente, Márcio em um diálogo constante ao longo dos anos e suas conexões com outros nós desta época (descendentes de moradores, estudantes, apoiadores) e de outras épocas e outras localidades foram encaminhando a exposição para a reabertura desta outra

versão, mais abrangente. Uma observação mais detalhada dos relatos permite perceber as circunstâncias de ingresso de estudantes de outras instituições educacionais de Jaraguá do Sul, Florianópolis, Laguna... o ingresso da ArcelorMittal como nós desta conexão.

#### Quadro 7 – Circunstâncias de ingresso de nós na conexão

| Nó da Conexão                             | Circunstâncias de Ingresso e Permanência                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|-------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Estudantes                                | Como naquela época não tinha planta de São Chico, muito menos confiável [...], começamos a fazer um levantamento do Morro do Hospício [...] ...aí a Rosete ajudou. [...] o professor Dalmo também fez uma pequena propagandazinha nas faculdades: “Quem tiver interesse, que nós vamos fazer uma maquete reproduzindo a cidade de São Francisco na época de 39”. [...] A primeira coisa que começamos a fazer foi o levantamento dimensional medindo as ruas. A prefeitura fez um novo mapeamento da cidade toda através de fotos do helicóptero. [...] “e se nós pegarmos agora com um grupo de alunos dos últimos estágios da faculdade e fazer um curso? Eles me ajudam todo o final de semana durante um ano?” Isto também foi aprovado. O Dalmo gostou da ideia. Então de Jaraguá, de Florianópolis e até de Laguna [...] vieram ajudar e participar. Porque, como arquiteto, todo mundo sabia fazer maquete e assim começou a estrutura naquela primeira sala onde nós temos janelas para o mar [...], mas eu não coloquei detalhes pequenos como por exemplo o pessoal que trabalha, o quê que está fazendo [...]. (Conny Baumgart, modelista naval, Praia de Paulas, entrevista em 28/10/2019). |
| Márcio Rosa – Fase Estudante              | Eu conheci a Maquete no ano de 2000. Eu era estudante de arquitetura e nós visitamos o Centro Histórico dentro de uma cadeira de Patrimônio Histórico da faculdade e conhecemos o museu e eu conheci a Maquete. [...], ela estava uns 20% do que tem hoje,[...] as edificações que contemplam o Moinho Santista, o Museu do Mar, todo o trecho mais perto do entorno [...], com ruas, personagens,[...], quase que para a visita mesmo. Até porque nessa época ela estava aberta à visita. Mesmo com seu Conny trabalhando aqui dentro. Esse foi meu primeiro contato com a Maquete [...] eu sempre gostei muito de maquete, desde adolescente [...] na faculdade eu fazia muitas maquetes porque tinha demandas [...] uns alunos que não tinham muita aptidão e a gente ajudava a fazer. Eu e inclusive o Gustavo também na época ajudava a fazer. A gente conheceu o projeto, achava que era interessante participar [...] a gente conseguiu inscrever o projeto no programa chamado PROIFES. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)                                                                                                                                  |
| Márcio Rosa – Fase Coordenação do Projeto | Eu, particularmente, gosto muito do museu e sempre tentei ficar perto do museu. De 2004 a 2006, mais ou menos, eu fui consultor da Unesco para acompanhar as obras do Monumenta [...] Como o museu era uma das maiores obras do Programa Monumenta, foi todo restaurado com recursos do Governo Federal, eu tinha muito contato com a obra do museu. [...] Como eu tinha muito contato [...] chegou uma hora que o professor Dalmo veio me falar se eu não queria ser diretor do museu porque a diretora [...] tinha que se afastar por motivos pessoais. Então eu fiquei de diretor do museu de 2006 a 2008, não inteiro, não 24 meses, mas alguma coisa perto disso. [...] mas a Maquete andava a passos mais lentos... uma porque a equipe era limitada, menos gente. Outra porque o Conny também [...] já estava muito idoso, não tinha aquele pique total do início do projeto [...]. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)                                                                                                                                                                                                                                       |



|                                                                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |
|-----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rosete Menezes – Fase de “Finalização” <sup>29</sup> da Maquete | Eu lembro muito que o Conny comentava várias vezes comigo que ele achava que essa maquete não ia ficar pronta. [...] Eu até entendo isso, porque no ritmo que ele vinha desenvolvendo, ia demorar muito pra ficar pronta. Claro, imagina, uma pessoa trabalhando, duas pessoas trabalhando, não dava mesmo. [...] o Conny desenvolveu várias atividades aqui dentro, [...] a Rosete, que hoje é contratada pelo meu escritório para o projeto da Maquete, [...] trabalhava muito tempo com o Conny aqui na Maquete. [...] a parte artística como pintura de edificação, pintura de ruas e personagens, ela tem uma qualidade muito grande, então eu achei interessante que ela se mantivesse no projeto. De 2004 a 2016, a Maquete andou, mas a passos muito lentos, continuou havendo levantamentos nas ruas, levantamentos de edificações... Algumas edificações foram feitas tanto pelo Conny como mesmo pela Rosete, mas numa velocidade bem menor que naquela época de 2000 a 2004. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)                                                                                                                                                                                                                                          |
| Conny Baumgart – Fase de “Finalização” da Maquete               | [...] ele foi perdendo a qualidade visual, [...] o que é uma pena porque ele não vai ver 100% do trabalho dele finalizado, que era uma coisa que a gente tinha muita vontade que acontecesse. Apesar que ele já veio aqui, ele tem vindo e ele olha, tenta entender o que está pronto. Já deu para ver que ele está feliz com o resultado, porque embora ele não consiga ver o detalhe de tudo, ele consegue ter uma noção do que já conseguiu ser feito. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Bibliotecária                                                   | Eu olhava a Maquete, eu não posso dizer que ela estava abandonada, porque ela não estava, porque tinha gente aqui que vinha, limpava, conseguia fazer a manutenção, mas não tinha evolução, parecia que ela não evoluía, que ela não crescia, que não acontecia mais nada do que já estava ali. Então com muita frequência eu falava com as pessoas aqui do museu “Poxa será que a gente não pode montar um projeto, patrocinadores será que não patrocinariam para a gente continuar [...] e terminar esta maquete?” O pessoal de duas uma: primeiro assim: “Será que termina?” e outra “Quanto vai custar isto?” Então, em 2015, eu estive aqui no museu conversando com a Cleonisse [...] ela era bibliotecária aqui na época e ela tinha alguns projetos que ela montava para o museu, para conseguir patrocínios. “Ah, vai ter um esquete teatral” [...] ela conseguia patrocínio para bancar a atriz e um grupo de atores para os esquetes. “Ah, tem que fazer mais aves para o museu”; ela ia lá e tentava um patrocínio e conseguia valores para o Conny conseguir mais aves, [...] ela montava os projetos. Na verdade, uma das funções dela como bibliotecária era montar esses projetos de captação de recursos [...]. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019) |
| Empresa Patrocinadora                                           | [...] E eu vim falar com ela um dia, lá em 2015, praticamente no final de 2015: “Cléo, vamos montar aí um projeto para a maquete!? [...] Tu achas que a gente consegue um patrocinador para a maquete?” Aí ela comentou que na época a ArcelorMittal estava patrocinando algumas atividades no museu e eu falei: “Poxa! Por que a gente não tenta mais esta atividade? O máximo que a gente pode receber é um não, né? Não custa!” Montamos o projeto aí a ideia era terminar a maquete, ponto. A gente tinha isso como meta. Não adiantava chegar aqui e dizer: “não, nós queremos continuar a maquete”. Não era isso! A minha vontade não era essa. A vontade era terminar a maquete porque eu sempre achava que ia terminar, mas que tivesse uma equipe qualificada, treinada, maior” Não dava para terminar a maquete em dois. Dá, mas demoraria muito, até para o patrocinador não seria interessante [...]. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |

29 Lembrando que, em uma perspectiva bakhtiniana, uma exposição jamais estará finalizada; apenas é passada a palavra ao outro (Alteridade).

Professores e  
estudantes de  
Automação

[...] o Conny sempre queria que a Maquete tivesse algo a mais: “A Maquete tem os dioramas mas será que não é legal ter uma iluminação? Será que uma casa não devia ter uma luz lá dentro? Será que não devia ter coisas se movimentando?” Era uma ideia lá do começo, porque as referências dele eram de museus e maquetes que ele visitava na Alemanha [...] na Europa é mais comum tu ter isto. A tecnologia é mais avançada que aqui, [...] você tem dioramas e maquetes lá com movimento. Então ele trouxe isso e ele falava isso desde a época lá que eu conheci ele. Mas a gente nunca tinha vislumbrado colocar em prática isso. Então na metade de 2018, eu fui atrás do Instituto Federal Catarinense daqui, dos professores da cadeira de automação. A gente fez uma reunião com eles e colocamos na mesa a ideia de movimentar a maquete, iluminar a maquete e botar sonorização. [...] “Vocês conseguem fazer?”, “Ah, acho que sim. Deixa a gente pensar um pouco”. Aí deu uns dois ou três dias eles nos responderam: “Olha a gente consegue fazer. A gente pesquisou um pouco e tal, a gente tem muito material aqui, tem oficina na faculdade, a gente pode testar aqui e levar já pronto para aí”. E aí a gente montou o projeto 2018/2019. Que eram os acabamentos finais da Maquete e a parte de automação que incluía iluminação, movimento e sonorização. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.

O estudante Márcio Rosa, mesmo no período em que não pode dedicar-se à Maquete, manteve-se próximo do museu. Tais circunstâncias possibilitaram, mais adiante, a continuidade da execução do projeto expositivo a ponto de 20 anos depois de seu início, em 2019, ser reaberta<sup>30</sup> à visita em uma versão bem maior da representação da poligonal tombada. Para viabilizar a continuidade e a posterior conclusibilidade dessa exposição foi relevante não somente o entusiasmo de Márcio por maquetes, mas a participação de uma bibliotecária e a aproximação das enunciações de ambos formatadas em um gênero discursivo direcionado a um outro interlocutor específico: um potencial patrocinador.

O projeto foi aceito e o firmamento de uma conexão com uma empresa provedora de recursos financeiros viabilizou a aceleração das atividades de elaboração da Maquete, entretanto, esta é apenas uma parte dos atos discursivos que participaram de sua feitura. A retomada dos trabalhos por Márcio, em 2016, instalou outras conexões e a continuidade dos serviços prestados por Rosete imprimiram velocidade aos trabalhos, principalmente pela participação de novas instituições como a ArcelorMittal apoiando a execução financeira da exposição. Na passagem da coordenação do projeto, Conny continuou como mestre da obra. Peculiarmente, Conny tornou-se um relevante interlocutor dos trabalhos da equipe.

Apesar da troca na coordenação e das conexões de outros nós oriundos da consolidação do Núcleo de Arquitetura na feitura da exposição, percebe-se

30 Apesar do termo ‘reaberta’ é relevante constar que, em boa parte deste período, a exposição permaneceu recebendo visitantes em suas instalações.

a manutenção dos elos precedentes com o reduto de maquetes de Hamburgo, tendo como nodo mais citado o *Miniatur Wunderland*.

A automação da Maquete já era algo vislumbrado por Conny e compartilhado com Rosete em função das conexões com Hamburgo. Com as mudanças, novas conexões favoreceram a formação de um Núcleo de Automação e, assim como aconteceu com o mestre e seus seguidores mais próximos do Núcleo de Arquitetura, outras maquetes como a do Museu Weg, em Jaraguá do Sul, vista, lembrada e citada pelos colaboradores da área de Automação, também ingressaram no diálogo no momento de pesquisa sobre o que fazer.

A formação de um outro núcleo que se aproximava e que interferia na execução da exposição sob uma ótica distinta da Arquitetura, Modelismo e das Artes Plásticas, até então bastante forte e presente na tríade (Conny, Márcio e Rosete), trouxe expectativas para ambas as equipes. E, assim como professores e alunos do IFC Câmpus São Francisco do Sul, outras instituições educacionais de diferentes cidades do Estado de Santa Catarina também participaram do projeto desde seu início, com o envolvimento de estudantes voluntários e bolsistas oriundos de cursos de Arquitetura da região.

No caso de exposições com concepção e preparação coletiva, alterações na hierarquia do processo decisório de seus colaboradores e/ou investidores potencializam o clareamento de outras facetas do objeto acervo, outras narrativas são forjadas. Aquele que assina a exposição, clareia um lado do objeto e obscurece outros, e encontra em seu caminho a resistência substancial e multiforme do discurso de *outrem*. Se optar por clarear outro lado do objeto, outras contestações e outros incômodos se somarão ou substituirão os primeiros. Mude quem assina; outras facetas do objeto inexaurível serão narradas e o mesmo se sucederá.

As exposições têm algo a dizer ao público, mas não são as únicas. As ações culturais, as ações de educação museal, o próprio *website* do museu entre outras divulgações extramuros somam-se, cada qual com as suas peculiaridades, a um conjunto de ações fundamentadas na subárea do conhecimento da Museologia denominada comunicação museológica. Ainda assim, os museus enunciam, sobremaneira, por meio de exposições. Elas são o principal meio de comunicação dos museus com os seus públicos. Em grande medida, as transformações ocorridas no papel e na atuação dos museus influenciaram o modo de pensar e realizar exposições. Das tradicionais exposições transmissoras de conteúdos passou-se

a considerar que a comunicação se dá em via de mão dupla e que as exposições devem mobilizar não só a cognição, mas as emoções e os sentidos dos visitantes<sup>31</sup>.

Os museus são perpassados por vários gêneros discursivos, dentre as variáveis estão: a época em que foi emitido o enunciado e a forma de registro (escrito, digital, áudio, audiovisual, imagem tradicional, imagem técnica etc); o destinatário original; as entonações; as posições enunciativas de quem fez a exposição: formação profissional; experiência de vida; experiência profissional; concepções ideológicas; auditório social idealizado e outros fatores que influenciam o seu julgamento de valores; ou ainda uma combinação de todos estes, no caso do trabalho colaborativo.

Este emprego de certos gêneros faz parte da prática do falante e é tão presente que o próprio falante, em termos teóricos, desconhece inteiramente a sua existência. O acabamento do gênero discursivo corresponde às particularidades ocasionais e singulares da vida cotidiana, formas de comunicação cotidiana mais ou menos estáveis, fixadas pelo cotidiano e pelas circunstâncias.

O gênero cotidiano é uma parte do ambiente social: da festa, do lazer, da oficina, da fila de espera e da visita ao museu. Em cada época, em cada círculo social, da família, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridade que dão o tom, ou seja, nos quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem<sup>32</sup>. Os gêneros discursivos indicam pertencimentos, comunidade, história, memória, linguagem do cotidiano, oralidade.<sup>33</sup> Percebemos, na prática, a mudança de gêneros discursivos quando nos deslocamos entre unidades da atividade humana e prestamos maior atenção ao conteúdo temático, ao estilo e à construção composicional que estão indissolivelmente ligados no conjunto do enunciado.

No trabalho coletivo, por assim dizer, mais próximo, o compartilhamento de enunciados concretos em torno da Maquete trouxe novas percepções que aglutinaram-se aos sujeitos envolvidos, de forma que foi interessante observar parte do que aconteceu mediante depoimentos de membros do Núcleo de Automação e do Núcleo de Arquitetura.

---

31 Franco (2018, p. 10).

32 Bakhtin (2016).

33 Street (2010).

## Quadro 8 – Multidisciplinaridade e gêneros discursivos

| Núcleo de Arquitetura                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                  | Núcleo de Automação                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <p>Esse pessoal do IFC, apesar deles serem muito técnicos, por trabalhar com uma coisa muito técnica: é solda, é circuito, é software, é hardware, eles tiveram uma sensibilidade muito legal que eu achei, porque eles fizeram através de um software que eles desenvolveram [...] Eles fazem com que três lâmpadas coloridas, eu acho que é uma vermelha, uma verde e uma amarela, eu acho que elas piscam cada uma delas em uma frequência específica [...] a luz, a gente não deixa a luz aparecer, a gente esconde ela um pouco e deixa o efeito que ela faz aparecer. E o efeito dela parece uma lamparina, ela pisca, a nuance que ela faz, a mistura dessas cores, cada uma acendendo em um determinado momento, muito rapidamente, ela parece um lampião uma vela. (Márcio Rosa, arquiteto e urbanista, MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)</p> | <p>Primeiro que é muito delicado, e a gente passa longe de ser artístico, de conseguir trabalhar com delicadeza [...] Eu imaginava que a Maquete fosse imaculada, que a gente não poderia mexer nela.. e a gente descobriu que pode... fura, arrebenta, corta... não tem problema nenhum. [...] Tira casinha, desmonta casinha, troca porta, quebra porta, as janelinhas e tal... [...] trocar por porta que abre, por janela translúcida... E tudo isso estava acontecendo muito tranquilamente. (Rômulo Schweitzer, professor, IFC, entrevista em 31/07/2019)</p> <p>Eles passaram para a gente: “Queremos iluminar algumas das residências, alguns prédios que vão estar na Maquete. Nós não sabemos como.” Então passou para a gente decidir, estudar e verificar como é que seria a parte de automação, parte de eletricidade. E nisso a gente também percebeu que se a gente colocasse luzes estáticas como a gente tem hoje, em lâmpadas, não representaria o que tinha naquela época, na vida real. Nas casas não existia eletricidade, o que tinha, naquela época, eram velas, eram lampiões, luzes que não eram fixas, branca ou amarela, como é hoje, mas luzes que sofriam, muitas vezes, influência de vento, da intensidade do combustível que estava queimando. E o que a gente fez foi, na hora de implementar a iluminação, projetar um sisteminha que ele fica oscilando a iluminação de modo a imitar esse comportamento de uma iluminação não por lâmpada mas por queima de algum combustível. Isso partiu daqui e eles gostaram muito. (Vitor Moraes, professor, IFC, entrevista em 31/07/2019)</p> |

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.

O comprometimento com a iluminação da época ressoou nas atividades dos membros do Núcleo de Automação. Na época representada pela Maquete, só havia luz elétrica nos postes porque o gerador era no porto, as casas eram iluminadas com luz de fogareiros, velas, lampião... A equipe de automação precisou pensar e desenvolver essa ondulação no efeito da luz por não ser uma luz estática.<sup>34</sup>

Entre as lembranças de Dona Rosinha e o desejo de como os professores de automação gostariam que ficasse a Maquete, há limites físicos e limites de recursos, mas há também a predominância de um gênero discursivo e a compilação de um discurso resultante de justaposições que se aproximam do acontecimento enunciativo de Conny. Neste movimento de ora ampliar e ora prolongar tais sujeitos com suas interpretações e acentos, ao enunciar produzindo na matéria vestígios, vão dando forma a essa cadeia de comunicação discursiva trazendo contornos à exposição museológica.

<sup>34</sup> Segundo os relatos do bolsista Rian Nascimento, estudante de automação industrial, IFC, entrevista em 31/07/2019.



No intuito de reconhecer os relevos e as vegetações presentes no entorno, a pesquisa para preparação da exposição delimitou-se, inicialmente, ao reconhecimento da poligonal tombada e em fotografias que, ao serem registradas entre as décadas 1930 e 1940, guardam vestígios visuais das edificações e das vivências no Centro Histórico de São Francisco do Sul. A elaboração da exposição teve como um de seus pontos de partida para a confecção das maquetes e dos dioramas essas fotografias antigas e outras como: as publicadas em livros sobre o assunto, as de cartões-postais, as guardadas pelos proprietários e as aéreas registradas pela prefeitura do município, além das medições das estruturas externas das casas do centro da cidade e dos depoimentos de antigos moradores.

A paisagem ofertada pela Baía Babitonga, desde antigamente possibilitou o registro de belas imagens. Como costume de uma época, alguns fotógrafos transformaram suas fotos em cartões-postais. Visando atender viajantes, imigrantes e tripulantes que passavam pela cidade, ou por moradores, que desejavam enviar notícias suas para locais próximos e distantes alcançando parentes e amigos, editoras e gráficas reproduziam tais imagens. Assim, registros fotográficos de São Chico circulavam pelo país e pelo mundo nas rotas de navios perpetuando parte de sua memória<sup>35</sup>.

Cabe observar que a mesma imagem opera como enunciado em circunstâncias diferentes: ora na ocasião de seu registro, ora no uso comercial enquanto cartão-postal, ora na funcionalidade do cartão-postal levando mensagens e trazendo lembranças de entes queridos, ora como registro publicado em livro. Conforme frisa Bakhtin (2017, p. 74), “cada imagem precisa ser entendida e avaliada no nível do grande tempo”.

As imagens atuam como mediadores entre tempo e fazem diferença quando a experiência passada se torna um objeto de estudo. Entretanto, a noção de fonte histórica deve ser problematizada à luz de uma crítica que a considere como suporte de práticas sociais, superando qualquer visão ingênua de que as fontes contêm o passado, revelando-se ao olhar do presente por sua existência<sup>36</sup>.

A obtenção de fotografias depende, principalmente, da exterioridade e dos sujeitos receptores, sendo que esses últimos se diferenciam por sua história pessoal e coletiva. O ato fotográfico é interativo na medida em que é instaurado por um sujeito vivo que age e reage em função de um objeto a ser fotografado, seja,

35 Santos (2004, p. 139).

36 Mauad (2016, p. 37).

uma paisagem, uma pessoa ou a si mesmo. Quando o objeto a ser fotografado é um ser humano, este último, por sua vez, não só reage ao fato de ser fotografado, mas à personalidade particular do fotógrafo, de forma que, fotografar é fotografar uma relação<sup>37</sup>. Parte da intenção do fotógrafo é percebida na fotografia, no entanto, o essencial permanece desconhecido.

Ao olhar a imagem técnica daquela época, os membros da equipe imaginam em seu interior o que pode ser feito, o material a ser usado, e já em seu exterior, ao esboçar, medir e calcular as medidas e as posições que as personalidades, os artefatos e as casas ocuparão no espaço do diorama tecem sua interpretação. Nas conversas com os moradores do Centro Histórico sobre a vida de seus antepassados foi se consolidando a ideia dos dioramas que possibilitaram, a meu ver, um vínculo passível de materialização, a olhos vistos dos visitantes do museu, dos atos discursivos de outrora.

Ao elaborar a exposição, seu idealizador tem em mente, mesmo que não definido, o que vai dizer mas elabora o como dizer. Participam do diálogo interior: vozes do passado de *outrem*, vozes do próprio interlocutor em experiências anteriores, muitas das quais exteriorizadas no processo decisório, e vozes de seu auditório social. Em meio a esses diálogos interiores transitam ressonâncias e aderências, por vezes exteriorizadas.

---

37 Soualges (2005, p. 19).

## Quadro 9 – Ressonâncias e aderências de fatores a visitantes da Maquete

|                                                                                                                                                       |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rosete Menezes em relação ao Minimundo de Hamburgo (MNM-EB, entrevista em 10/09/2019)                                                                 | Tem cenas tipo... o bombeiro subindo as escadas e apagando o fogo, um trem que descarrilou lá embaixo! Tem o aeroporto de Hamburgo, porque tem todas as cidades, não é tipo aqui que é só um pedacinho do Centro Histórico. Lá não! Lá conta história de Hamburgo, conta história de Frankfurt [...] tem o aeroporto, você fica olhando assim o aviãozinho sai de um lugar assim s;;;h;;;u;;;z;;; e aterriza. [...] tem o balanço do carro... assim oh (risos) porque tem alguém namorando lá dentro [...].                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
| Rosete Menezes em relação à visita de um casal a Maquete, ainda em construção, cujo pai do esposo adorava maquetes (MNM-EB, entrevista em 10/09/2019) | Infelizmente hoje as pessoas não têm mais o antigo como importante. São poucas as pessoas que gostam. [...] tem uns que passam e dizem: “Que legal né?! É bem parecido!”, tem uns que param ali e ficam. Eu atendi, nesses tempos, um casal de São Paulo, eles entraram porque a porta ficou aberta, aí eu fiquei com peninha, deixei. Larguei meu serviço e fui passear com eles. “Menina! Quase que eu tive que mandar eles embora! Porque eles ficaram encantados!” Porque o pai do senhor (era um casal de meia idade), o pai dele adora maquete, então ele já olhou com outros olhos, e ele disse que quer trazer o pai dele aqui para ver este trabalho! Então tem bastante pessoas que gostam de maquete. Mas como eles vão ver... eles vão ver como um trabalho bonito que representa São Francisco, mas poucos vão ver um diorama com os olhos que nós vemos.                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Márcio Rosa em relação aos moradores do centro histórico em visita à Maquete (WhatsApp/São Francisco do Sul, entrevista em 11/11/2020).               | Eu notei uma valorização muito grande dos moradores com relação ao trabalho lá e em relação ao Centro Histórico [...] as pessoas gostam do Centro Histórico, é muito comum isso ((aqui)),[...] .e, claro, nesse momento tu vê que as lembranças vão aflorando. [...] mas com ela vem um valor histórico importante: valor dos casarios, da relação das pessoas, das pessoas andarem pelo centro, como esta relação é importante, sobretudo com as pessoas aqui da cidade, os mais idosos, que além de tudo, tinham lembranças muito fáceis na memória de situações que viviam tanto nos clubes da cidade, no carnaval, nas festas da igreja que até hoje ainda tem, mas que estavam representados na Maquete lá desde a década de 40. Isso eu achei que foi muito legal!                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
| Conny Baumgart em relação às miniaturizações (Praia de Paulas, entrevista em 28/10/2019).                                                             | Eu estou curioso, porque aquele Morro do Hospício lá, eu levei 8.000 horas para fazer e ainda faltam, na frente, algumas embarcações para fazer.. para completar. Uma maquete destas... para fazer, trabalhando, trabalhando mesmo sério. [...] Hamburgo tem o paraíso das miniaturas, modelismo, são três andares e ali eu também vi cada cena: a cidade, as rochas, as árvores... Bom isto tudo nós também temos que fazer aqui...mas o avião que caiu, o avião que está pegando fogo...aí entra agora os meios técnicos que eles têm para colocar num aviãozinho deste tamanho que aqui embaixo está pegando um foguinho... ((risos, risos)) Aí eu fiquei bobo! ((risos)) Fora de série! Um pouquinho mais adiante, no campo de um metro por um metro, jogo de futebol, estão jogando bola para lá e para cá. Dá para acreditar nisso?! Pode acreditar! Logo do lado, nessa parede assim, tem navio, desse tamanho, que faz a volta aqui numa coluna e sai de novo, outra vez. Tudo controlado pelo computador... a hélice você vê, a água é cristalina... a hélice girar, de repente para, daí ele tem que manobrar... |

Fonte: Elaborado pela autora segundo depoimentos coletados.

No último depoimento descrito no Quadro 9 nota-se, além da aderência de Conny às miniaturizações, um contraponto entre a maquete de Hamburgo

e a maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul. No percurso desta trajetória de análise, ao refletir a respeito da pirotecnia do *Minimundo* exaltada por Rosete e por Conny quanto mais ecoa a enunciação de Conny: “Bom, isto tudo nós também temos que fazer aqui”<sup>38</sup>, mais me vem à mente os pequenos dioramas espalhados pela Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul. Essa abordagem descontraída em que os feitores dialogam via dioramas na exposição traz uma brisa de gracejo sem a necessidade de avançar em efeitos pirotécnicos. Como relata Márcio: “Aqui a gente consegue ver situações do dia a dia... você vai ver na porta do bar um cara discutindo com um outro com taco de sinuca...”<sup>39</sup>.

Tais enunciados, ao serem percebidos em relatos antigos e reinterpretados em resina e poliestireno pelos feitores, no grande tempo<sup>40</sup>, chegam ao visitante, sob uma sutileza irônica, mostrando vivências, outrora comuns e hoje cômicas, do cotidiano de uma elite que residia na poligonal entre as décadas de 1930 a 1940. E apesar do rigor e da técnica no atendimento à escala, às dimensões, aos adornos, aos registros fotográficos, percebe-se a presença da invenção na idealização destes momentos inusitados, conforme relata Conny: “não tinha ainda as cenas... as cenas cotidianas. Por que eu posso fazer de 39? Quantos filmes que eu assisti, depois da guerra, de faroeste? ((risos))”<sup>41</sup>. Pois, a meu ver, é justamente esta mistura da técnica com a invenção e do vivido como o idealizado, ao reunir em um mesmo dia o Carnaval, a Festa da Nossa Senhora dos Navegantes, a Festa da Nossa Senhora das Graças, o Cortejo Fúnebre, que traz essa vivacidade à Maquete.

A musealização é processo que altera o estatuto do objeto, entretanto, os processos de musealização que se constituem da musealidade para a museália somente se iniciam se houver os valores de representação social<sup>42</sup>. Em outras palavras, apesar do registro fotográfico histórico e da calaça original noutro museu, das técnicas aplicadas em resinas, poliestirenos e tintas, dos 20 anos de miniaturização, de ser uma representação do centro histórico tombado, de estar instalado no museu, o diorama para tornar-se museológico precisa do outro, do

38 Praia de Paulas, entrevista em 28/10/2019.

39 Enunciação publicada em “Maquete mostra como era São Francisco do Sul entre 1930 e 1940” (2019).

40 Como uma metáfora, esclarece Bubnova (2015, p. 5), o conceito grande tempo pode significar: “tradição, futuro virtual, história literária e intelectual, memória em seu sentido mais amplo, um nível ontológico de existência, transcendência, etc”. O conceito implica a presença de um “terceiro” no diálogo sempre a partir de um distanciamento.

41 Praia de Paulas, entrevista em 28/10/2019.

42 Lembra Luísa Maria Rocha (2020, p. 2).

reconhecimento de seus interlocutores, para adquirir um outro valor, cultural e simbólico. E é nesta cadeia de comunicação discursiva entre passado, presente e futuro que vão se contornando as qualidades e os valores atribuídos pelas pessoas aos objetos, que no caso da Maquete representam o Cortejo Fúnebre, as festas, os encontros nas ruas do centro, a movimentação portuária de outrora...

Muitas vozes permeiam o processo de confecção dos objetos, dos documentos, das imagens... são os enunciados dos outros que ali vivem. Na continuidade, nas exposições dessa fonte de passagem de elos na cadeia de comunicação discursiva, quer sejam os museus, o ato de olhar os objetos expostos equivale a conhecer algo que está além dos próprios objetos algo que os objetos evocam.<sup>43</sup> Mesmo que nada mude, o sentido muda. O sentido não quer (e não pode mudar) os fenômenos físicos, materiais e outros, não pode agir como força material<sup>44</sup>.

No caso da Maquete, atenção merecida deve-se ao fato que as enunciações dos moradores a respeito daquela época foram recebidas, no mais das vezes, pela equipe formada por Conny (modelista) e pelos estudantes de Arquitetura e Design, sendo esses os interlocutores que recebiam tais depoimentos dos moradores; na percepção de Márcio: carregados em seu interior de vivências e de lembranças de como era a relação com os vizinhos e o convívio em comunidade.

A partir da permanência, das interpretações dos feitores registradas em vestígios visuais, do processo de miniaturização, da exposição abrem-se outras possibilidades de aproximações: dos construtores dessas edificações cheias de detalhes e adornos, que passariam despercebidos em um trajeto cotidiano de moradores da cidade ou em um trajeto turístico de visitantes menos atentos, agora com chances de ressuscitar, pelas representações de suas edificações na Maquete ou pelas histórias vivenciadas representadas nos dioramas. Os diferentes tipos de telhas e os processos construtivos da época envolvendo o uso de pedras e óleo de baleia podem ser revisitados, ou mesmo, questionados, tendo como alegoria a exposição. Enfim, passa-se a palavra ao outro para que se aproximem e efetuem seus acentos, não necessariamente convergente com o que está posto, exposto.

Destaco que no fazer coletivo que dotará a exposição de uma só voz há as distintas e singulares interpretações de cada um dos participantes. Cada intérprete olha a obra pela lente da sua visão de mundo, de seu ponto de vista, de

43 Reginaldo Gonçalves (2017, p. 50).

44 Bakhtin (2017, p. 71).



suas posições. Em certa medida, essas posições determinam sua avaliação, mas elas mesmas não continuam imutáveis<sup>45</sup>. A obra sempre traz algo novo e está sujeita à avaliação do sujeito.

Por mais incríveis que sejam os bens culturais, ainda vão precisar de narrativas para acessar as memórias dos objetos. Para que nos afetem, tais narrativas precisam superar os atributos físicos do bem e ativar memórias conectadas à vivência das pessoas<sup>46</sup>, sob a ótica bakhtiniana, aos diálogos de outros forjados no objeto. O diálogo nas linguagens sociais, devido a sua natural dispersão, nem sempre é tão enriquecedor; todavia nos museus, dada a sua concentração, tem o potencial de ser. Os museus alimentam encontros de enunciações do passado, do presente e do futuro. As coleções permitem o compartilhamento de perspectivas dos expositores que tomam a palavra alheia e a reinterpretam.

Por mais que a exposição seja atribuída a uma pessoa ou a um coletivo que a assina, ainda que se configure em uma pretensão monologizada, o que há é uma sobreposição de autores que apresentam cada qual a sua interpretação, segundo suas posições enunciativas e conforme se aproximam do tema. São vozes não equipolentes que se sobrepõem e que buscam via comunicação estabelecer a sua presença, a sua existência, ainda que sua intencionalidade seja não ser percebida de imediato, como no caso da automação e da iluminação da Maquete.

Do mestre que iniciou a Maquete até sua conclusibilidade muitas enunciações participaram deste “fazer com” relativamente alocado em um período de 20 anos. E como visto até aqui, os dados empíricos apontam que o mesmo processo que engessa também insere camadas de interpretações. A simultaneidade dos diversos tempos da história é possível somente dentro do âmbito da cultura. Mas o diálogo entre culturas só é possível se o super destinatário que hoje recebe a enunciação, ou que no futuro a receberá, for capaz de compreender<sup>47</sup>.

---

45 Bakhtin (2017, p. 36).

46 Gonçalves (2018, p. 93).

47 Bubnova (2017).

### 3 ANÁLISES DE CONEXÕES E DIÁLOGOS DO PRESENTE COM O PASSADO

Os elementos da ideia da obra apresentada pelos feitores marca pelo estilo uma visão de mundo, no caso da Maquete, o reencontro com um passado nostálgico idealizado na cidade em miniatura que não podia conviver com a eletricidade, iluminada, portanto, por velas e lampiões. Essa marca jacente na obra cria princípios interiores específicos que a separam de outras obras. Se antes, em sua feitura predominavam os enunciados de outros, em depoimentos, em fotografias, em vestígios marcados nas paredes das edificações da poligonal; depois do seu “término”<sup>48</sup> são aguardados os enunciados dos visitantes da exposição, ou mesmo uma compreensão silenciosa.

As informações e demais registros coletados sobre os objetos de museu alocados em uma exposição que integra o acervo situam-se nos elos da cadeia discursiva presentes no período anterior à reabertura da exposição. Do conjunto de informações e acervos apurados na ocasião de preparo da exposição museológica, apenas alguns elementos serão expostos. Há restrições físicas, orçamentárias, temporais e intencionalidades emoldurantes dos enunciados proferidos por aqueles que, por assim dizer, assinam as exposições.

O ato de ingressar em um museu por si só já provoca a sensação de um descobrir por vir que nos desafia a dialogar com o outro. Como cada peça do acervo foi inserida, os espaços em branco, o local dos bancos, a iluminação, os sons, as texturas, as cores, as escritas, em suma, o *design* expositivo materializa e revela parte da alteridade. Quando um visitante entra em uma exposição, há uma estrutura de comunicação, um saber que está de alguma forma colocado ali pelos idealizadores que pensaram em um tema e no processo comunicativo<sup>49</sup>. Neste transitório entre a expressão e a enunciação, o acontecimento na vida de um texto sempre se desenvolve na fronteira entre duas consciências,

48 Uma exposição estará sempre inacabada em função da aproximação de outros, ela nunca para de se mexer.

49 Studart e Valente (2006, p. 106).

dois sujeitos. Neste contato com o texto escrito, com o objeto, com a imagem, o visitante que se aproxima da exposição é o observador que se situa no exterior, no grande diálogo, lugar e tempo.

Textos, imagens, sons, áudio gravações, dioramas, esquetes, dispositivos multimídia e acervos, cada qual são construídos por sujeitos (e suas posições enunciativas) em uma perspectiva sócio-histórica com determinadas finalidades que não coadunam em um mesmo espaço-tempo. Ainda assim, são posicionados em espaços e tempos específicos nas exposições e sob determinados acentos, em um processo combinatório de misturas, buscando ofertar interpretações sob determinado tema. Por outro lado, há a aproximação de outros sujeitos que sob a lente de suas posições enunciativas, em um determinado momento singular e irrepetível, tecem as suas interpretações concernentes à exposição; melhor dizendo, à escuta desses outros de quem se aproximam mediados pela exposição. A museália medeia e se modifica no discurso; não há uma única leitura, uma única compreensão.

Ingressam nesse diálogo outros profissionais, como repórteres, jornalistas e assessores de comunicação que enunciaram sobre a exposição em jornais impressos, mídias televisivas, mídias digitais... Esses profissionais com formações em diferentes cursos, épocas e instituições reúnem perspectivas e maneiras diversas de ver e de falar sobre o mundo. Em visitas museológicas, conteúdo e forma interagem. A recepção vai depender da cultura, do desejo de descoberta, da disponibilidade de tempo do visitante, mas também da qualidade prévia dos dispositivos museográficos<sup>50</sup>.

A título de exemplo, os museus *Historial de Peronne* e *In Flanders Fields Museum* em Ypres, no norte francês, preservam acervos da Grande Guerra Mundial e recebem seus visitantes da Alemanha, Reino Unido e França em seus respectivos idiomas, nada obstante, a atenção ao visitante não se resume à questão do idioma. Os quiosques interativos, espalhados pela vasta trilha do museu, permitem ao visitante acompanhar a vida de um personagem durante os eventos. O visitante pode escolher a perspectiva de um enfermeiro, de um refugiado ou de um soldado, visto que diferentes contextos de produção de objetos são apresentados, bem como o depoimento de sujeitos com diferentes pontos de vista. Sendo duas trajetórias cronológicas, a primeira mostra ao visitante a história social e cultural da Grande Guerra, enquanto a segunda destaca o valor

---

50 Fleury (2011, p.75).

de várias trajetórias individuais, deixando o visitante construir a sua própria<sup>51</sup>; embora, pondero, em um determinado limite de opções.

No caso da Maquete, o uso da vegetação da época, as janelas do casario, as lamparinas, os usos dos espaços pelos moradores do Centro Histórico nas décadas de 1930 e 1940 registram a atenção aos detalhes na intenção de todos os sujeitos entrevistados responsáveis pela feitura da exposição, como exemplifica o relato de Conny sobre o cotidiano e o uso dos recursos disponíveis: “no morro [...] era tudo mato. Porque eles vira e mexe derrubavam tudo para lenha porque naquela época não tinha fogão a gás, nem carvão, era fogão a lenha”<sup>52</sup>. O Morro do Hospício, o carnaval de rua, o uso de outrora e de agora do prédio que abriga o museu, a opção de valorização da atividade portuária e não da atividade turística ao longo do desenvolvimento de São Francisco do Sul e o Posto Mussi & Irmão, um dos mais antigos de Santa Catarina, são as metáforas que enfatizam o vínculo entre o presente e o passado da poligonal representada.

No encontro com os diálogos de *outrem*, oriundos do processo de pesquisa para a exposição, reflexões e refrações sobre a história e as pessoas, a evolução das cidades, o uso das cidades pelas pessoas e a cidade para as pessoas povoaram o fazer expositivo. Márcio relata como seu trabalho com maquetes ajudou a compreender melhor o processo de crescimento das cidades e reflete que as pessoas continuam consumindo e vivendo dentro do Centro Histórico de São Chico apesar de ter um esvaziamento de moradores. Nas palavras dele: “hoje você tem bastante comércio e o comércio funciona em horário comercial, então à noite não tem ninguém. Mas eu entendo que as pessoas gostam de usar o centro, gostam de viver o centro [...]. Todas as grandes manifestações seja de festas seja de eventos cívicos acontecem no Centro Histórico”<sup>53</sup>.

O *design* expositivo inicialmente projetado interfere nas circunstâncias de sua exibição, tanto na conclusibilidade da interpretação cunhada por seus fatores como irremediavelmente na alteridade. Isto acontece na ocasião de inserção de esquetes teatrais junto à exposição, na adaptação às intencionalidades dos professores envolvidos na visita de grupos escolares, nas narrativas de guias turísticos que se adaptam ao perfil dos turistas atendidos, na inserção de dispositivos que conectam os visitantes a outras fontes de informações e que

51 Fleury (2011, p. 50-51).

52 Praia de Paulas, entrevista em 28/10/2019.

53 MNM-EB, entrevista em 10/09/2019.

inserem novas percepções sensoriais, ou mesmo no ingresso de instituições financiadoras na restauração e renovação do espaço expositivo.

Para uma análise com foco na identificação de sobreposição de camadas interpretativas em um espaço expositivo, algumas questões mostraram-se relevantes para identificar diálogos entre o presente e o passado:

1. Que camadas de interpretações coexistentes na exposição são mais proeminentes nas circunstâncias de exibição? E que camadas ofuscam-se pelo clareamento de outras?
2. Com que outros a exibição da exposição me instiga a relacionar? E que outros não consigo acessar via exposição?

Analisando o espaço expositivo, a posição dos painéis é um preparo ao encantamento<sup>54</sup> antes da visualização do diorama propiciada pela redoma de vidro. A dimensão da Maquete iluminada oferece um contraste da representação do Centro Histórico incrustado entre os tons de verde representando os morros e sua vegetação característica e os tons de azul representando a Baía Babitonga e suas ondulações. Após esta primeira impressão visual, os detalhes dos dioramas e das edificações apresentam-se ao campo visual quando o visitante aproxima-se e estabelece seus ângulos de observação.

Figura 1 - Redoma de vidro e a Maquete sem público



Fonte: Exposição Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul (MNM-EB, 2020), Susana Nunes Taulé Piñol (2020, p. 116) CC BY 4.0 Internacional.

54 Para Greenblatt (1991, p. 250): “poder do objeto exibido de pregar o espectador em seu lugar, de transmitir um sentimento arrebatador de unicidade, de evocar uma atenção exaltada”. O encantamento “não tem sido estranho à crítica literária, mas tem sido associado (se bem que implicitamente) mais ao formalismo que com o historicismo”.



A aparente calma, os olhares contemplativos e o silêncio, por vezes quebrado, quando passam grupos escolares pela sala expositiva do museu, velam a rede de enunciações que está em nosso entorno. No sentido estrito da palavra, o acesso ao museu nos compele a um ambiente complexo: nos toma por todos os lados, muitos dos quais não percebidos de imediato, outros sequer percebidos pregressamente. Contudo, por olhos mais atentos, é possível perceber certas tonalidades remanescentes de um processo de clarear e ofuscar que trazem contornos às circunstâncias de exibição.

Visitas aos museus nos fazem viajar, recordar... saímos de nosso tempo: uma encenação da mulher do pescador fazendo renda de bilro ao lado da exposição Rancho de Pesca, ao cantar músicas da infância, remete turistas de um grupo de idosas às brincadeiras e cantigas de quando eram crianças ou um olhar para a representação dos portos na Maquete, ao observar a riqueza de detalhes, reaviva no interior do sujeito as vivências singulares e irrepetíveis com o pai estivador, na época pujante do movimento econômico na Baía Babitonga. Como se no mesmo instante o visitante estivesse aqui e lá, uma viagem no grande tempo<sup>55</sup>.

Os armazéns da Companhia de Navegações Hoepcke, especialmente, recebem acentos, via representação no diorama e na fotografia do painel de entrada que mostram parte da movimentação portuária na Baía Babitonga. No entanto, nas *Circunstâncias de Exibição*, outras vozes que se aproximam destas edificações naquele contexto histórico não recebem acentos, quer sejam os escravos que participaram em outras épocas da construção da igreja, os viajantes das embarcações e suas histórias, nem os processos de construção das edificações com pedras, areia, conchas e óleo de baleia é possível acessar considerando o ano de 2020. Essas formas de apresentar aquela época, segundo outros contextos axiológicos merecem tanto reflexão como providências em se confirmando a disponibilização de dispositivos mediante aporte de recursos financeiros nem sempre disponíveis para museus no Brasil, onde a preservação da própria infraestrutura dos museus é um desafio constante enfrentado pelos gestores.

Tais acontecimentos enunciativos são menos destacados no conjunto da exposição, como é o caso do Navio Carl Hoepcke. A vida social desta embarcação foi pautada por luxo e tragédia, sendo que ao longo desta trajetória serviu de navio de passageiros, oferecendo passagem em duas classes, cargueiro, navio boate e navio fantasma. Durante os anos de 1927 a 1960 era ofertada uma for-

ma glamourosa de viajar nesta embarcação entre as cidades de Florianópolis, Itajaí, São Francisco do Sul, Santos e Rio de Janeiro. Sua chegada nos portos era comemorada com muita festa e alegria pelos moradores locais, com os melhores trajes para receber os viajantes<sup>56</sup>.

Tal navio não é representado como maquete nas circunstâncias de exibição embora conste, no trapiche na Baía Babitonga, bem próximo ao casario, em uma das obras artísticas em pintura de Conny fixada nas paredes que dão acesso à redoma de vidro. Ainda que houvesse tal maquete ou que fosse confeccionada por outro modelista naval e inserida *a posteriori*, apenas com estas ações, o visitante não teria acesso, por exemplo, ao contexto do interior da luxuosa embarcação que não existe mais.

Outros acontecimentos enunciativos da época não foram reinterpretados, permaneceram com a sua inserção nas *Circunstâncias de Exibição* indefinida ou foram suprimidos, como no caso dos postes de energia elétrica e do *Graf Zeppelin*. O dirigível, em 1934, sobrevoou algumas outras cidades, como Joinville, sem atracar devido à falta de infraestrutura para tal manobra<sup>57</sup>. Apesar de o sobrevo ocorrer no período representado na Maquete sua inserção embora cogitada não aconteceu, ainda assim, uma das matérias publicadas estampada em um dos painéis da exposição relate a presença de dirigíveis neste período histórico.

No que concerne à inserção dos postes com luz elétrica, por volta de 1940 a Companhia de Navegação Hoepcke tinha um gerador próprio, produzia energia para seu uso e o excedente era distribuído para um trecho da cidade até o Clube Náutico Cruzeiro do Sul e a Delegacia da Capitania dos Portos em postes antigos. Estes detalhes foram representados na Maquete. Embora a rede elétrica da cidade tenha sido instalada nesta época, Conny e Márcio, em função da estética, decidiram não representar os postes com vários fios<sup>58</sup>.

---

56 Hinsching (2018).

57 Hinsching (2019).

58 MNM-EB, entrevista em 10/09/2019.

Figura 2 - Acontecimentos enunciativos do Núcleo de Automação



Fonte: Página Facebook - MRA Arquitetura (2020)

A Figura 2 enseja o que não é mostrado mas está na outra ponta daquele quase imperceptível fio, embaixo da Maquete, na armação de itaúba são atos discursivos, presentes mas ocultos nas circunstâncias de exibição. A imagem da mão remete ao sujeito da área de automação e ao seu fazer sustentado por um fio que em breve será ocultado pelo próprio e já pequeno poste.

A inserção de representações dos postes antigos relatada por Márcio marca a presença de acontecimentos enunciativos em milímetros da exposição. Percebe-se “um fazer” cujo objetivo é não deixar vestígios visuais da fiação elétrica escondida sob o solo da poligonal miniaturizada, exceto pela iluminação do poste que deve aparecer e funcionar, não como uma iluminação branca, mas como uma iluminação característica de época, assim como no interior das casas em referência à luz de vela e de lampião. Tais acontecimentos conectam-se em “fios” específicos, em especial àqueles do campo da automação, em uma perspectiva educativa de legado, nas palavras do professor Rômulo: “Para poder levar alguns alunos [...] mostrar o que precisa ser feito e como a gente consegue, primeiro

esconder, o que foi feito para ficar elegante e, depois, como o trabalho visível é pequeno perto do trabalho que acaba ficando invisível para o público”<sup>59</sup>.

Além da exposição contemplar acontecimentos enunciativos dialógicos como condição de existência da linguagem, percebe-se acontecimentos enunciativos dialógicos como condição de interação que conectam-se a determinados estratos<sup>60</sup>. Isto pode ser constatado seja no trabalho escondido mas elegante junto aos estudantes de automação, seja no caso invertido das telhas junto aos estudantes de arquitetura.

Na semana de reabertura da Maquete, segunda semana de novembro de 2019, houve a concentração de enunciações oriundas de jornalistas e cinegrafistas tanto dos veículos de comunicação locais como das assessorias de comunicação de instituições cujos representantes foram convidados. A intencionalidade predominante de tais acontecimentos residia em registrar e propagar a reabertura da exposição, cada qual com suas peculiaridades. O embricamento dessas enunciações ao gênero jornalístico trouxe novas tonalidades aproximando a exposição tanto de questões históricas da cidade como de questões turísticas até então não predominantes na coleta de dados voltada para as condições de sua feitura.

O saber apresentado em uma exposição, quando veiculado por essa mídia é diferente da forma inicial, sofre adaptações que interferem na sua abordagem para facilitar sua apresentação considerando o grande público<sup>61</sup>. O envolvimento de profissionais da área de comunicação imprimiu, nas enunciações, tal gênero discursivo com indícios de matérias baseadas em um mesmo release institucional que destaca as dimensões da Maquete, o tempo de execução, o trabalho coletivo sob a tutela do modelista e artesão naval Conny Baumgart, a coordenação do arquiteto Márcio Rosa e o apoio de parceiros como a ArcelorMittal.

---

59 Rômulo Schweitzer (Professor, IFC, entrevista em 31/07/2019).

60 Em Estética da criação verbal, Bakhtin utiliza o termo estratificação profissional (em sentido amplo) da linguagem para distinguir a linguagem do advogado, do médico, do comerciante, do político etc; importando-se, sobremaneira, com o aspecto intencional em seus usos e suas riquezas de sentido. “As intenções que perpassam essas linguagens endurecem para os estranhos, convertem-se em limitações semânticas expressivas, sobrecarregam a palavra para eles e deles a isolam, [...]” (BAKHTIN, 2014, p. 64).

61 Studart e Valente (2006, p. 112).

Quadro 10 - Síntese comparativa de matérias jornalísticas replicadas

| Autoria e localização - texto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   | Manchete                                                                                            | Data                               | Veículo                                                     | Destinatários                                                                                                                                                                                                   |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------|-------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Notícia escrita supostamente por quem trabalha na assessoria de comunicação da Secretaria de Turismo de São Francisco do Sul (cujo nome não foi registrado junto ao texto). A matéria tem como objetivo divulgar a exposição e o museu, em especial a reabertura visto que foi escrito um dia após este evento. Como discursos alheios com solidez escultural estão os de Márcio Rosa e de Rangel Friolin, Diretor-Presidente da Fundação Cultural Ilha de São Francisco do Sul | Museu Nacional do Mar: inaugurada a maquete que reproduz o Centro Histórico                         | 14/11/2019                         | Website da Secretaria de Turismo São Francisco do Sul       | Suposto: guias de turismo e futuros turistas.<br>Real: políticos, assessorias de imprensa e representantes de instituições, pesquisadores, guias turísticos e turistas.                                         |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Com patrocínio da ArcelorMittal: maquete histórica de São Francisco do Sul é inaugurada             | Primeira Quinzena de Novembro 2019 | Jornal Impresso e Online Nossa Ilha                         | Suposto: Comunidade de São Francisco do Sul<br>Real: Comunidade de São Francisco do Sul com o hábito de ler este jornal, patrocinadores do jornal e demais pessoas citadas nesta edição.                        |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Maquete gigante do Centro Histórico de São Francisco do Sul ficará exposta no Museu Nacional do Mar | Sem precisão de data               | Jornal Online Aconteceu em Joinville                        | Suposto: Comunidade que acessa e lê o site Aconteceu em Joinville sendo potenciais visitantes da região<br>Real: Comunidade que acessa e lê o site Aconteceu em Joinville sendo potenciais visitantes da região |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 | Inaugurada maquete que reproduz o centro histórico no Museu Nacional do Mar                         | 13/11/2019                         | Website institucional da Prefeitura de São Francisco do Sul | Suposto: munícipes e servidores<br>Real: políticos, assessorias de imprensa e representantes de instituições, pesquisadores, munícipes que acessam o site, servidores da prefeitura.                            |

Fonte: Elaborado pela autora.

Na análise de videograções verificou-se a reprodução do mesmo material em condições e abrangências diferentes. Porém, a referência ao trabalho de Conny e a participação de muitas mãos, especialmente de Rosete, são acentuados pelas palavras de Kelly Borges.

[...] o trabalho que exigiu incalculáveis horas de dedicação do catarinense de Rio do Sul, período de sobra para o amor pelas miniaturas ser enorme. A obra



tão grandiosa passou por dificuldades, desacelerou o ritmo e até paralisou por dois anos por falta de recursos, mas também reflete a união de muitas mãos para que ela não fosse abandonada: alunos, arquitetos, designers e artesãos como Rosete. Ela acompanhou tudo, do início ao fim. (MAQUETE MOSTRA COMO ERA SÃO FRANCISCO DO SUL ENTRE 1930 E 1940, 2019).

A matéria também aborda a saúde de Conny, o tempo que a Maquete ficou parada, a ação do tempo e a retomada dos trabalhos pelo antigo estagiário que esteve com ele lá no começo: Márcio Rosa; e segue enaltecendo o processo, em imagem, mostrando a inclusão de uma edificação no espaço da exposição.

Em um contexto de publicização dos discursos, a responsabilidade pelo que se diz é ampliada, a cena é povoada por outros que não se encontram materialmente presentes, mas que atuam diretamente na forma e no conteúdo do que é dito<sup>62</sup>.

Quadro 11 - Síntese comparativa da reprodução de vídeo gravação

| Autoria e localização<br>- texto                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         | Manchete                                                                                                                                                                                                                                                                                       | Data                                                           | Veículo                                 | Destinatários                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Após a fala introdutória do jornalista que enfatiza o tempo de duração e a época representada e referência o IPHAN e “Um” artista plástico e “Outros”, a jornalista vincula o vídeo à série intitulada: descobrindo São Francisco do Sul e convida os telespectadores a verem como foi o trabalho e o que os visitantes podem ver. A vinheta padrão da série traz outras atrações turísticas de São Francisco do Sul, como praias, igreja matriz, centro histórico e embarcações de pesca. As imagens são de Adriano Mendes e a matéria é de Kelly Borges (quem separa e conduz as enunciações em áudio) | Maquete mostra como era São Francisco do Sul entre 1930 e 1940: há cerca de 20 anos um artista plástico começou o projeto de uma maquete de São Francisco do Sul. A pedido do IPHAN, ele e outros artesãos, arquitetos, voluntários e historiadores reproduziram a São Chico da época de 1930. | 13/12/2019                                                     | Balanço Geral Joinville do ND+ Notícias | Suposto: telespectadores que costumeiramente assistem o telejornal neste horário.<br>Real: quem assistiu a matéria de abrangência regional.                                                                                                                                                   |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                | 13/12/2019                                                     | NDTV às 13:04                           | Suposto: telespectadores que costumeiramente assistem o telejornal neste horário.<br>Real: quem assistiu a matéria de abrangência estadual.                                                                                                                                                   |
|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                          |                                                                                                                                                                                                                                                                                                | Com 933 visualizações e 38 curtidas em 19/06/2020 às 20h35min. | Youtube                                 | Suposto: aqueles que não assistiram ao jornal na televisão, mas puderam acessar a matéria posteriormente pelo site de notícias.<br>Real: assessorias de comunicação, anunciantes, patrocinadores, entrevistados, envolvidos com a exposição e as instituições relacionadas e telespectadores. |

Fonte: Elaborado pela autora.

62 Carvalho (2015, p. 133).

Em relação ao Quadro 11, se observarmos os destinatários supostos e reais, nota-se que ao veicular a matéria sobre a exposição em determinados horários e dias há direcionamentos a públicos específicos de telespectadores; mas o que pouco é percebido são as circunstâncias de recepção. O contexto em que o sujeito telespectador/internauta depara-se com a veiculação da matéria (sozinho no trabalho, em um almoço familiar, no celular passeando pelo centro histórico, reprisando para outro familiar etc.) geram distintas centelhas de expressões e potencializam distintas interpretações.

No estabelecimento dos elos, na continuidade da cadeia discursiva, trechos são selecionados, imagens são postas, manchetes são definidas, mas também, trechos são descartados, imagens são deletadas, informações são postas em segundo plano porque são considerados por aqueles que avaliam e decidem o que será ou não publicado, em que horário será veiculado, onde, em qual dia da semana e em que espaço do jornal.

As intencionalidades afetam a exposição dos enunciados sobre a exposição<sup>63</sup> antes que outros visitantes dela se aproximem. Isso pode influenciar, inclusive, aqueles que da exposição tomam ou não conhecimento, em última análise, para quem a exposição passa ou não a existir. Nos discursos alheios e entonações proferidos por Andréa de Oliveira, Conny Baumgart e Rosete Menezes, enquanto Andréa priorizou a questão histórica, Conny e Rosete exaltaram o processo de feitura da exposição.

---

63 Trocadilho intencional.

## Quadro 12 – Distintas aproximações

| Entrevistadas                                                                          | Aproximações                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|----------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rosete Menezes – ênfase nos adornos do casario e no processo de feitura                | É muito detalhe... é muito detalhe, se você vê os enfeites da casa... Porque assim: Cada edificação tem um projeto. Então nós íamos lá, eu e o seu Conny, com vara de bambu que o seu Conny fez para medir todos os detalhes, altura largura os detalhes, a gente voltava muitas vezes. Hoje eu já faço tudo no computador, no notebook, as fotos, tudo... na época, nós íamos com a nossa maquininha, batia foto, mandava revelar para trabalhar em cima das fotos, os detalhes, tudo. Hoje a gente já tem outro processo. Mas na época, dez anos atrás... nós temos pilhas de fotos. Tem que gostar, você tem que gostar do que faz, porque tem que ter dedicação.                                                                                                              |
| Andréa de Oliveira – ênfase na movimentação econômica e nos portos das décadas 1930/40 | Essa representação que é essa Maquete do Centro Histórico [...] nos mostra os três importantes portos que nós tínhamos aqui no Centro Histórico nas décadas de 30 e 40. O porto do Lloyd, o Santista e o Hoepcke que é aqui no Museu Nacional do Mar, nestes galpões. Então, toda a mercadoria produzida no planalto norte catarinense era escoada por aqui: a erva mate, a madeira e também o trigo que vinha da Argentina era levado daqui pelas Chatas puxadas pelos rebocadores e iam até o Moinho Riograndense em Joinville, que depois se tornou Moinho Santista. Claro, era tudo navegável. A Baía Babitonga, esses rios eram as nossas estradas. Então, essa representação do Centro Histórico é muito importante porque mostra o desenvolvimento de toda a região [...]. |

Fonte: Elaborado pela autora com base nos trechos das entrevistas.

Após sua reabertura, a Maquete foi comentada por diferentes veículos midiáticos tanto por emissoras de televisão como por editoriais de jornais da região. As informações sobre ela permaneceram disponíveis na *World Wide Web* pelo menos um ano após este período. Estes vínculos, capturados via análise documental, destacam os nós já antes reticentes como Conny Baumgart e Márcio Rosa, mas põem em destaque o Centro Histórico de São Francisco do Sul, o IPHAN, as fotos das edificações e os detalhes de seus adornos. O carnaval de rua, as carroças, a Igreja Matriz, o Mercado Público, a Baía Babitonga e os estudantes que auxiliaram na feitura da exposição vigoram como nós nestes veículos; sendo que as praias, a Vila da Glória, o boi de mamão, o pão por deus e a dança do vilão, entre outros nodos mais voltados ao turismo da região passam a configurar como conexões.

A inserção desses outros nós acontece sempre que um outro sujeito se aproxima e enuncia concretamente a respeito da exposição. Nesse olhar, nesse escutar o outro que ele encontra via vestígios visuais no museu, outras faces diferentes do objeto são mais ou menos clareadas, novos tons, novos acentos e ofuscamentos acontecem. Em outras palavras, é possível dizer: para cada sujeito em sua singularidade existe um acervo. É como se para uma criança fosse um

museu, para um jovem fosse outro, para um idoso, outro, para um estudioso, outro; porém é também um museu, no exemplo do MNM-EB, para uma criança que vive sua infância perto de pescadores, e outro para uma criança que nunca viu o mar; um museu para um estudioso de engenharia naval e outro para um estudioso de sociologia dedicado à vida ribeirinha. No diálogo revela-se uma forma de ligação entre a linguagem e a vida, permitindo que a palavra seja o próprio espaço no qual se confrontam os valores sociais<sup>64</sup>.

As mídias sociais também configuravam-se em circunstâncias de exibição associadas à participação de sujeitos que comentam e observam os comentários de outros, inserindo outras camadas de interpretações. Pela observação aos comentários públicos relacionados à Maquete, seguindo pelas páginas de outros usuários e grupos formados no Facebook, é peculiar a externalização de saudades da cidade, por já não residirem mais em São Francisco do Sul, e a forma como se apropriam dos acontecimentos enunciativos e mudam o direcionamento para questionar, por exemplo, com que autorização de órgãos reguladores algumas edificações foram modificadas em desacordo com as prescrições de tombamento. Tais histórias de quem viveu e recorda daquela época, embora escapem da autoria, por assim dizer, oficial, ganham contornos e até inventividades, mediados pela exposição.

Estes apontamentos e análises tornam relevante o aprofundamento de algumas reflexões sobre compreensões ativas tecendo ponderações em torno da educação museal. Valorizar estas perspectivas marginais do conhecimento pode ser campo de atuação da educação museal no sentido de estabelecer um olhar crítico diante do que está posto.

---

64 Souza (1994, p. 126).

## 4 GRANDE TEMPORALIDADE E RESPONSABILIDADE COM REINTERPRETAÇÕES NO FUTURO

No museu está a imortalidade de quem já partiu e lá reside a possibilidade de tornar-se imortal. Se um sujeito é prisioneiro de sua época, de sua atualidade, há a possibilidade de se libertar pelos tempos posteriores. Por maior que seja o distanciamento temporal em relação a nós, a cultura de uma época não pode ser fechada em si mesmo como algo pronto, plenamente acabado<sup>65</sup>.

No compromisso social dos museus deve residir o estímulo a compreensões ativas sob o risco de não conectar elos na cadeia de comunicação discursiva<sup>66</sup>. A responsividade por compreensões ativas acompanha a comunicação museal e, em especial, a educação museal porque instiga conexões com os discursos de *outrem* sobre o acervo<sup>67</sup>. Para Bakhtin nos conectamos e dialogamos com quem não vive fisicamente, por meio dos registros de sua comunicação.

No contexto de acervos, das pesquisas, do preparo das mediações e das exposições museológicas não é diferente. O autor, seja um fotógrafo via fotografia, seja um morador antigo via depoimento, tem a chance de ser reinterpretado a cada época, estabelecendo novos diálogos e incitando diferentes interpretações a cada geração, a cada estrato que com seus registros se depara. Um distanciamento potencializa uma profundidade de sentidos imperceptíveis mesmo para o

65 Bakhtin (2017, p.16).

66 Perceptível nos relatos de concepção do MNM-EB: “Qualquer museu do mundo precisa contar lições, ele tem que falar alguma coisa, o que esse museu quer dizer. Que não é só ver barcos: ‘Ah que diversidade!’ ((ironia))... a pergunta era assim: “Que histórias nós contamos através dos barcos?” E a gente percebeu que através dos barcos nós poderíamos falar dos lugares, por exemplo, da própria evolução dos barcos. De onde vem... aquele vem do norte da Europa, do Mediterrâneo, da Índia, da África... mas isso se esgota: falar dos barcos. É preciso buscar as conexões”. (Dalmo Vieira Filho, arquiteto, urbanista e professor, MNM-EB, entrevista em 13/11/2019)

67 Exemplificado no relato: “Tu imagina a carga de emoção que tem cada embarcação dessa. É uma coisa absurda! Quantas pessoas navegaram numa embarcação dessa? Quantas cargas levaram? Quantas famílias alimentaram? Ela ser puxada, por exemplo, no seu Rancho, e por aquele pescador que talvez tenhas sido o pescador que também fazia os reparos. Quanta dedicação? Quanto envolvimento com esta peça? É algo que extrapola, às vezes, a cabeça da gente! Se tu for para o lado da antropologia é um significado, se for para o lado da filosofia é outro”. (Ana Lúcia Coutinho, Antropóloga e Presidente da FCC, MNM-EB, entrevista em 17/05/2019).

próprio autor à sua época. Como se superassem à época de sua criação, em sua vida *post mortem* as obras enriquecem com novos significados.

Um sentido só se revela encontrando e contatando o outro. O intérprete tem a seu favor um conjunto de novos conhecimentos produzidos no grande tempo, inexistentes na época da criação da obra. Assim, pode compreendê-la melhor do que o próprio autor em sua época, na feitura da obra. Nesta, por assim dizer, criação compartilhada a obra em si permanece inalterada em sua estrutura formal. O leitor intérprete não a modifica como produto estético; acrescenta-lhe “novos sentidos que nela descobre à luz das conquistas de sua época” (BEZERRA, 2017, p. 95). Assim, interpretar uma obra significa completá-la, revesti-la de novos sentidos, e, desse modo, perpetuá-la no tempo como objeto estético. Há, na compreensão do passado, uma índole inacabável.

Os museus justificam sua existência pela necessidade de dar conta da apreensão sensorial, empírica, corporal, exigida pelo universo da cultura material, são instrumentos ideais, não de cultivo, de análise<sup>68</sup>. É na inserção de mais camadas, de novas interpretações que são ampliadas as possibilidades de profundezas de sentido que com o tempo tendem a se avolumar com responsividade. Por isto, no alargamento das muitas leituras possíveis é preciso permanecer atento: há contradições, fragmentos, distintas percepções, fruto do hábito de enxergarmos apenas parte dos acontecimentos no tempo e no espaço,

A obra também está disposta para a resposta dos outros para sua ativa compreensão responsiva podendo assumir diferentes formas: influência educativa, respostas críticas, influência sobre seguidores e continuadores. A intenção sob a qual a exposição foi criada, seu sentido, marca sua singularidade. Uma nova execução, uma citação, uma reprodução visual é um acontecimento novo e singular, um novo elo na cadeia histórica da comunicação discursiva vinculado à exposição mas não restrito a ela, com potencial de extensão para o passado e para o futuro.

A linguagem empregada relaciona-se ao acesso de distintos sujeitos aos enunciados da exposição. Estar amplamente aberto ao diálogo e dar ampla acessibilidade é também estar suscetível a opiniões divergentes. Um museu engajado numa prática dialógica criativa se abre para múltiplas vozes<sup>69</sup>; é por meio do trabalho coletivo que relações são construídas e barreiras pulverizadas. Abrir-

68 Meneses (1994, p. 14).

69 Cataldo (2011, p. 19).



se ao diálogo é lidar com a presença do não consenso e, em parte, com o caos. Isso não necessariamente é ruim, pois nos leva a refletir e a repensar as formas de gestão e o processo decisório da instituição potencializando mudanças que, em tempos de calmaria, sequer seriam cogitadas.

A definição de metodologias específicas para atender a diferentes públicos ajuda a criar interlocuções entre artefatos e culturas. Na diversidade de públicos, apresentar a história das vivências daquela época em uma conversa entre avós e netos é diferente de apresentar os detalhes da arquitetura para estudantes da área, a ênfase pode ser nos dioramas, nas festas, nas praças, na baía... depende de quem conta, como conta e para quem conta. Em cada dado momento histórico da vida verbo ideológica, em cada camada social, cada geração tem sua própria linguagem. Toda idade tem, em essência, a sua linguagem, o seu vocabulário, o seu sistema de acento.

Moradores da localidade, apoiadores, patrocinadores, pessoas emocionalmente ligadas ao acervo fazem parte das relações dialógicas dos museus e conectam-se aos fios dialógicos de outros à medida que se aproximam de um acervo já comentado. Há sempre uma espessura e uma instabilidade a serem consideradas que remetem à própria espessura e instabilidade do objeto e do saber que o acompanha em texto. É como se não deixássemos o objeto em descanso; ele não para nunca de se mexer, como um caleidoscópio<sup>70</sup>.

Cada exposição museológica reflete uma ou algumas poucas formas de aproximações do acervo e, por estarem acessíveis ao público, fomentam outras conexões com os elos discursivos que acompanham quem dela toma conhecimento. Isto porque, o expositor, a expositora, os membros de sua equipe, ao concluírem relativamente seus enunciados na singularidade de seus contornos, ou seja, ao passarem a palavra ao outro (visitante, mídia, patrocinadores, apoiadores, pesquisadores...), têm o potencial de instigar outras aproximações de forma responsiva.

Em um bom museu ou em uma boa exposição você acaba saindo com mais perguntas do que quando entrou. Espera-se que os visitantes se emocionem, fiquem curiosos, questionem... e que após a visita, se sintam motivados a investigar e saber mais sobre os temas abordados e busquem, para tanto, outros recursos como livros, internet, documentários, etc. Talvez não seja isto que ocorra, ainda assim há uma infinidade de recursos, muitas vezes patrocinados, destinados a

70 Amorim (2002, p. 11).

atrair o público. Se a principal missão de um museu está em promover o estímulo<sup>71</sup>, cabe uma questão fundamental: em que medida tais estímulos, por assim dizer, mais pirotécnicos provocam reflexões e em que medida provocam distrações?

Este debate ganha fôlego com o advento das grandes ações museológicas temporárias, como a Bienal, que envolvem a mídia e o grande público, contrastando com os espaços silenciosos e contemplativos de museus que reverenciam a preservação. Se cenários maravilhosos banalizam, se investir em pesquisas no seu próprio acervo devem ser o foco ou se o objetivo deve ser expandir as fronteiras e atrair um público que não costuma interagir com obras de arte, fato é que esse embate persiste na arena museológica<sup>72</sup>.

Não somente extramuros, mas intramuros, os recursos tecnológicos aplicados aos museus buscam atender a diferentes necessidades de reconhecimento do sinal apresentando o acervo em diferentes idiomas. Libras, braile, visitas virtuais, *QR Codes*, impressões 3D, ações teatrais, visitas guiadas... cada qual sintonizando o melhor sinal segundo as peculiaridades de seu público em determinado tempo e espaço. A inserção de dispositivos interativos nos museus, contudo, não pode ser aleatória, é preciso considerar as possibilidades de diálogos. Isto porque tais recursos podem ampliar a gama de interlocutores e contribuir com a percepção de conexões outrora não prontamente percebidas, ou na contramão, tornar muito rarefeita as possibilidades de conexão, de aproximação, de relação do eu com o outro e, conseqüentemente, contribuir muito pouco para o enriquecimento do fundo aperceptivo de seus visitantes.

Pirotecnias costumam atrair um número maior de visitantes, contudo o número de visitantes é motivo de preocupação. Um grande número de pessoas no museu não é sinônimo de qualidade na fruição do que está sendo exposto. Centrar-se no objeto, no caso de um texto, é descrever quando foi publicado, onde, qual o assunto e conteúdo abordado e qual o nome do autor. Centrar-se no sujeito e em sua relação com os outros é, entre outras possibilidades, detalhar quando e em que circunstâncias o autor se encontrava quando escreveu o texto, qual a localização do texto no conjunto de suas obras, quais as intencionalidades do autor, em quem ele se baseou ou se inspirou para escrever o texto, para quem o texto se direcionava supostamente, quem o texto se direcionava realmente, quem o texto influenciou em outras épocas mais recentes, qual a posição

---

71 Wagensberg (2005).

72 Ponderações vistas em Museu em Movimento (2019).

enunciativa do autor: onde morava, em que época vivia, trabalhava com o quê, relacionava-se com que segmentos da sociedade?

Estas questões localizam e territorializam o texto e seu autor fornecendo informações relevantes à compreensão. Neste fazer, o objeto perde e ganha informações e os recursos expositivos se mesclam materialmente com os enunciados passados que são, por sua vez, com ganhos e perdas, materializados, no caso da Maquete, em dioramas. Nesta ação há uma terceiridade, tanto axiológica como exotópica, capaz de compreendê-lo e de apreciá-lo, de colocá-lo entre diálogos. Os significados das coisas estão inscritos nas suas formas, seus usos e suas trajetórias. Nas ruas construídas do diorama há significado, embora diferente, em parte, do casario tombado na poligonal, em cada edificação e sua vida social<sup>73</sup>. Há o reposicionamento do objeto em um outro lugar, representado via Maquete, e há também um processo de transformação que envolve racionalidade e emoção transformando, pelas mãos hábeis dos feitores, resina, poliestireno e tintas em interpretações do passado. Tais materiais processados e reposicionados assumem significados diferentes.

As imagens técnicas apresentadas na Figura 3 ilustram representações do cotidiano nas décadas de 30 e 40 no Centro Histórico sendo que, no canto inferior da imagem, é possível observar a localização da escola dos filhos dos pescadores cuja edificação não existe mais. Neste local, na poligonal, há um parque público de recreação infantil instalado como prolongamento da intitulada, em 2006 pelo Prefeito Odilon Ferreira de Oliveira, Praça Afonso Apolinário Doin, personalidade considerada uma das pioneiras do Espiritismo em Santa Catarina e no Brasil. Como reflete Chagas (2002, p. 44), “reconhecer que existem relações entre o poder e a memória implica em politizar as lembranças e os esquecimentos”.

Inaugurado em 1924, o edifício abrigava a Escola, a Sede dos Escoteiros do Mar e a Secretaria da Colônia com mostruário de aparelhos e materiais de pesca. Erguido na Praia do Mota recebeu o nome de Abrigo Frederico Villar, em homenagem ao Capitão da Marinha. Na parte inferior do prédio funcionava um abrigo para embarcações dos pescadores que vinham da região do Distrito Saí no continente<sup>74</sup>.

---

73 Em referência ao que propõe Appadurai (2008).

74 Oliveira (2019, p. 91).

Figura 3 - Diorama e registro fotográfico da Escola Armando Pinna localizada no Abrigo Frederico Villar, da Colônia de Pescadores Z-2



Fontes: Arquivo da Biblioteca Pública Municipal Augusto José Ribeiro e Exposição *Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul* (MNM-EB, 2020), Susana Nunes Taulé Piñol (2020, p.128) CC BY 4.0 Internacional.

Ao postar, na Figura 3, o diorama junto ao registro fotográfico dos antigos alunos na frente da escola, minha intenção está em mostrar o exímio trabalho de miniaturização realizado pela equipe, a localização da escola às margens da Baía Babitonga e a imagem das crianças e dos educadores que diante da edificação posam para o fotógrafo como um registro, com o propósito, a meu ver, de não serem esquecidos, de marcarem sua presença junto à escola.

Na mediação via exposição, os discursos dos outros sobre o objeto instigam o estabelecimento dessa conexão. São os diálogos interiores que se encontram com os outros nas circunstâncias de visita, inclusive com aqueles que não existem mais fisicamente, mas que enunciaram via objetos, que potencializam alcances e arrebatamentos. O objeto *per se* não tem poder, mas o objeto visto aos olhos de um outro já repleto de diálogos interiores adere em maior ou menor grau. Nos engajamos no diálogo enquanto ouvimos e, neste movimento, continuamente julgamos. Tempo e espaço interferem nesse julgamento: onde e quando estamos ouvindo, quem somos, quem fala conosco...

O tempo é uma articulação de diversas escalas de movimento. Embora, o tempo seja sempre histórico e biográfico e o espaço, sempre social, ambos não podem ser analisados separadamente, são indivisíveis, exceto em uma situação de abstração. Como formas da realidade mais imediata, o tempo e o espaço variam de qualidades. Não é possível, nesta perspectiva, conceber de forma separada o tempo subjetivo, o tempo social do trabalho, o tempo de descanso, o tempo histórico, porque são dimensões relevantes na articulação temporal da experiência individual ou coletiva. Todos os contextos são moldados, fundamentalmente, pelo tipo de tempo e espaço que operam dentro deles.

Para estudar os enunciados não se pode isolá-los de seu fluxo histórico. De maneira que é um desserviço basear a produção de conhecimento em textos descolados das ocasiões em que foram escritos. Olhar para tais circunstâncias possibilita perceber além do que está sendo dito. Muitas vezes, o que não é dito traz mais informações. Isto exige uma dedicação maior de todo pesquisador e, ainda assim, resulta inacabado: muitos detalhes no contexto não contam com registro e outras interpretações de texto em circunstâncias diversas sempre estão por vir.

A curiosidade, a experiência estética em uma nova circunstância, a vontade de aprender e de compreender são fatores motivadores de visitas em museus e em territórios com edificações patrimonializadas. No entanto, um visitante captura ângulos e tece interpretações distintas de outro visitante. O próprio visitante, a cada novo ângulo tem o potencial de alterar suas percepções, comentários... Sobre o que é exibido há infinitas possibilidades de recepção. Os registros tomados por meios audiovisuais e fotográficos, disponibilizados, ou não, em tempo real pelos sujeitos visitantes imbuídos de suas intencionalidades, também são formas de acesso ao museu, assim como, os vídeos gravados da exposição pelos visitantes e publicados em redes sociais.

Essas enunciações singulares que se estendem além muros em tempo e espaço flexíveis, tal como as visitas virtuais, caracterizam-se por uma sobreposição entre gênero e enunciado apresentando determinadas peculiaridades que variam conforme o dispositivo adotado. Consistem em enunciações vindas de um passado, proferidas e capturadas por sujeitos segundo seus auditórios sociais e gêneros discursivos e acessadas nessa ou em outras épocas, nesse ou em outros espaços, com esse ou com outros dispositivos<sup>75</sup>.

---

<sup>75</sup> Como, por exemplo, as obras antigas que devido aos riscos de deterioração foram escaneadas e podem ser acessadas em arquivos digitais públicos pela World Wide Web. Scanners que na época em que a obra foi escrita não existiam.

Para além das vozes de outros absorvidas, há um tensionamento que transgride a mera inserção ou posição de logomarcas nos espaços expositivos ou a inserção de assinaturas institucionais em projetos culturais, em última instância, não realizados pela instituição *per si* mas pelos sujeitos que estudam, trabalham e colaboram com tais instituições na ocasião de realização dessas ações sociais, culturais, educacionais... Isto não quer dizer que patrocínios e apoios de instituições públicas ou privadas não sejam bem-vindos; pelo contrário, na realidade brasileira eles são necessários e, por vezes, garantias tanto de preservação como de acesso gratuito do público aos museus.

O que costuma passar despercebido, mas é importante lembrar é que os sujeitos têm as suas próprias percepções de mundo e posições enunciativas não necessariamente sintonizadas na totalidade com, por assim dizer, posições enunciativas institucionais forjadas ao longo do tempo em circunstâncias institucionais singulares. A posição enunciativa de um sujeito jamais será a mesma da instituição, mesmo sendo esse sujeito seu representante.

Em relação às instituições é preciso compreender como se processa o discurso da mesma sobre a cultura e sobre a política cultural, isto implica quais projetos decidirá ou não apoiar ou inserir ou não sua logomarca. Já em relação aos sujeitos, uma significativa participação no processo, neste endosso naturalizado e sequer problematizado, passará despercebida para quem se aproximar da exposição, apesar da presença dos vestígios de suas ações. Como do ponto de vista do cidadão comum a história vai sendo contada pela superfície, para poucos restará a lembrança da participação de determinado sujeito no processo. Por outro lado, o nome da instituição ao qual tal sujeito pertencia na ocasião do processo é registrado, e assim há vestígios visuais que reforçam a participação desta, mesmo que anos se passem.

A exposição mostra, entretanto, não se limita a mostrar, o expositor orienta o olhar do visitante. Toda a exposição tem uma intenção, não é neutra. Os mesmos objetos posicionados de forma diferente ofertam novas perspectivas. Na preparação do *design* expositivo, no uso de recursos e de técnicas de montagem de exposição considerando a elaboração do texto, etiquetas, legendas e, prin-



principalmente, divulgação (catálogos, esquetes, projetos de educação museal), há um estilo típico de museus.

Extramuros, a responsividade amplia-se para outras frentes: a da mídia, a do guia turístico, a da escola... Sem retirar a importância da preservação do patrimônio, da pesquisa sobre o objeto e do uso de uma informação fidedigna, é no museu que se busca conhecimento. Diante do acervo, dos registros físicos, das marcações na pátina, é que se sabe da existência de muitas coisas já comentadas que não conhecíamos, coisas que os outros fizeram, coisas que os outros fazem e que agora, via processo de musealização, foram selecionadas para ali estarem em evidência.

## PARTE II





## 5 PRÁTICAS INVESTIGATIVAS EM TECNOLOGIA E PATRIMÔNIO

A aproximação do passado com o presente rumo ao futuro recebe interferência do modo como percebemos e como os outros percebiam a realidade. Dito isso, não se pode desconsiderar que a forma como percebemos nosso entorno depende das tecnologias que utilizamos. Testemunhas disso são os telescópios e os microscópios, seus usos em pesquisas e avanços tecnológicos que permitem aos cientistas observar fenômenos antes imperceptíveis no campo da visão. Em museus, exposições com atendimento especial a visitantes com necessidades específicas ampliam a percepção na experiência de visita pela possibilidade de tocar objetos. Projetos curatoriais mais inclusivos e instalações de dispositivos com possibilidades sensoriais diversas colaboram com a oferta de diferentes perspectivas.

Em questões patrimoniais, o uso de tecnologias, mesmo nas ações de restauro e preservação proporcionam intervenções antes inviáveis. No campo da comunicação e interpretação do patrimônio, não somente a digitalização de documentos é relevante para resguardar a informação inscrita em material deteriorável como o uso de TICs interfere diretamente nos recursos sensoriais que empregamos para perceber nosso entorno, ao ponto de, por exemplo, visitarmos virtualmente as instalações de uma embarcação que não existe mais, mas que foi reconstruída digitalmente via computação gráfica, a partir das plantas dos engenheiros responsáveis pela sua fabricação.

Se a compreensão ativa do enunciado concreto vem de uma enunciação do passado e é recebida no presente em circunstâncias distintas daquelas, por um destinatário com todas as implicações de sua posição enunciativa, não se pode desconsiderar a concretude em que tal enunciação é reinterpretada. Eis a relevância de investigar os enlaces entre tais tecnologias e o patrimônio cultural.

Alguns avanços teóricos se instalaram no uso de tecnologias de interação entre humanos e computadores, conhecida como a área de estudo IHC ou, em inglês, *Human-computer interaction (HCI)*. Sobremaneira em espaços museoló-

gicos nos processos de sistemas classificatórios, nos empenhos de digitalização do acervo e na conexão entre museus, comunidades e indivíduos, as tecnologias IHC têm um papel proeminente possibilitando ações, até então, imprevisíveis ou inviáveis. As digitalizações, por exemplo, não são tarefas simples, envolvem orçamento e pessoas dedicadas; a defasagem tecnológica pode ser um obstáculo mais à frente. Ainda assim, no caso de incêndios, como o ocorrido no Museu Nacional, no início do mês de setembro de 2018, no Rio de Janeiro, Brasil, seus arquivos digitalizados auxiliaram na recuperação dos acervos. Em muitos casos o acesso nem foi interrompido e as informações permaneceram intactas.

Nos últimos vinte e cinco anos, os espaços expositivos transformaram-se recebendo muitas inovações com o ingresso de recursos criativos e tecnológicos<sup>76</sup>. A integração dos objetos aos espaços ou descontextualização radical ora destaca os objetos, ora destaca o espaço que os acolhe buscando múltiplas leituras e olhares transversais. Não só há mais interatividade digital, mas também há uma série de modelos, conceitos e linguagens disponível para comunicar a experiência<sup>77</sup>. A comunicação tornou-se questão de mediação mais que de meios.

Aproximando-se dos contextos museológicos é comum, em muitas discussões sobre tecnologias digitais, o termo ‘digital’ ser usado de forma genérica englobando muitas formas e práticas diferentes. Mas como as tecnologias digitais participam do *habitus* representacional e criativo do museu? Como o código binário é inserido em um *continuum* de gerenciamento de conhecimento e de apresentação de exposições? Como o digital melhora o poder sensorial e a afetividade?<sup>78</sup>

Geismar (2012), em suas investigações, destaca que grande parte da literatura concentra-se em como as tecnologias geram novas relações sociais e como cria novas epistemologias e sistemas classificatórios emancipando os museus de várias restrições espaço-temporais, políticas e institucionais e reconectando coleções de museus, comunidades e indivíduos. Se apresentam novas formas de entender a relação entre objetos, conhecimento, pessoas e ambiente que reverberam em novas condutas às práticas museológicas.

Uma nova noção de museu, apesar das controvérsias conceituais também se instalou. O *cibermuseu*, na definição de Desvallées e Mairesse (2014, p. 67),

---

76 Valença (2016).

77 Dourish (2017).

78 Geismar (2012).

consiste em uma coleção de objetos digitalizados, “articulada logicamente e composta por diversos suportes que, por sua conectividade e seu caráter multiacessível, permite transcender os modos tradicionais de comunicação e de interação com o visitante”. Taddei (2013, p.193), entretanto, frisa que as tecnologias da comunicação, “tão onipresentes nas instituições [...]”, não são necessariamente uma garantia da superação do que se julgue ‘ultrapassado’ a qualquer título. E por isso não deveriam ser consideradas como solução única e universal para o ‘redirecionamento’ dos museus”. Já Martin Barbero (2003) reflete que a luta contra um pensamento único que a tecnologia é o grande mediador desdobrou-se em: reflexões e investigações sobre as mediações históricas da comunicação e transformações que atravessam os mediadores socioculturais (escola, família, igreja, bairro) e que possibilitam o ingresso de novos atores.

Um fato que contextualiza bem esta situação ocorreu no ano de 2017 quando o Conselho Internacional de Museus (ICOM) elegeu para a 15ª Semana de Museus o tema: *Museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus*, a fim de que os museus brasileiros apresentassem suas propostas<sup>79</sup> de participação desse tradicional evento. Tal movimento suscitou em parte a escuta de vozes silenciadas, ocultadas, cobertas, menos evidenciadas nos espaços museológicos de 450 cidades<sup>80</sup>.

Um caminho para apreender os resultados das visitas para cada sujeito, no intuito de, por assim dizer, mapear as percepções destas singularidades, são as narrativas digitais. Estas construções mentais, repletas de atos de significação, passíveis de interpretações e de reinterpretações do mundo e de si mesmo revelam como as pessoas ressignificam as informações recebidas e o conhecimento que constroem em determinada experiência<sup>81</sup>. Tais particularidades, em um efeito colateral, desafiando a responsividade, alimentam uma das preocupações em estudos sobre interatividade: a separação dos artefatos de seu contexto desconsiderando situações de uso e pessoas daquela época.

Ao discutir conceitos de interação é relevante perceber que a interatividade não é controlável. Ainda que os projetos prevejam determinadas interações

---

79 No Museu do Amanhã – RJ, o passado da localidade que aloja o museu foi evidenciado pelos mediadores para surpresa dos visitantes, visto que muito pouco deste assunto é abordado na exposição de longa duração. O bairro hoje chamado Leblon já foi um quilombo onde se plantavam camélias. Na ação educativa Sobre Damas e Camélias, a história foi abordada em meio a origamis para propor reflexões sobre a herança cultural brasileira, relações de família, trabalho, convivência e sustentabilidade (MUSEU DO AMANHÃ, 2017).

80 Franco (2017).

81 Almeida e Valente (2014).

intencionais, isto não significa que será utilizado da maneira que foi imaginado (velocidade, espaço, responsividade emocional, uso coletivo etc)<sup>82</sup>. O uso de apenas parte das opções de interação ou o não uso do dispositivo também são ou deveriam ser potenciais investigativos para os projetistas. Afastar-se de determinado recurso instalado em um espaço museológico ou em um percurso de visita *in situ* também é uma forma de interação.

Para além das narrativas e da enorme possibilidade de abrangência informacional, quando o tema é tecnologia e patrimônio é imprescindível ponderar a relação entre *designers* e destinatários. O conceito de bom *design* não é neutro ou universal; artefatos considerados bons em uma comunidade podem ser considerados péssimos em outros lugares<sup>83</sup>. Boas práticas de projeto e gerenciamento de qualidade não garantem bons resultados. O olhar do *designer* para o visitante deve perceber que este não pertence a uma massa homogênea, é preciso compreender os destinatários.

A análise de artefatos deve acompanhar a análise dos valores e experiências tanto dos usuários quanto daqueles que projetam dispositivos<sup>84</sup>. Aproximar os usuários dos projetos implica maior complexidade do processo. A participação dos usuários geralmente é benéfica para o *design*, os usuários possuem conhecimento e habilidades interessantes. Alguns aspectos, no entanto, não colaboram para resultados positivos: o imediatismo, sem perspectivas sobre o futuro e sem olhar para o passado; as baixas ambições tecnológicas, dificultando benefícios circunstanciais em longo prazo; a ausência de políticas sobre como o pesquisador deve comportar-se ao envolver os usuários no *design*, ou seja, a questão ética<sup>85</sup>.

No caso de museus há uma diversidade de usuários que podem participar do desenvolvimento de projetos: visitantes, curadores, pesquisadores, museólogos, educadores, turismólogos, cada qual com necessidades específicas; temos os não usuários, segmento que, por si só, já requer uma análise a parte. E, ainda que participe do processo somente o público visitantes, este já é bem diversificado. Apenas na perspectiva do público masculino e público feminino, há traços de masculinidade e de feminilidade que podem variar ao longo do tempo e do espaço<sup>86</sup>. Projetar para a diversidade e indeterminação também pode ser vista

---

82 Janler e Stoltermant (2018).

83 Preece, Sharp e Rogers (2007).

84 McCarthy e Wright (2017).

85 Bodker e Kyng (2018).

86 Breslin e Wadhawa (2014).



como uma abordagem ativista porque trabalha contra as restrições e os limites impostos por determinadas normas abrindo para a criatividade no processo de criação de identidade<sup>87</sup>. Questões relacionadas à cultura, raça, nacionalidade, classe, identidade e assim por diante não deixam de ser relevantes, especialmente em contextos de mediações.

O foco não está necessariamente em produzir dispositivos para as pessoas, mas produzir com as pessoas. Para isto é preciso que engenheiros e *designers* revisem seus valores e suas categorizações a cada projeto. Neste sentido, Spinuzzi (2002) indica a prototipagem cooperativa onde, desde o início, usuários e *designers* analisam e discutem a situação em um movimento de colaboração que completa, que não desqualifica. Desta forma, o desenvolvimento do dispositivo parte da aprendizagem dos usuários. Estes não participam apenas como *feedback* para os *designers*.

Estas considerações sobre destinatários são postas, não no sentido extremo, onde dada a diversidade dos visitantes há de haver um dispositivo para cada, por assim dizer personalizado. Ainda não se alcançou este patamar, e talvez nem seja este o caminho, porque o uso coletivo de um dispositivo encontra aspectos importantes de interações sociais. A atenção não está tanto para quem projetamos, mas com que viés projetamos.

Tecnologias e práticas, ao serem passadas, moldam o *design* de forma tal que, mesmo que envolvidos em atividades “puramente técnicas”, os *designers* são guiados por valores sociais<sup>88</sup>. O contexto cultural que se apresenta no *design*, assume duas formas: crenças e práticas do mundo da vida cotidiana, e conhecimento culturalmente tendencioso sedimentado em disciplinas técnicas moldadas por uma história de escolhas técnicas. Como já abordado na Parte I deste livro, as intencionalidades estão presentes nos dispositivos desde a elaboração dos projetos, mas antes mesmo, estão presentes nos enunciados que se somam e se articulam para comunicar algo no espaço museológico.

Sendo os museus lugares onde acontecem interações, considerar como a vida é percebida pelo usuário é um aspecto importante. Mais que conhecer o objeto, o propósito reside em interpretar e compreender o outro. A interação também desconstrói o cenário onipresente, emoções e experiências integram estes contextos e a mistura de fontes pode ser relevante. Em vez de contar uma

---

87 Rode (2011).

88 Feng e Feenberg (2008).

história, por que não contar algumas histórias? Por que não externalizar a relação entre diferentes histórias (no que se aproximam, no que se afastam, no que se contradizem)?

Os projetos que envolvem estes contextos devem aproveitar os recursos tecnológicos no sentido de priorizar formas de evidenciar os processos constituídos por diferentes narrativas, assinados por diferentes autores e suas diferentes óticas. Isto é importante porque, na ótica bakhtiniana, a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Se as experiências de visitas em museus reúnem vozes que desejam se comunicar e destinatários que desejam ouvir, não passivamente, mas de forma ativa e responsiva, os aspectos abordados neste texto merecem não somente aprofundamentos teóricos, mas amparo em bases empíricas.

## 6 MAPEANDO CONEXÕES E INTERPRETAÇÕES NA COMUNICAÇÃO DE MUSEUS

*Susana Taulé Piñol*

*Gabriel Gustavo Camargo Florentino<sup>89</sup>*

*Julia Rodrigues de Oliveira<sup>90</sup>*

*Maria Cecilia Hilgenberg Kohler<sup>91</sup>*

*Rúbia Prodossimo do Nascimento<sup>92</sup>*

*Sara Cristina Gorges<sup>93</sup>*

Com o propósito de estudar as conexões entre museus e seus entornos e de analisar o macro e microambiente da poligonal tombada do Centro Histórico de São Francisco do Sul tendo como mediação uma exposição museológica a fim de mapear conexões patrimoniais com vistas ao desenvolvimento sustentável desta localidade, em setembro de 2020, a equipe do PatriTec/SC iniciou este projeto.

Nesta perspectiva estabeleceram-se como objetivos específicos:

- a) Verificar algumas tecnologias de interação dos museus: *Tenement Museum* e *V&A* em Nova Iorque; do *Midtjylland Museum*, na Dinamarca, e *The Museum of London*, em Londres, com seus entornos;
- b) Analisar o macro e microambiente da poligonal tombada do Centro Histórico de São Francisco do Sul;
- c) Mapear conexões patrimoniais vinculando exposição Maquete do Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras (MNM-EB) e seu entorno com vistas ao desenvolvimento do turismo pedagógico e cultural.

---

89 Bolsista CNPq – Brasil.

90 Bolsista CNPq – Brasil.

91 Bolsista CNPq – Brasil.

92 Bolsista CNPq – Brasil.

93 Bolsista CNPq – Brasil.

Os principais elementos no processo de patrimonialização são: um interesse social pelo objeto imaterial e a possibilidade de um conhecimento desse objeto e de seu mundo de origem. Para identificar conexões via processo de investigação, observação e análise, verificou-se ações implantadas por outros museus em seus entornos publicadas nos sites destas instituições. O propósito desta fase foi localizar a) conexões promissoras, passíveis de narrativas que integrem museu e entorno na perspectiva dos envolvidos e b) possibilidades de conexões considerando o patrimônio histórico e cultural de São Francisco do Sul destacadas por membros da comunidade, historiadores e pesquisadores.

Ao longo do método, consultas em arquivos públicos e entrevistas com moradores da localidade foram fundamentais para o levantamento de dados. O roteiro de entrevista foi estruturado com perguntas encaminhadas via WhatsApp na mesma ordem para todos os entrevistados. Apenas após o recebimento da resposta à primeira pergunta, a segunda pergunta era encaminhada, e assim por diante. Ao final da coleta, os dados analisados consistiram em registros de observações oriundas da análise documental; registros de observações do cenário oriundas do contato com o espaço museológico e com o Centro Histórico e registros das entrevistas exploratórias. Tal abrangência e profundidade constituíram-se em um estudo de campo.

A análise bibliográfica em websites de museus concentrou-se no: *Midtjylland Museum*, que destaca-se pelo uso de *QR Code*; no *Museum Victoria & Albert - V&A*, em Londres, que destaca-se pelo uso de Podcast; no *The Museum of London*, que se destaca pelo uso da Realidade Aumentada; e o *Tenement Museum*, que proporciona uma vivência histórica por meio de esquetes.

O *Midtjylland Museum* é um museu de história cultural reconhecido pelo estado, que divulga e dá vida à história da Jutlândia Central e Ocidental como parte de uma narrativa local, mas também nacional e internacional. Fornecendo a seus visitantes inúmeras formas de apreciar o passado e valorizar a cultura, seja por achados arqueológicos ou itens vindos da cultura têxtil local. Forjando laços entre passado, presente e futuro com base na pesquisa do museu.

Neste museu, uma grande quantidade de achados pré-históricos está localizada na cidade e, muitas vezes, não há vestígios nos locais que indiquem tal presença. Por meio de um aplicativo de *smartfone*, os usuários podem optar por acessar os materiais de origem exclusivos obtidos por meio de mais de quarenta

anos de escavações arqueológicas, nos mesmos locais onde os eventos ocorreram. Neste exemplo, as experiências de visita transcendem a localização física do museu e cria uma conexão entre os achados e os sítios arqueológicos. Os visitantes na conexão físico-digital percebem uma rede de tópicos ou *links* entre os locais<sup>94</sup>.

O processo de execução deste projeto no *Midtjylland Museum*, desenvolvido com a colaboração de jovens e idosos, exigiu parceria entre curadores, cientistas da computação e *designers*. Os achados históricos situados fora do museu transformaram o processo de comunicação museológica e a necessidade de cooperação interdepartamental para sua operacionalização. Assim, colegas que não estavam trabalhando juntos precisaram compartilhar o entendimento à medida que desenvolviam o projeto<sup>95</sup>.

No museu de arte, *design* e performance, *Museum Victoria and Albert - V&A*, em Londres, o recurso *Podcast* oferece uma explicação via áudio para o público, gerando mais acessibilidade à cultura para deficientes visuais e para pessoas que preferem ouvir a história. Além da oferta de atividades personalizadas por segmento, no site institucional há um acesso específico para aprender mais sobre as coleções conforme interesse do visitante. Lá é possível encontrar opções de atividades específicas, como *webinar*, residência, materiais para escolas, cursos nacionais e internacionais, online, presenciais, de curta duração ou longa, como o mestrado em História do *Design*.

Todo o discurso que envolve o *Tenement Museum* e seu entorno, em Nova Iorque, consiste em relatos das histórias de famílias imigrantes que viveram nos cortiços desta localidade. Dentro dos serviços prestados, os visitantes podem passar por uma experiência única, visitando os cortiços restaurados e escutando as histórias das famílias sendo contadas por atores representando os antigos moradores dos pequenos apartamentos. Ao longo do trajeto, os visitantes são conduzidos por quartos sujos e úmidos, de papel de parede manchado e móveis escassos, o guia relaciona narrativas de algumas das famílias para que os visitantes comecem a ter uma sensação de personagens vivendo vidas muito difíceis onde a higiene, a privacidade e as oportunidades eram muito limitadas.

Os visitantes são informados, no início da experiência, que seus pontos de vista são valorizados e que a discussão é um dos principais objetivos dessa

---

94 Mais informações no website do *Midtjylland Museum*.

95 (BODING-JENSEN, KORTBEK e MØBJERG, 2012, p. 32).



experiência no museu, tão diferente dos outros. No final da visita, todos eles retornariam a mesma sala para chá, biscoitos e uma oportunidade de trocar pontos de vista<sup>96</sup>. Seu principal atrativo é proporcionar uma vivência da história por meio de um ambiente contextualizado com a realidade do local em seu período histórico e cultural. Em meio a um cortiço, ao contar a história das massas, o guia recebe um grupo de turistas, os cumprimenta e começa a falar sobre algumas das principais famílias apresentadas durante a visita do dia, porém rapidamente se afasta da conversa sobre a história da casa, e volta-se para se concentrar nos próprios visitantes.

O *Tenement Museum* desenvolveu um modelo a partir de um conceito de diálogo baseado no dialogismo de Bakhtin. Crucialmente, este diálogo é direcionado para a consideração de questões de imigrantes contemporâneos, contudo de tal jeito que a discordância da agenda do museu não é permitida. É vitalmente importante que outras vozes sejam ouvidas, mas é muito difícil para os museus permitir o pronunciamento de filosofias opostas, “*they can seem too unpalatable*”<sup>97</sup>. No encontro com as experiências deste museu, publicadas no website institucional, é notada certa resistência dos gestores do projeto em aceitar que “a resposta compreensível é a força essencial que participa da formação do discurso, e, principalmente, da compreensão ativa, percebendo o discurso como oposição ou reforço, enriquecendo-o” (BAKHTIN, 2015, p. 89). Tanto a cultura específica do visitante como seu comportamento de visita, ao longo da exposição impactam em sua compreensão. O museu até pode indicar um circuito aos visitantes, o que não impede estes de burlar os mecanismos de controle contidos nesse circuito, construindo vários hipertextos<sup>98</sup>. Isto significa construir múltiplas temporalidades, múltiplas sequências; é o tempo infinito da visita ao museu, similar a navegação em rede. Passar rapidamente em algumas exposições, ficar muito tempo em outra, fragmentar o conteúdo...<sup>99</sup>

96 Mais informações no website do Tenement Museum e nos estudos de Harris (2011, p. 60).

97 Trechos dos estudos de Harris (2011, p. 61-64).

98 Apresentação de informações escritas, organizada de tal maneira que o leitor tem liberdade de escolher vários caminhos. Dois textos publicados em 1965, *A file structure for the complex, the changing, and the indeterminate*, e em 1970, *No more teachers’ dirty looks*, por Theodor Holm Nelson, embora não incluam a palavra hiperlink, fazem referência às conexões complexas que caracterizam os hipertextos.

99 Também observado por Gouvêa (2007, p. 221).

Quadro 13 - Tecnologias adotadas nos museus

| Museu                | Tecnologia          | Ação                                                                                         | Valor Agregado                                                                                                                              | Outras Informações                                                                                       | Website                                                                                                       |
|----------------------|---------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Midtjylland Museum   | QR Code             | QR Code armazena uma informação como um link de um site, um informativo ou imagens           | Uma maior acessibilidade abrindo portas para integração com outras tecnologias                                                              | Funciona por meio de um código que guarda informação e disponibiliza via câmera de aparelhos eletrônicos | <a href="https://museummidtjylland.dk/">https://museummidtjylland.dk/</a>                                     |
| Tenement Museum      | Ambiente Histórico  | Monta ambiência histórica e esquetes de forma mais real possível para visitas                | Proporciona vivências por meio de circunstâncias contextualizadas                                                                           | Possui mapa interativo no website                                                                        | <a href="https://www.tenement.org/">https://www.tenement.org/</a>                                             |
| V&A                  | Podcast             | Traz audio (podcast) sobre a referência histórica                                            | Oferece explicação via áudio para o público                                                                                                 | Podcast funciona por meio de um website                                                                  | <a href="https://www.vam.ac.uk/">https://www.vam.ac.uk/</a>                                                   |
| The Museum of London | Realidade Aumentada | Faz uma leitura das fotos e as encaixa em um contexto para onde a câmera está sendo apontada | Deixa mais atrativo, oferece uma experiência mais lúdica e contextualizada, geralmente, em relação ao passado histórico da mesma localidade | Esta ferramenta funciona por meio de um aplicativo de celular                                            | <a href="https://www.museumoflondon.org.uk/museum-london">https://www.museumoflondon.org.uk/museum-london</a> |

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

## 6.1 ANÁLISE DO MACRO E MICROAMBIENTE DA LOCALIDADE

Como segunda fase, no intuito de perceber os pontos fortes e fracos, bem como, suas ameaças e oportunidades presentes em 2021, com vistas às conexões patrimoniais pretendidas para o desenvolvimento de ações que integrem o patrimônio e transeuntes desta poligonal, procedeu-se à análise do contexto macro e microambiental do Centro Histórico de São Francisco do Sul. Como téc-

nica adotou-se a análise **SWOT** (*Strengts*: forças ou pontos fortes; *Weaknesses*: fraquezas ou pontos fracos; *Opportunities*: oportunidades e *Threats*: ameaças)<sup>100</sup>.

Trata-se de uma ferramenta simples de aplicar que pode auxiliar os gestores da localidade no diagnóstico de onde estamos e na projeção de onde queremos estar no futuro. Consiste em uma matriz em que os pontos fortes e fracos da localidade são cruzados com as ameaças e oportunidades encontradas no ambiente, incitando uma reflexão básica do pensamento estratégico com vistas à competitividade. Por fim, indica possibilidades de ações estratégicas.<sup>101</sup>

A aplicação desta matriz serve como guia para os planos iniciarem. No caso do estudo apresentado neste Capítulo, o foco para aplicação foi o Centro Histórico de São Francisco do Sul em Santa Catarina. Tais análises basearam-se em dados coletados relacionados a forças macroambientais, dentre as quais: econômicas, culturais, ecológicas, demográficas, políticas, sociais e tecnológicas. Assim foi possível apurar fatores críticos de sucesso da localidade, importantes para qualquer planejamento sustentável de conexões de moradores e visitantes com o patrimônio.

No âmbito do município, a chegada de empresas e indústrias privadas foi um grande ponto forte, pois trouxe novas oportunidades de empregos e até mesmo de lazer. No ano de 2021, a economia municipal permanece predominantemente logística e portuária, fundamentada na importação e exportação de grãos. A indústria de transformação também é outra atividade que compõe a economia francisquense. Já o setor de serviços desenvolve-se principalmente no verão, por intermédio do turismo.

O Centro Histórico tem como principal ponto forte a beleza das construções antigas e suas cores contornadas pela beleza natural da Baía Babitonga, que encanta turistas e moradores. Na análise dos pontos fortes, identificou-se que este território carrega uma bagagem cultural e histórica bastante expressiva, sobremaneira em suas edificações tombadas, mas também condições geológi-

---

100 Este tópico foi desenvolvido com base nas atividades de ensino integradas à pesquisa dos alunos do Curso de Administração Integrado ao Ensino Médio – Unidade Curricular Planejamento Estratégico e do Curso de Guia de Turismo Integrado ao Ensino Médio – Unidade Curricular Empreendedorismo, regularmente matriculados em 2021. Ambas as unidades foram ministradas pela professora Susana Piñol, em 2021, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Câmpus São Francisco do Sul.

101 Para mais informações vide Silva e Piñol (2016, p. 42).

cas favoráveis. Ambas ofertam uma paisagem natural e cultural com forte apelo turístico.

Na sobreposição dos pontos fortes da polygonal com as oportunidades constatou-se que o turismo histórico-cultural, englobando as práticas regionais caiçaras, açorianas e guaranis, pode ganhar espaço em função do panorama geográfico e cultural. Além disso, a promoção de eventos típicos e culturais também é uma grande oportunidade. A Festilha e as festas religiosas são muito conhecidas na ilha, geralmente ocorrem na Rua Babitonga e mostram um pouco da cultura e gastronomia regional.

A Baía Babitonga é muito conhecida pelas aves marinhas, pelos botos cinzas e as toninhas, espécies que estavam ameaçadas de extinção monitoradas pelo Projeto Toninhas. A prática do Turismo Náutico pode ser acentuada devido ao panorama natural da baía, o píer, o valor histórico, a rede de comércio e o Porto Estadual desde que vinculada à preservação das toninhas e botos presentes na Baía Babitonga regulamentada por lei.

A cidade é conhecida também por suas trilhas ecológicas, onde é possível identificar sua vegetação típica, grande diversidade de espécies vegetais e também se encantar com diversas paisagens. Porém, como toda a localidade, alguns aspectos, mesmo os controversos, podem ser melhorados, dentre os quais a acessibilidade e os cuidados com o meio ambiente.

Em função da característica das ladeiras em pedras e calçadas estreitas, não há uma boa estrutura para aqueles que são portadores de alguma necessidade especial, deficientes visuais e cadeirantes, eis um desafio a ser superado que requer maiores estudos envolvendo tecnologias de mobilidade inteligente e conservação do patrimônio. Um Plano de Mobilidade Urbana que considere tais questões de forma integrada com a manutenção e preservação da arquitetura pode auxiliar, mas precisa considerar a linha ferroviária que atravessa o centro. Devido às condições geológicas de São Francisco do Sul, transportes ferroviários, rodoviários e hidroviários fazem parte de uma grande gama de locomoção e transporte de carga deste local, o que traz grandes benefícios para o crescimento do porto e dos escritórios nessa área, mas, por outro lado, a conciliação dos transportes ferroviários e rodoviários traz um grande problema de locomoção, impedindo o trânsito em horários de pico. Os restos de soja que

caem dos vagões ocasionam cheiro desagradável, acentuado pelos bueiros que também causam o mau cheiro e propagam roedores que transmitem doenças.

Um alto fluxo de visitantes põe em risco a poligonal. É relevante considerar que, mesmo pelo acesso marítimo, se muitas pessoas desembarcam no local semanalmente, consumindo os serviços comerciais nas redondezas portuárias, põem em risco a preservação ambiental. Quando há um alto fluxo de visitantes, mesmo com toda a limpeza existente dentro do Centro Histórico, os lixeiros dispostos em todo seu perímetro são negligenciados. A falta de praia e água boa para o banho dificulta melhores experiências no Centro Histórico; nota-se que, sem uma adequada gestão, a beleza da Baía e de determinados pontos turísticos, principalmente aqueles associados ao ecoturismo, podem ser enfraquecidos e prejudicados.

As dimensões dos navios que atracam no porto se destacam na paisagem, porém podem trazer danos ao meio ambiente. A preservação das toninhas e botos é afetada por estes fatores que têm consequências diretas à saúde e ao bem-estar animal. Percebe-se que há o impasse entre a preservação ambiental e o desenvolvimento urbano portuário potencializado pelos problemas sanitários provenientes da atividade portuária, a falta de higiene urbana e a poluição da Baía Babitonga, representando um problema grave que se solucionado abre oportunidades para o Turismo Náutico.

Ainda sobre a insuficiência de estrutura para acomodar a demanda turística, no que diz respeito aos aspectos de comunicação para o visitante, a falta de informação ao turista é bem proeminente. Os turistas que vêm para São Francisco do Sul normalmente não sabem a história que existe por trás da cidade, as histórias da arquitetura europeia, o valor religioso e o sociocultural. Além do guiamento turístico, a instalação de painéis de localização beneficiaria a circulação, bem como, os cuidados com a preservação. O acesso aberto à Internet associado ao uso de *QR Code* com mapas localizando os pontos turísticos seriam investimentos que tornariam o Centro Histórico mais “moderno” sem afetar as edificações históricas.

As casas de arquitetura histórica são antigas e requerem manutenção constante. O monitoramento quanto ao bom uso das edificações históricas apesar dos conflitos suscitados entre gestores da localidade, órgãos fiscalizadores e moradores deve ser mantido. A beleza cultural e arquitetônica, o valor histórico,



os museus e os eventos culturais sem este monitoramento constante correm riscos, pois tendem a perder suas características originais, ficar vulneráveis e enfraquecidos sem o aporte da manutenção arquitetônica pautada na preservação do patrimônio histórico e cultural.

Uma vez que a demanda turística atual relaciona-se fortemente à sazonalidade em função dos balneários mais distantes do Centro Histórico, uma gestão determinada a planejar o uso estratégico e sustentável do casario trará benefícios para moradores e visitantes, principalmente dos serviços que a localidade mais carece. Os turistas, por exemplo, têm poucas opções de hospedagem e a vida noturna quase inexistente em eventos culturais e gastronômicos é uma oportunidade pouco aproveitada, para tanto, atenção especial merece a iluminação com vistas à ampliação de atividades e festividades da comunidade à noite, sem prejudicar, contudo, o bem-estar dos residentes da poligonal.

Mais opções e aprimoramento de áreas de lazer e de interação entre turistas e moradores proporcionam a sensação de segurança e conforto em ambientes externos como praças, decks, trapiches, agregando valor à beleza que reúne na paisagem o centro histórico, a baía e a serra ao fundo. Os píeres e, principalmente os trapiches, já são procurados como palco de muitos casamentos e ensaios fotográficos.

## **6.2 CONEXÕES POTENCIAIS DO MUSEU COM SEU ENTORNO**

Diante das condições da poligonal no tempo presente com o propósito de estabelecer conexões com as vivências do passado, observaram-se duas possibilidades representadas na Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul 1930/1940 que compõem o acervo do Museu Nacional do Mar – Embarcações Brasileiras (MNM-EB) situado na mesma poligonal: a Igreja Nossa Senhora das Graças (Igreja Matriz) e o Mercado Público Municipal (Figura 4).

Figura 4 - Conexões no diorama do Centro Histórico



Fonte: Imagem adaptada de Arquivos de Pesquisa de Piñol (2021).

A Igreja Nossa Senhora das Graças (Igreja Matriz), no diorama exposto no MNM-EB, é enaltecida pela sua arquitetura vista do exterior desde o painel de entrada, marcando a presença desta edificação na paisagem do Centro Histórico pela interpretação de fotografos de outras épocas. Os depoimentos de Dona Rosinha, na ocasião do processo de musealização, revelam a movimentação no entorno da Igreja nas décadas de 1930 a 1940, reforçando a relevância de sua presença na comunidade. Mais detalhadamente é possível perceber, em seu entorno, o diorama da Festa Nossa Senhora das Graças.

Nas aquarelas de Conny é possível observar o processo de sua construção ao longo dos anos, as sucessivas modificações na Igreja Matriz. As mesmas aquarelas em sequência também podem ser encontradas na publicação de Thiago (2004, p. 84–85), junto a um texto que conta um pouco da história de sua instalação quando o povoado não tinha nem uma dúzia de habitantes e das festas que aconteciam em seu entorno. Na Maquete, a Igreja Matriz é representada com uma torre e são notórios os realces dados, tanto pela exposição de imagens tradicionais como pela centralidade de sua representação no diorama, em sintonia com a edificação na poligonal tombada. Características da edificação, detalhes

da história e das lendas são nós significativos em torno da Igreja Nossa Senhora das Graças, conforme observa-se nos relatos dos entrevistados (Quadro 14).

Quadro 14 – Edificação, história e lendas - Igreja Nossa Senhora das Graças

| Categorias                                               | Relatos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                           |
|----------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Característica da Edificação e seu enlace com a História | <p>Nossa Igreja Matriz Nossa Senhora das Graças é uma igreja <i>muito</i> antiga, ela foi iniciada em 1699 com mão de obra escrava e com ajuda do povo [...] ela guarda no interior a imagem da Padroeira que tem <i>mais</i> de 400 anos.</p> <p>[...] eles faziam uma mistura de cal, areia, conchas e óleo de baleia e é' essa mistura era a argamassa. A princípio ela foi construída com uma torre só, e mais tarde em 1926 que foi construída a segunda torre ...</p> <p>[...] uma das curiosidades [...] é a técnica construtiva, a maneira como ela foi <i>construída</i>, com <i>pedras</i>, com <i>argamassa</i> feita de óleo de baleia e conchas.</p> <p>[...] em 1735 a igreja encontrava-se em situações precárias com a estrutura comprometida e em 1768 houve uma adesão do padre junto à comunidade para construir uma nova igreja orçada em quinhentos mil réis. Nesta obra foi contratado o construtor e pedreiro Caetano Gomes da Costa, que por uma irregularidade foi processado e multado, [...] essa construção ficou parada por alguns anos sendo que só em 1793 houve a continuação da obra. Em 1808 foi colocado o forro e só em 1821 foi feita a pintura do forro, e em 1827 foi construída a primeira torre, que é essa torre do lado direito, [...] e a igreja foi concluída em 1830.</p> <p>Em 1905 houve a aquisição de um relógio para a torre da igreja, um relógio alemão que foi instalado e ficou funcionando a partir de 1906. [...] Construído inicialmente em estilo veneziano, a matriz passou por diversas modificações que descaracterizaram a parte externa da igreja.</p> <p>Em 1914 o altar mor original talhado em madeira foi substituído por outro de madeira; em 1º de maio de 1949 foi construído o atual em alvenaria. A segunda torre do lado esquerdo teve a sua construção iniciada em 1922 autorizada pelo Vigário Frei Seu Baudó, com a mão de obra do seu Curt Carmard, e concluída em 1957.</p> <p>A primeira grande reforma na fachada da igreja para o lado de fora foi executada no ano de 1926, com a abertura de diversas janelas nos estilos coloniais,... mudança do arco e colocação de cimbalhas... O piso que inicialmente era de chão batido foi trocado por assoalho. No ano de 1946, foi substituído por belos ladrilhos decorativos que até hoje se encontram na igreja.</p> <p>E em 1967, houve uma mudança interna com o pároco padre Mário Danese, [...] mudança no púlpito, na mesa de comunhão, nos altares laterais internos em madeira talhada: foram todos retirados da igreja, ficou uma igreja meio lisa por dentro, meio oca. Só em 2003 começaram a fazer uma recuperação e restauração dessa parte interna, [...] os altares laterais foram substituídos em 2011, na gestão do padre Édson Alves Viana.</p> |

|                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                 |
|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Detalhes das Lendas | <p>[...] ela abriga a imagem da Nossa Senhora da Graça, que, segundo a lenda, teria vindo num bergantim espanhol, ainda lá no século dezessete. [...] e a nossa festa da padroeira já tem mais de trezentos anos!</p> <p>[...] muito tempo atrás... era costume... enterrar os devotos... no interior das igrejas. Diz a lenda... diz a história... que aqui em São Francisco do Sul da porta até o arco do Cruzeiro eram enterrados as pessoas comuns, as pessoas devotas, do arco do Cruzeiro até o altar eram enterrados personalidades e religiosos e fora da igreja, escravos. Enfim, até na instalação dos mastros das Bandeiras, ali em frente à igreja, houve relatos que encontraram algumas ossadas.</p> <p>Essa é uma questão interessante sobre a nossa igreja matriz, além de algumas outras lendas que permeiam a igreja. A lenda de que havia um túnel que ligava ela ao colégio franciscano e ao morro do hospício, [...] mas nunca de fato eu vi ou soube da veracidade desse fato aí, dos túneis, sabe, mas é uma questão interessante.</p> <p>[...] tem até uma história do <i>cabecinha</i>, é uma lenda [...] que não conseguiu <i>enterrar</i> um parente seu, um filho seu no local que é designado para as autoridades [...] diz que na época ele se revoltou, parece que prendeu o padre, colocou o padre numa Canoa à deriva e rogou uma praga para a cidade.</p> <p>A lenda da missa dos mortos também está ligada à Igreja Matriz, de que um pescador teria vindo da Vila da Glória trazendo uma pessoa que dizia que vinha para uma missa na Igreja Matriz, então quando esse pescador atraca a canoa ali na Babitonga, ele segue a pessoa até a igreja e quando ele adentra a igreja ele vê que realmente está acontecendo uma missa, mas que várias pessoas que estão ali já eram falecidas.</p> |
|---------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Embora seja possível acessar vários registros sobre este patrimônio, tais dados estão dispersos, principalmente para visitantes e novos moradores. Muitos jovens que nasceram na cidade também desconhecem na íntegra o passado desta edificação. Observando os recursos empregados por outros museus em seus entornos e, ciente da beleza cultural e arquitetônica, o valor histórico, a proximidade de três museus, os eventos e a centralidade da Igreja Matriz na poligonal e sua proximidade com os demais atrativos culturais e naturais (Parque Ecológico, Trapiche, Baía Babitonga), parece pertinente possibilitar um maior acesso a tais informações considerando as seguintes ações:

- a) uso da Realidade Aumentada, a exemplo do *Museum of London*, aproveitando a quantidade disponível de imagens antigas da edificação;
- b) adotar o recurso de *podcast*, empregado pelo V&A, para contar as lendas que envolvem a igreja, com o apoio de vozes de jovens moradores ou artistas que já realizam esquetes nos museus;
- c) adotar *QR Code* para possibilitar acesso a mais informações disponíveis em site e acessar um mapa da poligonal que indique onde obter mais informações sobre a Igreja: Museu de Arte Sacra, Exposição da Maquete

no Museu Nacional do Mar, Biblioteca Municipal e locais de aquisição de livros com as Lendas; Museu Histórico para visualizar as paredes construídas com óleo de baleia entre outras informações.

Outra conexão patrimonial que movimenta o comércio e encontros da comunidade diz respeito ao Mercado Público de São Francisco do Sul, localizado junto à orla da Baía Babitonga no Centro Histórico. A posição desta edificação no território da poligonal é estrategicamente relevante, o mercado fica ao lado do trapiche que recebe semanalmente embarcações com turistas.

Na exposição do MNM-EB, que representa as décadas de 1930/1940 (Figura 6), percebe-se um amplo espaço ao lado do mercado, espaço em tempos hodiernos, ocupado por outras edificações e estacionamento de carros; antes, por carroças e pessoas.

A análise de dados apontou que não há muita informação disponível sobre a edificação em si, entretanto os depoimentos revelam potencial de afetividade dos antigos moradores com este espaço devido aos encontros que ali ocorriam, às vivências na infância e o ato de olhar para a baía no aguardo das mercadorias. Neste sentido, mais informações históricas sobre o fluxo de mercadorias no Planalto Norte e seu vínculo com os portos e com os produtos que chegavam no mercado, reunindo a comunidade, trarão uma abordagem interessante enquanto comunicação interpretativa desse patrimônio, como é possível observar no Quadro 15.

## Quadro 15 – Edificação e movimentações econômica e social - Mercado Público Municipal

| Categorias             | Relatos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
|------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Edificação             | <p>O Mercado Público Municipal foi inaugurado em janeiro de 1900, e o atendimento ao público era realizado através de uma bateria de <i>box</i> na área <i>central</i> e na área <i>externa</i> também ...</p> <p>Com o aumento da comercialização de diversos produtos, entre eles o agrícola e a parte de pescados, que era o forte... [...] tanto da vila como depois da cidade de São Francisco, era comercializado no centro histórico às margens da Baía Babitonga, na antiga Rua da Praia, hoje Rua Babitonga. [...] houve essa necessidade de um local apropriado, um local que tivesse realmente um abrigo e pudesse abranger toda parte desses vários produtos que vinham de várias localidades pra comercialização. [...] foi iniciado um aterro na orla, junto ao mar da Baía, um aterro ali entre 1894 e 1895, e depois do aterro pronto começou a obra em 1896 e, somente em 20 de janeiro de 1900, depois de quatro anos foi inaugurado o novo prédio do mercado público pelo primeiro superintendente, o senhor Luiz Antônio Ferreira Gualberto, o primeiro superintendente (uma função de superintendente é igual a prefeito).</p> <p>[...] Foi um dos primeiros prédios construídos na orla da baía e no Centro Histórico, na antiga Rua da Praia, hoje Babitonga. Sabe-se que um dos pedreiros dessa obra foi o seu João Russo. Os atendimentos eram feitos pelos boxes, na parte interna do novo mercado. Tinha quatro acessos na parte externa do prédio e anexo ao prédio para o alto-mar também tinha uma peixaria originalmente em madeira. Somente em 1928 é que foi construída anexo ao prédio pro lado do mar uma nova peixaria. [...] Outras reformas aconteceram durante todo o século XX, sendo que na década de trinta foram construídas portas que possibilitavam que cada box também pudesse comercializar as suas mercadorias do lado externo.</p> <p>Já no final dos anos 60, início dos anos 70, o prédio já estava em condições bastante precárias e abandonado, chegando até a se pensar em <i>demolir</i> o prédio e construir um novo. Também tem a proposta de venda do local ali para um empreendedor, também da terra, o senhor Lida Machado que, nessa época, estava abrindo o primeiro Supermercado de São Francisco. E foi com muita luta de alguns homens influentes aqui de São Francisco, e principalmente os historiadores também, como o caso do senhor Manoel Dedé de Carvalho, seu Neco, seu Otávio Silveira e outros que lutaram nessa época pela preservação e a restauração desse prédio [...] foi feita essa restauração do prédio em 1976, quase no final do mandato do nosso prefeito, José Schmidt. Perdendo parte de sua originalidade [...], mas tem muita coisa ali que ainda <i>ficou</i> da construção original.</p> |
| Movimentação Econômica | <p>[...] eles vendiam de tudo ali, os produtos agrícolas, a produção pesqueira artesanal da Baía Babitonga foram sempre preferidos pela <i>população</i> francisquense ... e até hoje ... funciona, tem diversos produtos como lojinhas de artesanato e lembrancinhas também de São Francisco.</p> <p>[...] foi sempre ali um ponto de referência da venda dos produtos locais principalmente no início do século passado, [...] as pessoas traziam de canoa [...] abacates, a farinha, os produtos produzidos na área rural pra serem vendidos ali [...]</p> <p>Esse mercado recebia mercadorias de várias localidades e regiões, entre elas a Vila da Glória, Pontal, Palmital, [...] na própria São Francisco em várias localidades, Morro Grande, Laranjeira [...] tinha muita comercialização, nessa época, de farinha de mandioca.</p> <p>[...] uma lembrança que tenho <i>até hoje</i>... minha época de criança, [...] eu via as Canoas atravessando a baía... com seus <i>mastros brancos</i> trazendo <i>frutas peixes</i> aqui para o mercado. Eu lembro na época da tangerina... as Canoas vinham quase na linha d'água, carregadas de tangerina e a gente corria para o mercado [...] é eu morava na praia do Mota, aí eu conseguia ver a as Canoas atravessando. A gente corria para o mercado para chupar tangerina.</p>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |



|                     |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
|---------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Movimentação Social | <p>Em torno dele realizam-se desfiles, festas, encontros de motos e organizações esportivas.</p> <p>Foi um dos pontos importantes da nossa cidade, onde além de comercializar os produtos, a mercadoria, servia também de um ponto de encontro das pessoas [...] vários bate-papos. [...] era ponto de encontros. Na atualidade, nós temos ali um grupo que joga o dominó, tem ali uma referência... de encontro ainda, só que em outro formato.</p> |
|---------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Os recursos de *podcast* reunindo depoimentos das vivências dos moradores e de *QR Code* com fotos antigas (passíveis de serem visualizadas por Realidade Aumentada), trazendo informações sobre as rotas, a origem dos produtos e a influência deste período áureo da cidade na construção do casario edificado e da permanência deste mesmo casario na poligonal em função do período de estagnação econômica, disponibilizados na sala da Maquete no MNM-EB, são oportunidades de ampliar acesso de visitantes à história da cidade e a vontade de visitar o interior do Mercado Público Municipal que fica nas proximidades do museu instigando a valorização patrimonial.

A reunião destas informações possibilitará uma percepção mais completa sobre o que acontecia no passado no entorno desta edificação que permanece como espaço de encontro, seja para um jogo de dominó com os velhos amigos seja para a Festilha que atrai moradores de outras cidades do entorno. Complementarmente, de modo mais esporádico, sugere-se a realização de esquetes teatrais na própria edificação, possibilitando o toque, o cheiro e o consumo de tais produtos, programadas segundo o fluxo de turistas sem prejuízo ao uso do mercado pelos moradores.

# 7 ATRIBUTOS DO CARNAVAL DE RUA DE ANTIGAMENTE PARA UMA MATRIZ DE COMPREENSÃO E ADERÊNCIAS PATRIMONIAIS

*Susana Taulé Piñol*

*Gabriel Gustavo Camargo Florentino<sup>102</sup>*

*Julia Rodrigues de Oliveira<sup>103</sup>*

*Maria Cecilia Hilgenberg Kohler<sup>104</sup>*

*Rúbia Prodossimo do Nascimento<sup>105</sup>*

*Sara Cristina Gorges<sup>106</sup>*

Uma exposição museológica pode dizer quase nada para um sujeito e dizer muito para outro, mas, ao incentivar a conexão de alguns fios dialógicos que, quiçá, sem a mesma não seriam percebidos, se instiga outras perspectivas na relação com o outro fomentando compreensões ativas demandadas por quem dela se aproxima, mesmo que pela primeira vez. Não se espera que o museu apenas repita as informações coletadas sobre o acervo, tampouco que os visitantes repitam o que viram ou ouviram no museu sem agregar nada a mais de suas vivências.

Pelo encantamento vem o gosto pela descoberta. A ressonância do patrimônio cultural está associada, sobretudo, à recepção de um bem patrimonializado e às conexões dessa recepção com processos de atribuição de valor, ou seja, quanto maior ou menor a ressonância, maior ou menor o reconhecimento ou a aceitação de um grupo. Está no percurso da ressonância, extrapolando o acervo exposto, reflexões sobre: como os objetos chegaram a ser expostos? Como eram origi-

---

102 Bolsista CNPq - Brasil/IFC.

103 Bolsista CNPq - Brasil/IFC.

104 Bolsista CNPq - Brasil/IFC.

105 Bolsista CNPq - Brasil/IFC.

106 Bolsista CNPq - Brasil/IFC.

nariamente utilizados? Que condições culturais e materiais possibilitaram sua produção? Quais os sentimentos das pessoas que originariamente os possuíam ou produziram? Qual o significado do meu relacionamento com esses mesmos objetos agora que eles estão expostos neste museu?<sup>107</sup>

No artigo Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência, publicado no Encontro Anual do Subcomitê Regional de Museologia para a América Latina e Caribe (ICOFOM LAM), em 2012, Luiz Carlos Borges<sup>108</sup> e Márcio D’Olne Campos acrescentam ao debate o termo aderência. Segundo os autores, enquanto a ressonância refere-se aos afeitos de memória entre um bem cultural e um sujeito ou grupo, a aderência é relativa a um menor ou maior grau de relevância para um sujeito pertencente ao contexto de determinado bem.

Os visitantes não são tábulas rasas onde o conhecimento ou o saber museológico será “transmitido”, os sujeitos que pesquisam e preparam a exposição também não. A aproximação do objeto se dá por sujeitos que em seu interior já estão povoados por muitas vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias em permanente movimento<sup>109</sup>. Eis a relevância de apurar-se a aderência do sujeito para com o objeto.

O aspecto histórico e social que permeia o planejamento das exposições dos museus evidencia que o ouvinte (real ou imaginado) molda o enunciado desde o princípio. A resposta antecipada evidencia-se quando os feitores vislumbram visitas à exposição em elaboração. Para evidenciar esta questão, apresentamos uma análise mais detalhada da representação do carnaval de rua das décadas de 1930 a 1940 na exposição Maquete do Centro Histórico de São Francisco do Sul.

No espaço museológico percebe-se que a temática recebe acentos tanto no registro fotográfico estampado nos painéis da entrada da sala expositiva como no diorama marcando contornos já sinalizados nas condições de feitura.

---

107 Mais informações nos estudos sobre o Museu Estatal Judaico de Praga de Greenblatt (1991, p. 253). Sobre ressonância mas relacionado ao acervo do Patrimônio Naval Brasileiro: “*Nós somos transitórios aqui. E eu não vou durar 100 anos, nem 200 anos nem 300 anos, mas uma embarcação dessa, dura, e vai narrar essa história*” (Ana Lúcia Coutinho, antropóloga e Presidente da FCC,MNM-EB, entrevista em 17/05/2019).

108 Saudoso professor, em parceria com o também saudoso Prof. Nilson Alves de Moraes das aulas de Seminário em Patrimônio e Museologia do Doutorado no PPG-Pmus/UNIRIO/MAST.

109 Para Bakhtin (2006, p. 404), “A coisa, ao permanecer coisa, pode influenciar apenas as próprias coisas; para influir sobre os indivíduos ela deve revelar seu potencial de sentido, isto é, deve incorporar-se ao eventual contexto de palavras e sentidos”.

Figura 5 - Representação do carnaval de rua de antigamente na Maquete



Fonte: Imagem adaptada de Arquivos de Pesquisa de Piñol (2021).

O diorama Carnaval traz na representação do Centro Histórico, além de uma concentração maior de personalidades em resina, a maquete de uma das últimas alegorias do artista plástico Carlos Alois Büchele, confeccionada com base em fotografias antigas daquela época. Embora nas circunstâncias de exibição da exposição, em 2020, não haja alguma outra referência ao artista, o acontecimento enunciativo dele perdura via alegoria representada em uma cadeia de comunicação discursiva, seja pelas mãos do sujeito, que registrou a fotografia naquela data, de quem preservou a fotografia, de quem a encontrou, de quem decidiu interpretá-la em diorama, de quem registrou a fotografia do diorama, analisado aqui, nas palavras que digito e enquanto digito, a ser lida por *outrem* em um tempo futuro. Mas antes ainda, por quem instigou no artista a ideia de tal alegoria.

Os registros encontrados nas pesquisas que antecederam a produção técnica dos carros alegóricos e das pessoas festejando, assim como a antecipação de respostas de seu auditório social serviram de baliza para este fazer, conforme detalha o Quadro 16.

## Quadro 16 – Direcionamentos para o futuro e para o passado

| Direcionamento |                                                                                                           | Análises e Trechos                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                   |
|----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Futuro         | Orientação ao discurso por vir (palavra preñhe de resposta <sup>110</sup> )                               | Os feitores, imaginando o que o visitante gostaria de ver, decidem manter a representação do carnaval e das demais festas de forma permanente na Maquete: no começo, a gente até pensou em mostrar o carnaval no época do carnaval. A pessoa está visitando a cidade e vem visitar o museu, visita a Maquete e vê o carnaval, só que na nossa opinião, [...] tem gente que vai visitar a Maquete fora do período do carnaval, e seria muito legal ver como era o carnaval na Maquete. Então, a pessoa veria o carnaval o tempo todo [...] a gente está produzindo bastante carro alegórico porque era bastante gente também. [...] era muita gente na rua. Muita gente mesmo aproveitando o carnaval. Era muito legal [...]                                                                                                                                          |
|                |                                                                                                           | Sobre as brincadeiras: [...] estas festividades do carnaval já aconteciam no final do século XIX, [...] no final de 1800 pra início de 1900, e eram os festejos ligados ao entrudo..., ao corso, [...] tinha escolha do Rei Momo, passeata do Zé Pereira e de Balulas... Na verdade assim, eram pessoas mascaradas que andavam nas ruas na Quarta-feira de Cinzas, [...] jogavam farinha, cinzas nos transeuntes, polvilho..., laranja de cera... Derretida com água perfumada dentro ((hum de uma velha lembrança)), e o corso era o desfile dos carros enfeitados, e os Zé Pereiras eram as pessoas que faziam parte destas passeatas, nas tardes ou nas noites, e sujavam as outras pessoas com polvilho, jogando água de balde de lata, e os Balulas, os mascarados.                                                                                             |
| Passado        |                                                                                                           | Sobre os blocos, as alegorias e o percurso: [...] há muito tempo acontece esta festividade em São Chico, o carnaval de rua com carros alegóricos, passando pela Avenida da praia, pela Babitonga ... teve um grupo bem conhecido no início do século passado, início de 1900, que eram os Dragões do Inferno [...]. Eles eram organizados pelo Senhor Leônidas Branco, que na época era também presidente do Clube 24 de Janeiro, então nessas décadas ali de 1920/1930 o carnaval era muito animado, tinham vários blocos, tinha um bloco chamado Sal com Pimenta que tem uma foto antiga inclusive desse bloco de carnaval.                                                                                                                                                                                                                                        |
|                | Enunciações em registros bibliográficos e em depoimentos de moradores relembrando acontecimentos passados | Sobre as personalidades e suas influências nas brincadeiras e nos blocos: depois, mais para a frente, no final dos anos 1940 já 1950, vem pra São Chico um Senhor chamado Teodorico Maciel, o apelido dele era Bichinho, ele era natural de Laguna e ele começa então, a fazer muita brincadeira de boi e [...] ele cria o bloco As Dengosas da Água Branca. Desse bloco vai surgindo escola de samba [...] depois mais tarde na década de 60 e 70 outros né, acabam fazendo a história do carnaval. Um deles é o Joel dos Passos, mais conhecido como Tatu que... Também participou muito do carnaval o Juci Curvelo que veio do Rio de Janeiro e trouxe daí, para São Chico uma ideia de carnaval de rua com hino sabe, com as alas e tal, mais parecido com o carnaval organizado do Rio, tinha também o Seu Maceió, que era o José Fernando do Nascimento [...]. |
|                |                                                                                                           | Sobre as alegorias e os instrumentos: numa entrevista que eu fiz em 2012 com a Dona Net, era o nome dela Ernestina Pinheiro Gomes da Silva, [...] ela explicou que [...] elas quem bordavam, as mulheres que bordavam as fantasias com brilho..., lantejo;;;ulas e que os instrumentos, muitas vezes eram feitos com couro de gato que eles pegavam pra fazer tamborim, era de gato ou cabrito [...] deixavam de molho no cal pra raspar o pelo, daí esticavam bem esticadinho e numa parede no sol e depois sim, pregavam o couro e daí viravam os instrumentos.                                                                                                                                                                                                                                                                                                    |
|                |                                                                                                           | Sobre o público que visitava a cidade e as instituições envolvidas: [...] no cenário no Sul do Brasil, e no cenário Catarinense, por conta do carnaval, [...] os desfiles nas ruas eram muito famosos, muita gente vinha pra apreciar o carnaval em São Chico, além do carnaval de rua, o carnaval no Clube Náutico, Cruzeiro do Sul e no 24 de Janeiro.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

110 Conceito bakhtiniano: "Todo discurso é orientado para a resposta e ele não pode esquivar-se à influência profunda do discurso da resposta antecipada" (BAKHTIN, 2014, p. 89). Ao se constituir na atmosfera do *já dito*, o discurso é orientado, ao mesmo tempo, para o discurso resposta ainda não dito, mas solicitado a surgir e já esperado (BAKHTIN, 2014, p. 90).

Tais análises apontaram que as informações sobre esta festividade para o transeunte que pouco sabe da cidade permanecem esparsas, apesar da exposição, excetuando abordagens especializadas a critério de guiamentos turísticos.

Na aproximação entre tecnologias e patrimônio é relevante aos gestores e colaboradores compreender os diálogos, a comunicação, as interpretações e as conexões que perpassam o enlace entre patrimônio e tecnologia no âmbito da comunidade e com a participação de seus membros. Com este propósito, a aplicação de uma matriz de compreensões e aderências patrimoniais permite mapear o quanto o público investigado conhece a origem de determinado patrimônio da comunidade e o quanto sente-se envolvido com ele. A mensuração de tais informações pode subsidiar de forma mais completa o processo decisório voltado à valorização patrimonial, principalmente por considerar a percepção da população em relação ao que conhece e ao que adere.

## **7.1 MÉTODO DE APLICAÇÃO DA FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO**

Uma abordagem qualitativa fornece dados sobre o que cada sujeito sabe, conhece e sente; no entanto, via abordagem quantitativa é possível obter informações diagnósticas que subsidiem o processo decisório em relação ao que é mais ou menos aderente ou menos ou mais compreendido ativamente pela comunidade. Assim, após a análise da coleta qualitativa, para mensurar os níveis de aderência e de conhecimento da população, selecionaram-se os atributos que foram categorizados em: Grupos e Escolas; Personalidades; Locais das Festividades; Alegorias e Brincadeiras (Quadro 17).



## Quadro 17 – Atributos do Carnaval de Rua de Antigamente de São Francisco do Sul

| GRUPOS E ESCOLAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                             |
|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Dragões do Inferno; Sal e Pimenta; Confraria do Garrafão; As Dengosas da Água Branca; Bloco das Trevas; Bloco da Vagabunda; Mocidade Independente da Água Branca; Filhos da Ilha; Imperadores do Samba; Damas de Ouro; Unidos do Paulas                                                                                                                                                                                                                                      |
| PERSONALIDADES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |
| Senhor Leônidas Branco; Senhor Teodorico Maciel (O Bixinho); Senhor Euclides do Espírito Santos (O Carioca); Senhor Izauro Carvalho (O Sambista); Senhor Joel dos Passos (O Tatu); Senhor João Ernesto G da Silva (O Nininho); Senhor José Fernando do Nascimento (O Maceió); Senhora Ernestina Pinheiro Gomes da Silva (Dona Nete); Senhor João Araldo de Souza (O Bolacha); Senhor Willy dos Santos; Senhor Geraldo Aquilino; Senhora Maria da Silva; Senhor Juci Curvelo. |
| ALEGORIAS E BRINCADEIRAS                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                     |
| Rei Momo e sua Corte; Entrudo; Corso; Passeatas dos Zé Pereiras; Balulas; Carros Alegóricos; Boi de Mamão; Fantasias cheias de brilho; Instrumentos feitos com couro de gato ou cabrito; Música “Ilha Encantada”                                                                                                                                                                                                                                                             |
| LOCAIS DAS FESTIVIDADES                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                      |
| Clube Náutico Cruzeiro do Sul; Clube 24 de Janeiro; Rua do Príncipe (Joinville); Rua Babitonga                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                               |

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

A matriz proposta para aplicação da ferramenta de diagnóstico é estruturada em dois eixos: compreensão e aderência. A fim de apurar o grau de aderência, os participantes atribuem, em uma escala de cinco pontos, a alternativa que melhor expressa sua opinião, considerando a seguinte questão: o quanto suas lembranças/experiências vividas relacionam-se com o atributo, sendo:

- 1) Não tenho nenhuma lembrança do atributo;
- 2) Tenho poucas lembranças do atributo;
- 3) Não tenho nem muita nem pouca lembrança do atributo;
- 4) Tenho muitas lembranças do atributo;
- 5) As lembranças do atributo são muito presentes/fortes.

Sobre a compreensão ativamente responsiva, esta não é um produto visto externamente, é um processo vivido do ponto de vista de um participante responsável pelo que faz. A responsividade de tal ato refere-se à relação sempre mediada pelo outro. Eu só entendo a mim mesmo a partir da relação com o outro. Este deslocamento provoca mudanças tanto em mim como no outro. Eu me modifico, o outro se modifica.

Nossas percepções de mundo vão se alterando conforme os eventos pelos quais passamos ou nos deparamos<sup>111</sup>. Da perspectiva do visitante de uma exposição, ou de um guiamento turístico em um centro histórico patrimonializado, uma resposta que pode ser uma concordância, uma discordância, um julgamento, uma ação.

Logo, distanciando-se de uma mera transmissão de conhecimento (se é que efetivamente tal transmissão exista), o que o sujeito compreende é fruto deste processo e de como esse processo é percebido por ele. Embora seja profícuo um longo debate sobre os termos conhecimento, compreensão e compreensões ativas<sup>112</sup>, para apurar o grau de compreensão, no pré-teste do instrumento, considerando o público-alvo, forneceram maior proximidade do termo compreensão ativa as seguintes opções de respostas, em uma escala de cinco pontos:

- 1) Desconheço totalmente sua origem;
- 2) Conheço quase nada sobre sua origem;
- 3) Não conheço nem muito nem pouco sobre sua origem;
- 4) Conheço sua origem;
- 5) Conheço muito bem todos os detalhes de sua origem.

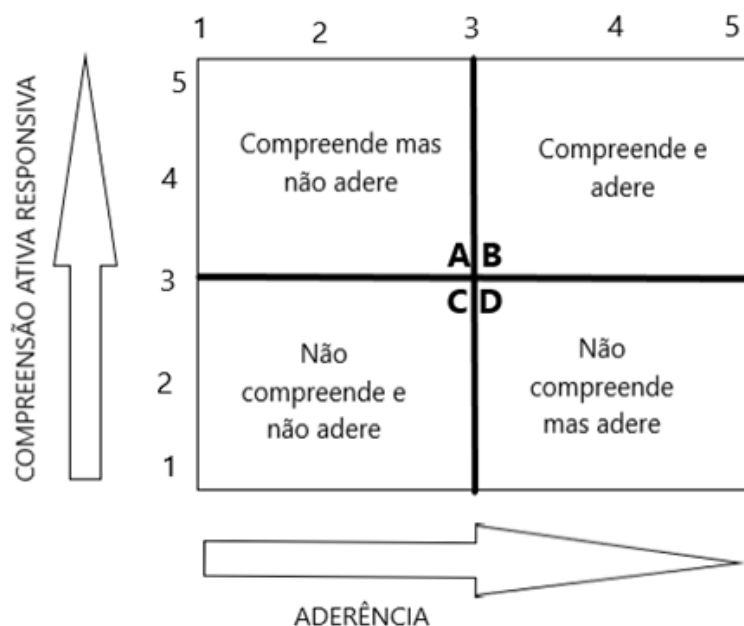
Após a aplicação do instrumento de coleta de dados são processadas as médias de aderência e de compreensão e os atributos são posicionados na matriz para sua leitura (Figura 6).

---

111 Por este mesmo motivo, nas conexões que se estabelecem via enunciados, quanto menos rarefeita é a minha rede de conexões maior é a possibilidade de distanciar-me de restritas visões de mundo. Desta rede podem ter, intencionalmente ou não, informações equivocadas, parciais, falsas. Eis a relevância das trocas de informação, do compartilhamento, da escuta...

112 Compreender um objeto, na perspectiva bakhtiniana, significa compreender “meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir evento: o que pressupõe a minha participação responsável e não a minha abstração” (BAKHTIN, 1998, p. 65).

Figura 6 - Matriz de compreensão e aderências patrimoniais



Fonte: Elaborado por Piñol (2022). Todos os direitos reservados.  
Disponibilizado para testes exclusivos no PatriTec/SC.

Com a aplicação da matriz, após a seleção dos atributos e coleta de dados junto aos participantes foi possível, por exemplo, verificar de que atributos o público investigado compreende a origem, mas não têm alto grau de aderência, ou ainda de qual atributo o público tem muitas lembranças e experiências vividas mas pouco sabe de sua origem. Os resultados publicados sobre este estudo neste capítulo, embora promissores, consistem em apontamentos preliminares, pois esta ferramenta de diagnóstico com vistas a ações de valorização patrimonial considerando diferentes perspectivas está em fase de testes exclusivos pelo PatriTec/SC.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de um patrimônio, de uma edificação histórica, de um acervo, dos indícios físicos de outra existência reside o ato de escutar o outro. Ainda que sejam pegadas pré-históricas dos ancestrais dos elefantes, eu estou em contato com outro pesquisador que, em outro momento, se aproximou deste fato ou de outro semelhante e nesse ponto nos conectamos.

Ir ao museu também é ir à escuta do outro, tanto dos fatores das exposições como das vozes que carregam objetos já comentados por outros em ocasiões que os visitantes do museu não eram seus interlocutores. Na esfera dessa instituição museal relacional, em que a museologia é ato comunicativo, o existir, parafraseando Bakhtin (1998), se cumpre realmente e irremediavelmente por intermédio de mim e dos outros, e, certamente, também no ato de minha ação conhecimento.

A palavra é a ponte entre eu e o outro e carrega valor. É preciso compreender e assimilar sob a nossa perspectiva o que está por aí, mas não nos damos conta, é preciso enxergar além do que já conseguimos. Ver, como dizem Miotello e Basinello (2020), o mesmo e o diferente no mesmo lugar. Não se trata de transmissão do conhecimento, ou de narrativas mais eloquentes que outras na concorrência de ser a versão oficial de algum tema ou de algum fato. Os sujeitos pela imaginação podem observar as experiências dos outros, refletir e refratar, mas é relevante que possam observar o real processo: os reconhecimentos, os valores, as expressões, os poderes, as presenças, as ausências...

Como este ato de olhar, de escutar além do próprio objeto, buscando conhecer algo que este de algum modo evoca, não é um processo natural, cabe o ato responsivo de profissionais tomadores de decisões em ações voltadas à comunicação do patrimônio histórico e cultural, sejam museólogos, gestores de museus e do patrimônio, arquitetos, urbanistas, educadores, turismólogos, artistas cênicos, representantes de comunidades, de associações... Todo sujeito imbuído de manter e ampliar via enunciações os elos na cadeia de comunicação discursiva entre passado, presente e futuro, ancorando na pátina do acervo, nas evidências físicas de um outro, a essência de permanência e de pertença; de compreensão e de aderência.

Para uma compreensão ativa deve-se olhar o antes e o depois, o que está dentro e o que está fora, a gestualidade de quem produz, os materiais que vão ganhando forma e, no processo, significado. A reflexão proposta neste livro contribui para a concepção da comunicação na projeção de espaços que se traduzem em plataformas para estes encontros com o outro, inclusive encontros de “fazer com” os outros. A ênfase que a observação de determinado ângulo é insuficiente à compreensão ativa é parte fundamental de qualquer proposta comunicativa. É preciso sempre olhar para a direção do sujeito que observa e compreender que, além do ângulo que este se posiciona em sua observação, há a singularidade e irrepetibilidade do sujeito, naquele restrito momento, segundo suas posições enunciativas. Isto é recorrente, independentemente do objeto observado por um sujeito; há uma miríade de interpretações.

Por fim, é imprescindível perceber que tanto as exposições museológicas como os próprios museus são processos que, embora institucionalmente e oficialmente tenham uma data como início de abertura ao público, começaram bem antes no âmago de algum sujeito e com o desencadear de acontecimentos envolvendo outros e ainda vestígios de outros incrustados em objetos que passaram pelo processo de musealização, e de outros, pelo processo de feitura, e de outros pelo processo de divulgação, e de outros, pela aderência... Em todo processo, os sujeitos, segundo suas posições enunciativas, escolhem determinados percursos e, por isso, algumas trajetórias são percorridas em detrimento de infinitas outras, tanto nos acontecimentos enunciativos da exposição em si como naqueles sobre a exposição.

Assim, é inerente ao processo de enunciar o calar. Acentuar e ofuscar, uma ação não acontece sem a outra. Se acentuo alguns aspectos, inevitavelmente, oculto outros. Eis a relevância de ampliar, sempre que possível, a justaposição de diferentes perspectivas nos museus, sem abdicar de afastar interpretações sem sentido ou que conduzem a equívocos, e sem, principalmente, exaltar uma única versão dos fatos como se não houvesse outras versões.

A gestão nesse fluxo contínuo é desafiadora, contudo necessária em um ambiente que muda continuamente e o que é mais certo é a transitoriedade cambiante com a permanência. Isto porque os vestígios visuais permanecem e resguardam os diálogos de outros para que os sujeitos por vir aproximem-se e, tendo como base a imaginação, apropriem-se de experiências históricas e culturais alheias.

# REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B.; VALENTE, J. A. Currículo e contextos de aprendizagem: integração entre o formal e o não formal por meio de tecnologias digitais. **Revista e curriculum**, v. 2, n. 12, p. 1162 - 1188, mai./ out. 2014. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>. Acesso em: 22 set. 2015.

AMORIM, M. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em Ciências Humanas. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 2002. p. 7-19.

APPADURAI, A. **A vida social das coisas**: as mercadorias sob uma perspectiva cultural. Niterói-RJ: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

ARAUJO, M. M. Waldisia Rússio Camargo Guarnieri: a agente da utopia. In: BRUNO, M. C. O.; ARAUJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L. (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri**: textos e contextos de uma trajetória profissional. São Paulo: Pinacoteca/ICOM, 2010. v. 2, p. 103-144.

ASSIS, N. **Cidade polifônica: indícios de memórias outras na paisagem**. 240 f. 2016. Tese de Doutorado em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

BAKHTIN, M. **O homem ao espelho**: apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Editora Pedro & João, 2019.

BAKHTIN, M. **Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução: Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, M. **Teoria do Romance I: A estilística**. Tradução: Paulo Bezerra. Edição: 1ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, M. **Questões de literatura e estética**: a teoria do romance. Tradução: Aurora Formoni Bernardini. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello; Carlos Alberto Faraco. São Paulo: UNESP/HUCITEC, 1998.



BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BASINELLO, P. Z. **Uma viagem ao encontro do tempo de alteridade no turismo**: desmembrando horizontes epistemológicos a partir das contribuições de uma filosofia dialógica da linguagem do Círculo de Bakhtin. Tese de Doutorado em Ciência, Tecnologia e Sociedade. Universidade Federal de São Carlos, São Paulo, 2017.

BARRETTO, M. **Turismo e legado cultural**. 2. ed. Campinas-SP: Papirus, 2003.

BAUMGART, C. **Entrevista com Conny Baumgart**. Entrevistadora: Susana Nunes Taulé Piñol. [S. l.: s. n.], 28 out. 2019.

BAUMGART, C. **Entrevista com Conny Baumgart**. Entrevistador: Dauto da Silveira. [S. l.: s. n.], 2008. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/172/0>. Acesso em: 17 nov. 2020.

BAUMGART, C. Navegando no modelismo. In: **Seminário do Patrimônio Naval Brasileiro**. São Francisco do Sul-SC: Museu Nacional do Mar, 2005. p. 149–156.

BEZERRA, D. B.; SERRES, J. C. P. A musealização de um passado ambíguo: o caso dos lugares de isolamento compulsório, entre afetos privados e a transmissão de uma memória heroica da saúde. **Revista Memória em Rede**, [s. l.], v. 11, n. 20, 2019. p. 60–82.

BODING-JENSEN, K.; KORTBEK, K. J.; MØBJERG, T. Digital threads: transforming the museum experience of prehistoric finds in the landscape. Museum Midtjylland - Herning Museum and The Alexandra Institute A/S. In: **The Transformative Museum**. Roskilde University, 2012.

BØDKER, S.; KYNG, M. Participatory design that matters facing the big Issues. **ACM Trans. Comput.-Hum. Interact.** 25, 1, Article 4 (February 2018), 31 pages. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3152421>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BORGES, L. C.; CAMPOS, M. D'O. Patrimônio como valor, entre ressonância e aderência. In: Encontro Anual do Subcomitê Regional de Museologia para a América Latina e Caribe - ICOFOM LAM, 2012, Petrópolis -RJ. (SCHEINER, T. *et al.*, Org.). **Termos e conceitos da museologia**: museu inclusivo, interculturalidade e patrimônio integral. Petrópolis -RJ: Unrio/Mast, 2012. p. 112–123.

BRESLIN, S.; WADHAWA, B. Exploring Nuanced Gender Perspectives Within the HCI Community. **IndiaHCI '14**, 2014, New York, NY, USA. Anais...New York, NY, USA: ACM, 2014. p. 45–54. Disponível em: <http://doi.acm.org/10.1145/2676702.2676709>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BRUNO, M. C. O. Museologia: entre abandono e destino. Dossiê. **Museologia & Interdisciplinaridade**. v. 9, n.17, Brasília: UnB, p. 19-28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/31590/26128>. Acesso em: 09 mar. 2021.

BUBNOVA, T. Fundamenta degli incurabili: (sobre el gran tiempo). **Revista Bakhtiniana**, [s. l.], v. 12, n. Ene-Abr, p. 65–74, 2017.

BUBNOVA, T. O que poderia significar o “Grande Tempo”? **Revista Bakhtiniana**, [s. l.], v. 10, n. maio/ago., p. 5–16, 2015.

CÂNDIDO, M. M. D. Teoria museológica: Waldisa Rússio e as correntes internacionais. In: BRUNO, M. C. O.; ARAUJO, M. M.; COUTINHO, M. I. L. (org.). **Waldisa Rússio Camargo Guarnieri: textos e contextos de uma trajetória profissional**. São Paulo: Pinacoteca/ICOM, 2010. v. 2, p. 145–158.

CARVALHO, C. S. **A escuta de memórias nos labirintos da favela: reflexões metodológicas sobre uma pesquisa-intervenção**. 260 f. 2015. - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/56962405-A-escuta-de-memorias-nos-labirintos-da-favela-reflexoes-metodologicas-sobre-uma-pesquisa-intervencao.html>. Acesso em: 24 ago. 2020.

CATALDO, L. Performance workshop, dialogic tour and multimedia storytelling: new relationships in the dialogic art museum. In: **The dialogic museum and the visitor experience**. [S. l.]: ICOM, 2011. p. 19–25.

CHAGAS, M. S. Memória e poder: dois movimentos. **Cadernos de Sociomuseologia**, [s. l.], v. 19, n. 19, p. 43–81, 2002.

CLIFFORD, J. Museus como zonas de contato. **Periódico PeRmanente**, [s. l.], v. 6, n. Fev, p. 1–37, 2016.

DARRAS, B. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. In: BARBOSA, A.M.; COUTINHO, R. **Arte/educação como mediação cultural e social**. São Paulo, Editora Unesp, 2009.

DAVALLON, J. Memória e patrimônio: por uma abordagem dos regimes de patrimonialização. In: TARDY, Cécile; DODEBEI, Vera (org.). **Memória e novos patrimônios**. Marseille: OpenEdition Press, 2015.

DESVALLÉES, A.; MAIRESSE, F. **Conceitos-chave de museologia**. Tradução: Bruno Brulon Soares; Marília Xavier Cury. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2014.

DOURISH, P. Commentary: *Interactivity As Cultural*. **Human–Computer Interaction**, v. 32, n. 3, p. 153–154, maio, 2017.

FARIA, A. C. G. Educar no museu: o Museu Histórico Nacional e a educação no campo dos museus (1922-1950). 2017. Tese de Doutorado em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/158339/001021268.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 2 set. 2018.

FENG, P.; FEENBERG, A. *Thinking About Design*. In: Vermaas, P. E. (Org.). **Philosophy and Design: From Engineering to Architecture**. [S.l.]: Springer, 2008, p. 105.

FLEURY, C. L'expérience des visiteurs dans les musées de la Grande Guerre: quelques pistes pour le dialogisme. In: **ICOFOM Study Series**, 2011, n. 40, Paris-Taipéi, p. 75-85. Disponível em: <http://network.icom.museum/icofom/publications/our-publications/>. Acesso em: 10 maio 2020.

FONSECA, M. C. L. **O Patrimônio em processo**: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ/MinC-IPHAN, 1997.

FRANCO, M. I. M. **Planejamento e Realização de Exposições**. Brasília-DF: IBRAM-MinC, 2018.

FRANCO, M. I. M.. A atribuição dos museus no contexto nacional e internacional: museus e histórias controversas: dizer o indizível em museus. **Jornada técnica**: objetos controversos e a pesquisa em museus. Museu da República, IBRAM-MinC em 17 de mai. 2017.

FRANCO AVELLANEDA, P. M. **Ensamblar museus de ciências e tecnologias**: compreensões educativas a partir de três estudos de caso. 2013. Tese de Doutorado em Educação - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

GARCÍA CANCLINI, N. **A sociedade sem relato**: antropologia e estética da iminência. São Paulo: EdUSP, 2016.

GONÇALVES, Janice. Além da superfície: memórias da dor, materialidade e patrimônio cultural. In: FRAGA, H.; SCHIAVON, C.; GASTAUD, C. (org.). **Patrimônio plural**: práticas e perspectivas investigativas. Porto Alegre: Selbach, 2018. p. 77-94.

GONÇALVES, José Reginaldo S. Os limites do patrimônio. In: LIMA FILHO, M. F.; ECKERT, C.; BELTRÃO, J. F. (org.). **Antropologia e patrimônio cultural: diálogos e desafios contemporâneos**. Blumenau: Nova Letra, 2017. p. 239-248.

GOUVÊA, G. O saber em tempo real e em tempo virtual. In: BITTENCOURT, José N.; GRANATO, M.; BENCHETRIT, S. F. (org.). **Museus, ciência e tecnologia**. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2007. v. 1, p. 209-222.

GREENBLATT, S. O novo historicismo: ressonância e encantamento. **Estudos Históricos**, [s. l.], v. 4, n. 8, p. 244-261, 1991.

HARRIS, J. Dialogism: the ideal and reality for museum visitors. In: **The dialogic museum and the visitor experience**. [S. l.]: ICOM, 2011. p. 87-96. Disponível em: <http://network.icom.museum/icofom/publications/icofom-study-series/>. Acesso em: 18 fev. 2019.

HINSCHING, F. G. **Navio Carl Hoepcke**. [S. l.], 2018. Blog. Disponível em: <https://cortinado-passado.com.br/2018/01/16/navio-carl-hoepcke/>. Acesso em: 10 nov. 2020.

HINSCHING, F. G. **Zeppelin - voo em Joinville e São Francisco do Sul - 1934**. [S. l.], 2019. Disponível em: <https://cortinadopassado.com.br/2019/04/15/zeppelin-voo-em-joinville-1934/>.

LIMA, D.F.C. **Ciência da Informação e Museologia em tempo de conhecimento fronteiro: aplicação ou interdisciplinaridade?** IX Enancib, São Paulo, 2008.

LIMA, D.F.C. “Fertilização cruzada” e um híbrido em gestação: *informação em arte um espaço do saber*. In: **Construção da informação especializada para pesquisas em arte gerando novo campo do saber**. Tese de Doutorado em Ciência da Informação – IBICT/UFRJ, Rio de Janeiro, 2003. p. 152-106

MAQUETE MOSTRA COMO ERA SÃO FRANCISCO DO SUL ENTRE 1930 E 1940. São Francisco do Sul-SC: NDTV, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2V38qTpCGl0>. Acesso em: 19 jun. 2020.

MAUAD, .A. M. O que restou – história e documento – na prática artística de Rosângela Rennó. In FREITAS, A; GRUNER, C; REIS, Paulo; KAMINSKI, R; HONESKO, V. (Orgs.). **Imagem, narrativa e subversão**. São Paulo: Intermeios, 2016, p. 69-101.

McCARTHY, J.; WRIGHT, P. Commentary: making interactivity meaningful for contemporary HCI. **Human-Computer Interaction**, v. 32, n. 3, p. 148–152, Maio, 2017.

MENESES, U. B. Do teatro da memória ao laboratório da História: a exposição museológica e o conhecimento histórico. **Anais do Museu Paulista**. São Paulo, 1994.

MIDTJYLLAND MUSEUM. Disponível em: <https://museummidtjylland.dk/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MINIATUR WUNDERLAND. [S. l.], [s. d.]. Página Institucional. Disponível em: <https://www.miniatur-wunderland.com/>. Acesso em: 26 abr. 2020.

MIOTELLO, V.; BASINELLO, P.Z. [s. l.], 2020. Rede Social. Disponível em: <https://www.facebook.com/ppgcultufms/videos/746996119383172>. Acesso em: 12 ago. 2020.

MORAES, N. A. Museus e poder: enfrentamentos de um *incômodo* de pensar e fazer. In: MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (ed.). **O caráter político dos museus**. Rio de Janeiro: MAST, 2010. (Mast Colloquia). v. 12, p. 7–26.

MUSEU DO AMANHÃ. Sobre damas e camélias. Educativo. **Semana de Museus**, 2017. Disponível em: <https://museudoamanha.org.br/pt-br/content/sobre-damas-e-cam%C3%A9lias>. Acesso em: 14 set. 2018.

MUSEU DO MAR (ed.). **Museu do mar: São Francisco do Sul-SC**. Brasília-DF: IPHAN / MONUMENTA, 2008.

MUSEU EM MOVIMENTO. Apresentado por [S. l.: s. n.] Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=KOPh\\_ayCG0](https://www.youtube.com/watch?v=KOPh_ayCG0). Acesso em: 20 mar. 2019.

MUSEU NACIONAL DO MAR (org.). **Catálogo do Museu Nacional do Mar - Embarcações Brasileiras**. [S. l.]: Museu Nacional do Mar, [s. d.] Disponível em: <http://www.portalbarcosdobrasil.com.br/bitstream/handle/01/780/003413.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 6 maio 2020.

NEIVA, S.; PERRONE, R. A forma e o programa dos grandes museus *internacionais*. **Pós**. v.20. n.34. São Paulo, pp. 82-109, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/view/81046>. Acesso em: 26 ago. 2018.

OLIVEIRA, A. **História de instituições escolares de São Francisco do Sul-SC 1835-1935**. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

PADILHA, R. C. **Documentação museológica e gestão de acervo**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 2014. (Coleção estudos museológicos). v. 2

PIÑOL, S. N. T. **Através daquilo que foi São Chico**: navegando pelo diorama do Centro Histórico no Museu Nacional do Mar. 2021. Tese (Doutorado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade, Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

POULOT, D. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII-XXI: dos monumentos aos valores**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PREECE, J.; ROGRES, Y.; SHARP, H. **Design de interação: além da informação homem-computador**. Porto Alegre: Bookman, 2007.

ROCHA, L. M. G. de M. Apontamentos na qualificação de banca do projeto de tese de Susana Nunes Taulé Piñol. Manuscrito. Novembro, 2020.

RODE, J. A. A theoretical agenda for feminist HCI. **Interacting with Computers**, v. 23, n. 5, p.393-400, Set, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.intcom.2011.04.005>. Acesso em: 22 jan. 2018.

SANTOS, M. S. Por uma sociologia dos museus. **Cadernos do CEOM**. Ano 27, n. 41. Museologia Social. 2014.

SANTOS, S. C. Cartões postais de São Francisco do Sul. In: SANTOS, S. C.; NACKE, A.; REIS, M. J. (org.). **São Francisco do Sul**: muito além da viagem de Goneville. Florianópolis, SC: EdUFSC, 2004. p. 137-164.

SCHEINER, T. C. M. Informação, memória, patrimônio e museu: revisitando as articulações entre campos. In: **Anais XVI ENANCIB: Informação, memória e patrimônio: do documento às redes**. João Pessoa, PB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/3154/1219>. Acesso em: 20 jan. 2022.

SCHEINER, T. C. M. Museu, museologia e a “relação específica”: considerações sobre os fundamentos teóricos do campo museal. **Ciência e Informação**, [s. l.], v. 42, n. 3, p. 358–378, 2013.

SCHEINER, T. C. M. Museologia ou patrimoniologia: reflexões. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos; LOUREIRO, Maria Lúcia de N. M. (org.). **Museu e museologia: interfaces e perspectivas**. 11. ed. Rio de Janeiro: MAST, 2009. p. 43–60.

SILVA, E.R.P.; PIÑOL, S.N. T. **Marketing estratégico de localidades; reflexões do sul de Mato Grosso**. Cuiabá: EdUFMT, 2016.

SÓLA, T. Contributions to the symposium. In: 1989, Den Haag. **Forecasting - A Museological tool? Museology and futurology**. Den Haag: ICOFOM, 1989. p. 275–280. Disponível em: [https://drive.google.com/drive/folders/1QS\\_VJe9yc3hm3n3qJCAX-RRXdUMbIRwY](https://drive.google.com/drive/folders/1QS_VJe9yc3hm3n3qJCAX-RRXdUMbIRwY). Acesso em: 19 maio 2020.

SOUZA, S. J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. Campinas-SP: Papirus, 1994.

SPINUZZI, C. A Scandinavian challenge, a US response: methodological assumptions in Scandinavian and US prototyping approaches. In: **Proceedings of the 20th annual international conference on Computer documentation (SIGDOC '02)**. ACM, New York, NY, USA, 208-215, 2002.

STREET, B. Letramento acadêmico: escrita de estudantes, teorias de gênero. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, n.2, p. 347-361, 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.com/articulo.oa?id=339829613004ER>. Acesso em: 6 jun. 2018.

STUDART, D. C.; VALENTE, M. E. Museografia e público. In: GRANATO, M.; SANTOS, C. P. (org.). 6 ed. Rio de Janeiro: MAST, 2006. p. 99–120.

SUANO, M. **O Que é Museu**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

TADDEI, A. M. S. M. **Língua, patrimônio e museu no Museu da Língua Portuguesa e nas réplicas de seus visitantes**. 2013. Tese de Doutorado em Ciências Sociais - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

TENEMENT MUSEUM. Disponível em: <https://www.tenement.org/>. Acesso em: 20 jan. 2022.

THIAGO, R. S. As múltiplas histórias da Ilha e arredores. In: SANTOS, S. C.; NACKE, A.; REIS, M. J. (org.). **São Francisco do Sul: muito além da viagem de Goneville**. Florianópolis, SC: EdUFSC, 2004. p. 75–118.



VALENÇA, P. P. **La insurrección expositiva**: cuando el montaje de exposiciones es creativo y divertido, cuando la exposición se convierte en una herramienta subversiva. *Educación: aprender y compartir en museos. Memoria CECA Argentina 2007-2010*. 2016. p.208. Disponível em :<https://www.youtube.com/watch?v=l4uKs6TQmdl&feature=youtu.be>. Acesso em: 11 Set. 2018.

VIANA, L. D. Museus, Histórias, Memórias e Nação: a representação do espaço e do tempo em um cenário de poder. *In*: CHAGAS, M. S.; BEZERRA, R. Z.; BENCHETRIT, S. F. **A democratização da memória**: a função social dos museus ibero-americanos. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, pp. 15-26, 2008.

VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2016.

WAGENSBERG, J. The “total” museum, a tool for social change. **História, Ciências, Saúde – Manguinhos**, [S. l.], v. 12, n. Suplemento, p. 309–321, 2005.

## SOBRE A AUTORA

**Susana Taulé Piñol** é doutora em Tecnologia e Sociedade pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE/UTFPR), doutoranda em Patrimônio e Museologia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (PPG-PMUS/UNIRIO/MAST), Mestra em Administração pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atua como pesquisadora e professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense (IFC), onde coordena o Curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Gestão e Negócios, Curso Superior de Tecnologia em Logística e o Núcleo de Estudos em Patrimônio e Tecnologia – PatriTec/SC. Além de publicações mais recentes em artigos e capítulos de livros voltados ao campo da museologia e do patrimônio no âmbito da América Latina e Caribe, desenvolve estudos na área de gestão estratégica de cidades e do comportamento de diversos públicos de uma localidade. E-mail: [susana.pinol@ifc.edu.br](mailto:susana.pinol@ifc.edu.br).



**Núcleo de Estudos em Patrimônio e Tecnologia – PatriTec/SC**

Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Catarinense

Câmpus São Francisco do Sul

Coordenação: Dra. Susana Piñol

patritec.sfs@ifc.edu.br

Sobre os Membros da Equipe PatriTec/SC (2021/2022) e Coautores dos Capítulos: Mapeando Conexões e Interpretações na Comunicação de Museus e Atributos do Carnaval de Rua de Antigamente para Matriz de Aderência e Compreensão Patrimonial.

**Gabriel Gustavo Camargo Florentino**

Bolsista CNPq-Brasil e IFC, Técnico em Automação Industrial e Acadêmico no Curso de Graduação em Engenharia Elétrica - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Câmpus São Francisco do Sul.

**Julia Rodrigues de Oliveira**

Bolsista CNPq-Brasil e IFC, Discente do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Câmpus São Francisco do Sul.

**Maria Cecilia Hilgenberg Kohler**

Bolsista CNPq-Brasil e IFC, Discente do Curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Câmpus São Francisco do Sul.

**Rúbia Prodossimo do Nascimento**

Bolsista CNPq-Brasil e IFC, Discente do Curso Técnico em Administração - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Câmpus São Francisco do Sul.

**Sara Cristina Gorges**

Bolsista CNPq-Brasil e IFC, Discente do Curso Técnico em Automação Industrial Integrado ao Ensino Médio - Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Catarinense - Câmpus São Francisco do Sul.

Que artefatos e registros escritos e orais de sociedades antigas permanecem disponíveis para serem acessados no futuro? Que narrativas do passado perduram no tempo? Como são reinterpretadas pelos diferentes sujeitos, seguindo diversos caminhos, até mesmo os inusitados, ao extravasar as paredes dos museus?

Em uma perspectiva diferente de outros observadores, a autora traz elementos cruciais, geralmente negligenciados quando o processo de comunicação é fragmentado em Emissor – Meio/Mensagem - Receptor, e empreende uma ótica importante aos profissionais dedicados ao patrimônio histórico e cultural, percorrendo toda a cadeia de comunicação discursiva, desde a concepção de uma exposição, com a participação da comunidade, até a divulgação de sua abertura à visitação, pela mídia. Como exemplos para instigar interpretações que valorizem o patrimônio, sua relação com as pessoas, e especialmente a relação das pessoas com outras pessoas, o leitor encontrará ferramentas para o diagnóstico tanto do potencial da localidade para ações de aproximação entre os museus e seus entornos quanto da percepção de como os sujeitos aderem e compreendem o patrimônio histórico e cultural de sua comunidade.